

SET

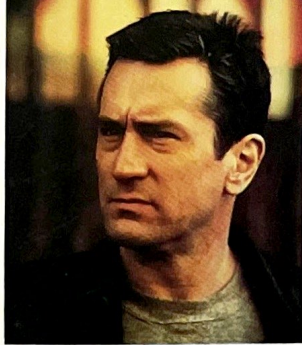
CINEMA & VÍDEO

EDITOR
AZUL
Ano 2
Nº 10
Cz\$ 860,00

SEAN CONNERY



ROBERT DE NIRO



**OS MITOS
ESTÃO EM CARTAZ**

**GRÁTIS
FICHAS DE
CINE
E VÍDEO**

**A ÚLTIMA
TENTACÃO
DE CRISTO**

**O DIRETOR
MARTIN SCORSESE
EM ENTREVISTA
EXCLUSIVA:**

**"VEJAM
O MEU FILME
ANTES DE
JULGÁ-LO"**

**VÍDEO
OS 50
MELHORES
LANÇAMENTOS
DO MÊS**



A man with dark hair, wearing a black beanie and a bright red jacket, is shown in profile, looking towards the right. He is standing in front of a brick wall. The jacket has a high collar and appears to be made of a shiny material like leather or vinyl. The background is a textured brick wall in shades of purple and grey.

L.A. BAD

Um filme que transborda de ação,
onde **ESAI MORALES**
interpreta NEEKOS VALDEZ,
um rebelde, ladrão e guerreiro
das ruas de Los Angeles.

L.A. BAD é uma aventura
cruel e sensível, que nos mostra
a luta de um homem
pela vida e pela liberdade.

**ESAI
MORALES**

O astro de **LA BAMBA**,
numa produção de 1.988
em lançamento simultâneo
com os Estados Unidos.

CAÇADOS POR UMA FORÇA DIABÓLICA
MAIOR QUE A PRÓPRIA MORTE...

PRESOS ENTRE SONHOS E A REALIDADE...
SOB O PODER DOS PESADELOS
DO INFERNO...

THRILLER

SCORCHED HEAT

Aconteceu em uma noite de outubro.
Steve e Eric provocam um incêndio no qual
seu professor Sr. Anderson, que eles odiavam,
foi morto.

Vinte anos após, o pesadelo ressurge,
fazendo-os viver sob a tensão do medo e horror.



Victimas do Ciúme

JEALOUSY

São três magníficas histórias,
soberbamente interpretadas por **ANGIE DICKINSON**
(Police Woman e Vestida para Matar).

Três histórias onde os ciúmes atingem consequências catastróficas
envolvendo obsessões individuais e tramas com muito suspense.

No elenco:

PAUL MICHEL GLASER (Starsky e Hutch),
RICHARD MULLIGAN (Pequeno Grande Homem e Almondegas II)
DAVID CARRADINE (Kung Fu e O Ovo da Serpente)
e **BO SVENSON** (Vôo Noturno e Destino de um Rebelde).



ELE SABE QUANDO SUAS VÍTIMAS
ESTÃO SOZINHAS!

NÃO ATENDA

O TELEFONE

DONT ASWER THE PHONE

O telefone toca, e a locutora de uma estação de rádio ouve a voz de
um psicopata que revela seus crimes cheios de perversão e horrores.
Porém, ela não sabia que o destino lhe traria
a mesma sorte das vítimas anteriores.



DISCOVÍDEO FONOGRÁFICA LTDA.

Rua Pinheiros, 20 - 7º andar
05422 - Pinheiros - São Paulo SP

Tels.: (011) 282-0945 - 883-7095 - Telex: (11) 36.550



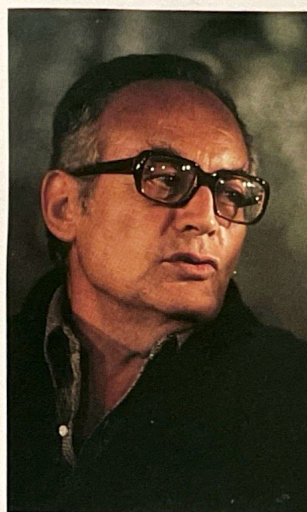
GOOD MORNING, ROBIN WILLIAMS

Depois do sucesso comercial e dos unânimes elogios a sua atuação em *Bom Dia Vietnam*, o fantástico **Robin Williams** (acima) está indeciso entre vários projetos para seu próximo filme. Uma das possibilidades é a continuação de *Bom Dia...*, que se chamaria *Good Morning, Chicago*, e acompanharia a trajetória do disc-jôquei Adrian Cronauer depois de sua volta à América. Outro projeto possível é *Bumby Pall*, a história de um homem que procura um velho amigo de infância quando sua vida entra numa crise insuportável. Há ainda o roteiro de *The Foreigner*, baseado na peça teatral homônima de **Larry Shue**. Por fim, Williams avalia a delirante possibilidade de interpretar o líder sindical polonês **Lech Walesa** num filme sobre sua vida. A platéia aguarda ansiosa.



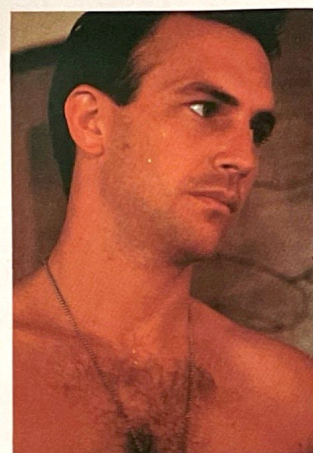
PLÁSTICA PARA UM CONDENADO

Mickey Rourke (à esquerda) poderá ser o astro de *Johnny Handsome*, sobre um condenado (outra vez?) pela justiça que muda completamente sua fisionomia através de uma operação plástica. Resta saber se Rourke será o sujeito *antes* ou *depois* da cirurgia. Não se assustem os fãs: a cirurgia é no personagem e não no ator. O filme, rodado em Nova Orleans, é dirigido por **Walter Hill** (*Ruas de Fogo*, *Inferno Vermelho*).



O DESTINO DE LAURENTIIS

Depois de uma longa agonia, o De Laurentiis Entertainment Group, do veterano produtor italiano **Dino De Laurentiis** (acima), está fechando suas portas. Sem condições de saldar suas dívidas — que chegam a 200 milhões de dólares —, a empresa acaba de pedir concordata. Entre os fracassos de bilheteria que levaram a companhia para o brejo estão o grandioso *King Kong* (1976) e o perverso *Veludo Azul* (1986). A gota d'água para a catástrofe foi o ridículo desempenho comercial (e crítico) de *O Siciliano* (1987).



MARINHEIRO SÓ

Kevin Costner (acima) prepara-se para ser o produtor executivo de *Revenge* em que ele próprio será o protagonista, um piloto aposentado da Marinha que se envolve com um agiota mexicano. O diretor será **Tony Scott** (*Ases Indomáveis*, *Fome de Viver*, *Um Tira da Pesada II*).

"No primeiro roteiro de *Atração Fatal*, Michael Douglas ia pra cadeia. Mas eu ia gastar duas horas para fazer os espectadores gostarem daquela família, então não poderia frustrá-los no final!" **Adrian Lyne**

NAS GARRAS DAS GATAS

Depois de enfrentar as fogosas ninfetas **Molly Ringwald** (em *O Rei da Paquera*) e **Jami Gertz** (em *Abaixo de Zero*), o garotão **Robert Downey Jr.** contracenará com a gata quarentona da foto à direita, **Cybill Shepherd**, de *A Gata e o Rato*, que, apesar de sua elegância suspeita, tem seus fãs. Eles estão juntos na fantasia romântica *Chances Are*.

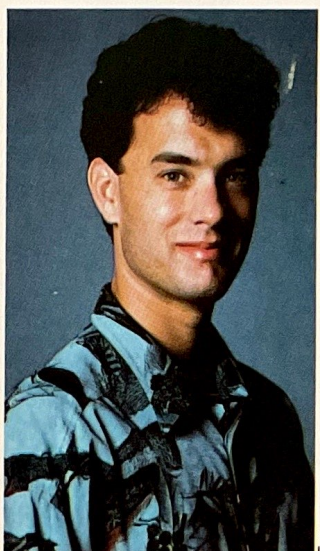




Saintlou/Stillis

OVERDOSE DE NASTASSJA

Nastassja Kinski (acima) está voltando, para alegria de todos. Para compensar a longa ausência (ela não filmava desde *Morrer de Amor*, de 1986), a musa de todo mundo aparecerá em três filmes. Em *That's Alexandria*, produzido por seu marido, **Ibrahim Moussa**, e dirigido por **Youssef Chahine**, ela contracenará com ninguém menos que **Marcello Mastroianni**. Em *Torrents of Spring*, de **Jerzy Skolimowski** (*O Sucesso É a Melhor Vingança*), seu *partner* é **Timothy Hutton** (*Gente como a Gente*). Por fim, Nastassja protagoniza *13*, um filme de **Raffy Shart**, rodado no Canadá, com **Peter Fonda** no outro papel central. Haja coração.



Fox



O TERROR DA VOVOZINHA

O *enfant terrible* **Jean-Pierre Léaud** (acima, com Caetano Veloso, em *Os Herdeiros*, de 1970), ator-fetiche de Jean-Luc Godard e François Truffaut, está de volta às telas, depois de uma temporada no inferno (leia-se no hospício e na cadeia — por ter espancado uma velhinha no ano passado). Ele é o protagonista da comédia *La Femme de Paille*, sob a direção de **Suzanne Schiffman**.

AGUARDE

Joe Dante (*Gremlins*, *Viagem Insólita*) prepara *The 'Burps*, com **Tom Hanks** — à esquerda — (*Big*), **Carrie Fisher** (*Guerra nas Estrelas*) e **Corey Feldman** — abaixo — (*Conta Comigo*, *Garotos Perdidos*) ▶ **Nicolas Roeg** (*O Homem Que Caiu na Terra*) dirige *The Witches*, com **Anjelica Huston** (*Jardins de Pedra*) ▶ **Ulrich Edel** (*Eu, Christiane F...*) leva às telas o romance underground *Last Exit to Brooklyn*, de **Hubert Shelby**, com **Jennifer Jason Leigh** (*A Morte Pode Esperar*) e **Burt Young** (*Comboio*) ▶ **Peter MacDonald** (*Rambo III*) está rodando *Colossus* ▶ **Ken Russell** (*Crimes da Paixão*) dirige *The Rainbow*, com **David Hemmings** (*Blow-up*), **Glenda Jackson** e **Sammi Davis** (*Esperança e Glória*).



Columbia



Fox

LARVA DE MOSCA

Vem aí *A Mosca II*, que será dirigido pelo expert em efeitos especiais **Chris Walas**, responsável pelos monstros de *Gremlins*. **Eric Stoltz** (*Marcas do Destino*) fará o papel do filho (ou será filhote?) da mosca. Enquanto isso, o astro d'*A Mosca* de Cronenberg, **Jeff Goldblum** (acima), estará estrelando *The Camden Town Boy*, sob a direção de **Mel Smith**.

FUTURO PREPARA VOLTA

Está começando a filmagem de *De Volta para o Futuro II*, com os mesmos **Michael J. Fox** (à direita, com Zemeckis) e **Christopher Lloyd** nos papéis principais. Na direção, o mesmo **Robert Zemeckis** (que está apontando com o indicador a subida dos rendimentos de *Uma Cilada para Roger Rabbit*). A história recomeça do ponto exato em que parou o primeiro filme.



Universal City Studios



Gamma/Sigla

INDIANA JONES CONTRA O MAU-OLHADO

A urucubaca parece pesar sobre a equipe do novo episódio de *Indiana Jones*. Durante as filmagens na Inglaterra, o astro do filme, **Harrison Ford**, teve seu apartamento londrino assaltado. Os ladrões levaram 84 mil dólares em jóias. Mais ou menos ao mesmo tempo, a casa do diretor **Steven Spielberg** (à esquerda), em Los Angeles, foi destruída por um incêndio. Mangalô pé de pato três vezes.



AP

ENCARANDO O SUCESSO

Quem se apaixonou por **Lukas Haas**, o garotinho *amish* de *A Testemunha* (na foto acima, cara a cara com Harrison Ford), não perde por esperar. Ele está de volta, agora com 11 anos, em *The Wizard of Loneliness*, baseado em outra novela realista-fantástica de **John Nichols**, o autor da história de *Rebelião em Milagro*. O filme conta o drama de um garoto precocemente adulto (Lukas) que tem de aprender a ser criança. Ainda no elenco, **Lea Thompson**, a mãe de **Michael J. Fox** em *De Volta para o Futuro*. Haas vai contracenar também com o excelente **Robert Duvall** (*Apocalypse Now*, *Colors*) em *Convicts*, que começa a ser rodado em novembro no Texas, sob a direção de **Peter Masterson** (*O Regresso para Bountiful*).

"Muita gente considera meus filmes da série *Dirty Harry* uma espécie de declaração de direita. Mas você pode interpretar o personagem como um indivíduo contra o sistema"
Clint Eastwood



AP

BIXIGA EM NOVA YORK I

O jovem e aclamado diretor sueco **Lasse Hallström** (acima) — que concorreu ao Oscar com *Minha Vida de Cachorro* —, depois de assediado por várias propostas das companhias americanas, decidiu que seu próximo filme será *Once Around*, a ser produzido por **Amy Robinson** e **Griffin Dunne** (o ator de *Depois de Horas*) para a Cinecom. Segundo o próprio Hallström, o filme, que conta a história de uma família italo-americana, "pode ser descrito como um cruzamento entre *Moonstruck* (*Feitiço da Lua*) e *Terms of Endearment* (*Laços de Ternura*)". Calma: não será uma tórrida paixão entre Shirley MacLaine e Nicolas Cage.

06 SET



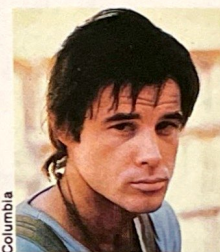
Pedro Gomes

LOCAÇÃO NO TERMINAL

Desde julho, os paulistanos portadores de terminais de videotexto podem usar seus aparelhos para saber dos lançamentos e solicitar o aluguel de fitas de videocassete, que são entregues a domicílio. O serviço é resultado de uma associação entre a **SP-Video**, empresa de videotexto, e a locadora **Esplanada Video**. Para um número restrito de usuários — são pouco mais de 12 000 aparelhos de videotexto instalados em São Paulo —, os dados oferecidos deixam a desejar, ao menos por enquanto. São apenas apresentados os lançamentos da semana, as dicas de filmes, divididas em 12 gêneros, além de uma listagem semanal dos 15 mais alugados. Ao todo, o usuário tem 1 700 títulos em seu terminal — o acervo da locadora Esplanada. A Esplanada tem alugado cerca de 150 fitas por semana através do videotexto. A empresa SP-Video, segundo sua gerente de marketing, Izabel Topalian (acima), pretende estender o negócio para outros pontos do país, associando-se a outras locadoras. O aparelho de videotexto pode ser alugado junto a Telesp, a um custo de Cz\$ 5 000,00 por mês.

BIXIGA EM NOVA YORK II

Num cruzamento entre a imaginação *underground* de **Paul Morrissey** (abaixo) — o diretor de *Drácula de Andy Warhol*, *Trash*, *Heat*, *Flesh* e outras barbaridades — com a vizinhança italo-nova-iorquina de *Feitiço da Lua*, o resultado deve ser algo parecido com *Spike of Bensonhurst*. É exatamente este o novo filme de Morrissey, que acompanha a história de adolescentes italianos do Brooklyn. O nome mais famoso do elenco é **Ernest Borgnine**, no papel de chefe da Máfia local. Aguarde.



Columbia

UMA GORDA PARA BRAD

Percy Adlon (*Estação Doçura*, *Bagdad Café*) prepara *Rosalee Goes Shopping*, com locações em Stuttgart (Alemanha) e Arkansas (EUA). A protagonista será a atriz favorita do diretor, **Marianne Sägebrecht**, a gorducha simpática de *Estação Doçura*. Seu parceiro será **Brad Davis** (acima), o traficante que se dá mal em *O Expresso da Meia-Noite*. Segundo Adlon, seu filme é uma visão bem-humorada do amor e do capitalismo no Arkansas.





WHERE DOES IT HURT?

COMÉDIA

ONDE DÓI MAIS?

Peter Sellers mais impagável do que nunca como o diretor de um hospital onde rolam as mais incríveis loucuras. Seu plano era armar um grande golpe, mas o tiro pode sair pela culatra.

COM PETER SELLERS

CONFUSÃO DE DOIS AMORES

Para aquela gata, bigamia não era problema. O problema era evitar que seus dois maridos se encontrassem. Por isso, ela arrumou mil e uma confusões, mas, mesmo assim, eles se encontraram. Dai...



COM DYAN CANNON



Um soutien para o papai

Ele era um tremendo *bon vivant* que andava paquerando a mulher do sócio de sua esposa. Mas, assim que consegue se envolver com ela, entra na maior fria da sua vida.

COM JORGE DÓRIA E JOSÉ LEWGOY



E TENSÃO



Um ex-policial foi contratado para dar proteção àquele prédio que é o alvo preferido dos assaltantes. Um morador desconfia que ele está ligado a gangs de ladrões e resolve ir fundo ao investigar sua vida, terminando por se envolver com gente muito perigosa.

O GUARDIÃO

COM MARTIN SHEEN E LOU GOSSET JR.

VIDAS DESESPERADAS

Eileen Phillips é a conselheira de um ginásio numa cidade dos Estados Unidos que decide enfrentar um problema que ninguém tinha coragem de ver: o consumo de drogas entre os jovens. Um filme contundente que serve de alerta a todos!



COM DIANE SCARWID

A Herbert Richers tem filmes para você relaxar... ou não.

São três comédias engraçadíssimas com astros que vão tirar você do sério. Prepare-se para rir com as trapalhadas e armações do excelente Peter Sellers em *Onde Dói Mais?*, da atraente Dyan Cannon em *Confusão de Dois Amores* e dos divertidos Jorge Dória e José Lewgoy em *Um Soutien Para o Papai*. E depois dessa relaxada tripla você pode tomar uns sustos com o premiado Lou Gosset Jr. e Martin Sheen. Eles estão em *O Guardião*, um filme que irá prender a sua atenção até o último instante. Sua atenção também será brindada com a atuação de Diane Scarwid em *Vidas Desesperadas*, drama social que aborda o consumo de drogas. Estão aí as emoções para você relaxar — ou não —, mas sempre com imagens excelentes e legendas eletrônicas que não fazem você perder a trama do filme. Afinal, a Herbert Richers trouxe o cinema para o seu vídeo.



HERBERT RICHERS

PAIXÃO PELA QUALIDADE

Rua Conde de Bonfim, 1337
CEP 20530 - Rio de Janeiro
TELEFONE: (021) 288-8142
TELEX: (021) 30255

THE GUARDIAN

DESPERATE LIVES

LMP HOME VIDEO

Lançamentos de qualidade que você conhece.

GEORGE C. SCOTT
ASSASSINOS DA



DECEPÇÃO PAIXÃO E GLÓRIA



Peça
informações
sobre nosso
catálogo de
sucessos.

LMP

CINEMA
TELEVISION
HOME VIDEO



PACOTE DE MENTIRAS



LMP OBRAS CINEMATOGRAFICAS LTDA.

Rua Des. Aguiar Valim, 228 - CEP 04535 - São Paulo - SP - Tels.: (011) 61-2316 e 61-7054 - Telex: (11) 54850 LMPH

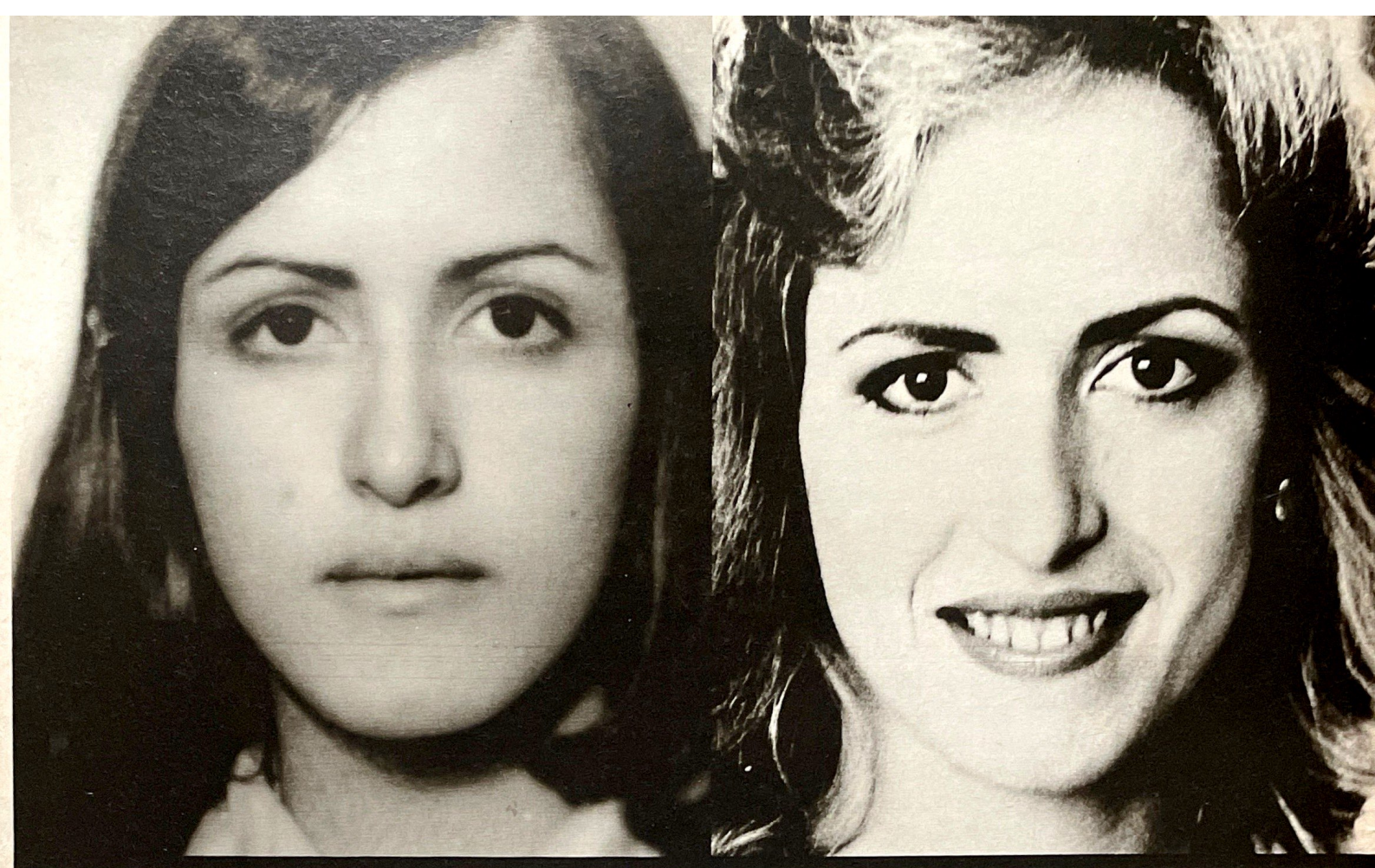


Na capa:
Willem Dafoe,
Sean Connery
Robert De Niro
e E.T.
Fotos da capa: Universal/Paramount/UIP

Quase dois mil anos depois da morte de Cristo, soa no mínimo ridícula toda essa vociferação raivosa contra uma interpretação de sua vida — no caso, o filme *A Última Tentação de Cristo*, do norte-americano Martin Scorsese. Afinal, a própria Bíblia reconhece quatro versões da trajetória de Jesus: os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, que apresentam flagrantes diferenças entre si. Aliás, é apenas no de João, o último escrito, que Cristo adquire claramente seu status divino, é parte integrante da Santíssima Trindade, deixando de ser um intermediário entre Deus e os homens para ser o próprio Deus, ainda que sem perder seu caráter humano. Isso sem falar nas centenas de evangelhos apócrifos, não reconhecidos pela Igreja Católica e outras vertentes do Cristianismo. No próprio cinema já se viu de tudo: do Cristo de Pasolini (*O Evangelho Segundo São Mateus*), irado líder popular que clama contra os poderosos, ao adocicado Cristo de Zeffirelli (*Jesus de Nazaré*), mais condizente com o catolicismo oficial; do Cristo de Buñel (*O Estranho Caminho de Santiago*), tão despido de aura divina que fala suas parábolas como quem conta piadas durante um almoço, ao *"Cristo do Terceiro Mundo"* de Gláuber Rocha (*A Idade da Terra*), um negro que distribui Pepsi-Cola para os pobres. E mais: o falso Cristo do grupo Monty Python (*A Vida de Brian*), que se torna um desastrado Messias contra a vontade; o Cristo "pop" de Jesus Cristo Superstar, moderninho pero no mucho, que canta rock para os embalos de uma juventude de cara limpa... O Cristo de Scorsese é mais um em uma extensa filmografia. Antes de venerá-lo ou crucificá-lo, é preciso vê-lo, como afirmou o cineasta em entrevista exclusiva a SET.

4	TAKES
12	VÍDEO LANÇAMENTOS
32	MATÉRIA DE CAPA
	<i>A Última Tentação de Cristo</i>
38	ENTREVISTA
	Martin Scorsese
42	ESPECIAL
	<i>Jornada nas Estrelas</i>
46	ENTREVISTA
	Rob Lowe
48	EM CARTAZ
	<i>Mais Forte que o Ódio</i>
	<i>Fuga à Meia-Noite</i>
52	OUTROS FILMES EM CARTAZ
56	MITOS
	Marlene Dietrich
59	VÍDEO
	Paranormais
64	LIVROS & TRILHAS
67	FILMOTECA
68	CARTAS
69	FILMOGRAFIA
70	NOSTALGIA





A Leleia pe
na Caixa e ma
para a Dr

Leléia, 18 anos, veio até a Caixa e perguntou sobre o Crédito Educativo.

"Tinha nascido para psicóloga, tinha passado no vestibular, mas queria pagar a faculdade sozinha."

Ela preencheu a ficha de inscrição no Crédito Educativo e esperou.

(A Caixa faz seleção entre os inscritos para atender aqueles que são realmente mais carentes.)

O Crédito Educativo

admitiu a Leléia. E, renovado semestre a semestre, custeou todo o seu curso de Psicologia.

Quando a Leléia se formou, meados de 84, a Caixa esperou um ano para mandar o carnê de pagamento para a Dra. Valéria.

(O Crédito Educativo começa a ser pago só um ano depois de utilizado.)

Ela aproveitou a carência para encontrar trabalho numa creche, da qual se transferiu em fins de 86 para o

IPCEP, Instituto de Psicologia Clínica Educacional e Profissional, instituição filantrópica para excepcionais, RJ, onde trabalha como Terapeuta do Comportamento.

E quanto ao Crédito Educativo, o prazo do carnê é igual à duração do curso, no caso da Dra. Valéria, 60 meses.

Mas ela já conseguiu quitar tudo.

Realizada com seu trabalho, a Dra. Valéria acha que "a melhor coisa que a Leléia fez foi mandar essa conta pra mim".

Crédito Educativo

Só nos últimos 3 anos, o Governo José Sarney destinou 4,5 bilhões de cruzados ao Crédito Educativo, que hoje é o maior do gênero na América Latina.

Desde que existe, 1973, o Crédito Educativo atendeu 660 mil jovens.

529 mil já conseguiram inclusive quitar seu Crédito, como Valéria Achilles de Faria Mello, 25 anos, de Santiago, RS, cuja história é contada aqui.

diu Crédito andou a conta a Valéria.

GOVERNO JOSÉ SARNEY

**MHU - MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO,
URBANISMO E MEIO AMBIENTE**

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

POLICIAL

FX — ASSASSINATO SEM MORTE ★★★★★

(F/X, EUA, 1986)

Direção: Robert Mandel. Com Bryan Brown, Brian Dennehy, Diane Venera, Cliff De Young. RCA-Columbia.



(As distribuidoras de cinema têm uma prática assassina, chamada

"semana fechada", que é o paredão daquelas fitas que sobram muito tempo na prateleira: elas entram em cartaz com um tempo pré-programado — e curtíssimo — de exibição, independente dos resultados de bilheteria ou crítica que o filme venha a ter. O ótimo FX, condenado em 1986 por seu nome "esquisito, incompreensível", tem agora uma chance de revisão, em vídeo selado.)

FX é a sigla que designa, em inglês, os efeitos especiais no cinema. E o protagonista Rollie Tyler (Bryan Brown, de *Tai Pan*) é exatamente um especialista em máscaras, mortes e monstros, daqueles que fazem o principal atrativo em filmes de segunda. Só que agora o convite que o Departamento Federal de Justiça lhe faz é para simular, em público, o assassinato de um bandido, que quer trocar a liberdade pela delação de seus ex-parceiros. Rollie aceita, mais por espírito de desafio, e tem a amarga surpresa de ver algo dar errado: os federais incluíram no duvidoso roteiro o *seu* assassinato, e desta vez para valer. Sem sequer saber se o mafioso escapou ou não,



Fogo nas costas do comensal: efeito especial ou realidade?

Tyler trata de salvar a própria pele. Em um fogo cruzado entre polícia, criminosos e agentes federais, as armas que Tyler conhece são as do seu ofício — e dá-lhe tiros de festim que matam, cadáveres ilustres que saem andando e toda sorte de aparências enganosas. O excelente Brian Dennehy (de *Silverado* e *A Marca da Corrupção*), é o capitão da polícia que desconfia da corrupção no Ministério, e única chance de

Tyler escapar da assustadora violência "de verdade".

O mais curioso é que John Stears, criador dos efeitos e consultor de FX, o filme, diz já ter ele mesmo recebido convites, na vida real, para operações desse tipo. Só não diz quais porque são segredo de Estado... Um thriller excepcional, inteligente e bem-humorado, que de quebra dá uma aula de cinema.

Alex Antunes

A GATA DEVISSA ★

(Brasil, 1974)

Direção: Raffaele Rossi. Com Perri Salles, Silvana Lopes, Sueli Fernandes. CIC.

Vale mais por curiosidade antropológica. Daquela legião de pornochanchadas espertas que usavam o sexo para atrair público mas tratavam de temas pouco-eróticos. Neste caso, inexistem cenas de sexo: só dois beijos na boca de Perri com as duas atrizes. Silvana é uma condessa que chefia uma quadrilha internacional. Sueli é sua assistente. Nenhuma das duas é devassa. Perri é o pau-para-toda-obra: um agente criminoso internacional contratado para uma missão impossível. Muito tiroteio, lutas de caratê e perseguições automobilísticas. Até que são movimentadas, mas irracionalmente grosseiras. As truagens de um Opala vermelho despençando num abismo estão, com certe-

za, entre as dez piores seqüências de todos os tempos. Os incrédulos que confiram. *A Gata Devassa* só está chegando ao vídeo por causa da reserva de mercado. Os caras estão apelando pra tudo. Mas os espectadores que apreciam a época da pornochanchada têm aí mais uma reliquia de péssima qualidade. E.B.

AONDE NASCE O CRIME ★★

(Scrubbers, Inglaterra, 1982)

Direção: Mai Zetterling. Com Chrissie Cotterill, Amanda York, Elizabeth Edmonds, Kate Ingram, Kathy Burke. VTI. Um dos temas constantes nos filmes da atriz e diretora sueca Mai Zetterling é a mulher. Em obras que chegaram a provocar escândalo por sua preocupação em desmitificar o amor e qualquer forma de sentimentalismo, a diretora sempre procu-

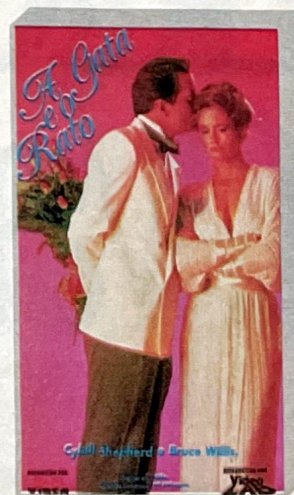
rou expor a situação da mulher na sociedade e, ao mesmo tempo, promover o diálogo dos sexos sob o ponto de vista feminino. Essa preocupação pode também ser detectada neste seu último trabalho, embora aqui Zetterling esteja muito mais interessada em chocar do que propriamente expor os mecanismos da psique feminina. O filme procura dissecar, em imagens cruas e desprovidas de sentimentalismo, as relações entre as detentas de um reformatório inglês para recuperação de delinquentes juvenis. No entanto, a questão essencial — a análise dos mecanismos, bem mais complexos, que levam à marginalização e a um sentimento de exclusão — é apenas esboçada.

A realizadora sueca se concentrou somente nos efeitos e não nas causas do problema e, dessa forma, reduziu o impacto do filme, que choca mas não deixa seqüelas. P.C.

A GATA E O RATO ★★

(Moonlighting, EUA, 1985)

Direção: Robert Butler. Com Cybill Shepherd, Bruce Willis, Allyce Beasley, Dennis Lipscomb, John Medici, Dennis Stewart, Sam Hennings. Transvídeo.



COTAÇÕES SET:
 ★ RUIM
 ★ ★ REGULAR
 ★ ★ ★ BOM
 ★ ★ ★ ★ EXCELENTE
 ★ ★ ★ ★ ★ OBRA-PRIMA

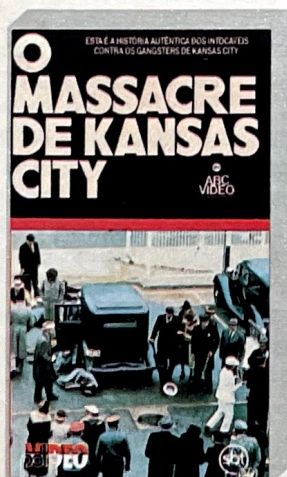
Quem ainda não viu na televisão pode agora conferir o filme que deu origem ao divertido seriado *A Gata e o Rato*. Maddie Mayes (Cybill Shepherd) é uma ex-modelo famosa que descobre estar à beira da falência, restando-lhe apenas alguns negócios que só lhe renderam prejuízos, dentre eles uma agência de detetives. Disposta a vender tudo, chega na agência e depara-se com o detetive "responsável" David Addison (Bruce Willis). Com muita ironia e ação, Maddie e David envolvem-se em um caso complicado, que pode significar o início de uma sociedade. Embora não seja melhor que alguns episódios da série, *Moonlighting* é irreverente e satiriza os grandes filmes policiais. A atuação do "rato" Bruce Willis é impagável. Como diversão é ótimo. Mais que isso seria pura pretensão.

M.R.G.

O MASSACRE DE KANSAS CITY ★★

(*The Kansas City Massacre*, EUA, 1975)

Direção: Dan Curtis. Com Dale Robertson, Bo Hopkins, Robert Walden, Scott Brady, Mills Watson, Elliott Street, William Jordan. Polevideo.



Doze gângsteres são apresentados nos primeiros quinze minutos da história. "Pretty Boy" Floyd (Bo Hopkins), "Baby Face" Nelson (Elliott Street) e John Dillinger (William Jordan) são os líderes das gangues,

que, juntas, arrecadaram 500 mil dólares em dinheiro roubado de bancos. Livrar-se do dinheiro "marcado", no entanto, é tarefa difícil. Recorrem a um milionário, que compra cada dólar por 50 centavos. Para acabar com esse crime organizado, surge o agente do FBI Melvin Purvis (Dale Robertson), de charuto, casaco e chapéu. Este personagem já havia aparecido em outro filme feito para TV: *Melvin Purvis-G Man*, inédito no Brasil e do mesmo diretor Dan Curtis, que ficou mais conhecido depois por *Sangue, Suor e Lágrimas*, minissérie exibida aqui. Neste *Massacre*, apesar de baseado em fatos reais, ele abusa da sátira, da comédia e dos carros pretos abarrotados com malandros de chapéu.

D.G.

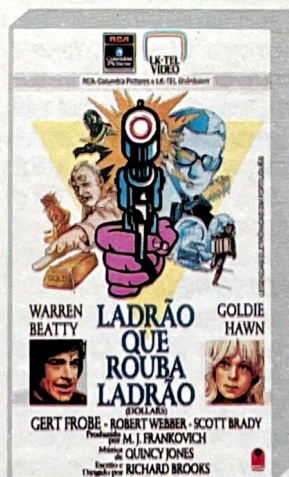
AVENTURA

LADRÃO QUE ROUBA

LADRÃO ★★★★★

(*\$ (Dollars)*, EUA, 1972)

Direção: Richard Brooks. Com Warren Beatty, Goldie Hawn, Gert Frobe RCA - Columbia.



O crime perfeito sempre seduz o cinema. Desta vez ele é narrado pelos olhos de Richard Brooks, diretor acostumado a falar de ambição, corrupção e outras características pouco lisonjeiras do gênero humano. Em *Ladrão que Rouba Ladrão*, po-



Wyatt (Peter Fonda) sentado à beira do caminho em *Sem Destino*

SEM DESTINO ★★★★★

(*Easy Rider*, EUA, 1969)

Direção: Dennis Hopper. Com Peter Fonda, Dennis Hopper, Jack Nicholson. RCA-Columbia.

Lançado ainda sob o calor da *flower power*, *Sem Destino* possuía em 1969 uma mensagem libertária (e libertina) claríssima: após negociar com drogas, os aventureiros Wyatt "Capitão América" (Peter Fonda) e Billy (Dennis Hopper) partem para Nova Orleans para assistir a seu lendário Carnaval. Na estrada, com suas vistosas motocicletas, travam contato com hippies, fumam todas e fazem amizade com George (Jack Nicholson), um impagável advogado biriteiro. Conhecem garotas e enfrentam a polícia e a inevitável fauna caipira sulista do tipo "odeio cabeludos". Além de comentar a impossibilidade do sonho de liberdade numa sociedade que discursa o tempo todo sobre a dita cuja, o filme era musicado por The Birds, The Band, Jimi Hendrix e Steppenwolf — artilharia sonora que dispensa comentários. Se Hollywood não estava acostumada com a contestação adrenalínica e

utópica gerada pelo clima 68 nas telas, soube absorvê-la e neutralizá-la com invejável competência executiva. Tanto que a Columbia, farejando o sucesso desse filme, de produção barata e independente, adquiriu-o sem precisar arcar com o mais chato: a produção. Isso acabou gerando nos estúdios uma febre de filmes "jovens" e "contraculturais" à cata do mercado juvenil, recheados de sexo, drogas e rock and roll. Muitos com o inevitável acabamento "mofo de supermercado" que o cinemão industrial tão bem sabe dar. Mas o talentoso diretor de *Sem Destino*, Dennis Hopper (natural de Dodge City, Kansas), estava numa outra e se tornaria mítico por vários motivos: por realizar algumas obras fundamentais para quem gosta de cinema com um mínimo de raiva e independência, entre as quais *The Last Movie* (1971) e *Out of the Blue* (1980); e por tornar-se um ator de estilo inconfundível após as históricas aparições em *Juventude Transviada* (ao lado de James Dean) e *Apocalypse Now* (ao lado de Marlon Brando).

Antonio Querino Neto

rém, Brooks suaviza a moral cáustica que permeia seus trabalhos anteriores (*Gata em Teto de Zinco Quente*, *A Sangue Frio*) e se concentra na elaboração de uma boa aventura. Com um roteiro convincente (que se não é um primor de criatividade também não comete falhas grosseiras), o filme conta a história de um mirabolante roubo de banco.

Collins (Warren Beatty), responsável por um sofisticado sistema de segurança de um banco alemão — frequentado por quem gosta de manter suas finanças no anonimato —, decide aplicar um golpe que julga infalível. Ajudado por Dawn Divine (Gol-

die Hawn), uma garota esperta o suficiente para livrar a dupla de alguns apuros, Collins limpa os cofres de dois escroques, assassinos e traficantes internacionais.

Já que não podem reclamar à polícia, pois suas fichas não são das mais limpas, as vítimas desencadeiam uma perseguição implacável a Collins e Divine. Brooks consegue manter o suspense até o final, amparado numa narrativa ágil, numa trilha sonora marcante e naturalmente na expectativa proporcionada pela disputa entre vilões e mocinhos (mesmo que, neste caso, a moral dos mocinhos seja bastante duvidosa). B.F.

KARATÊ KID — A HORA DA VERDADE ★★★

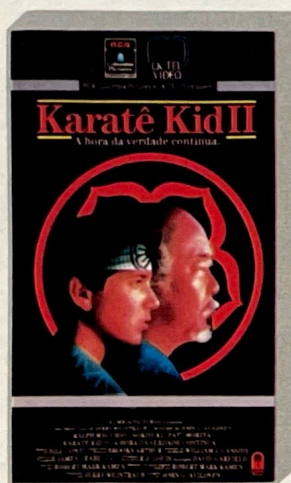
(The Karate Kid, EUA, 1984)

Direção: John Avildsen. Com Ralph Macchio, Noriyuki Pat Morita, Elisabeth Shue, William Zabka. RCA-Columbia.

KARATÊ KID II — A HORA DA VERDADE CONTINUA ★★★

(The Karate Kid, Part Two, EUA, 1986)

Direção: John Avildsen. Com Ralph Macchio, Noriyuki Pat Morita, Danny Kamekona, Tamlyn Tomita, Joey Miyashima. RCA-Columbia.



Com estes dois filmes, o realizador de *Rocky* I confirma sua condição de hábil manipulador de emoções baratas. O primeiro dos dois, aliás, segue praticamente a mesma fórmula de *Rocky*, apenas substituindo o adulto italo-americano Rocky Balboa pelo adolescente chicano Daniel LaRusso (Ralph Macchio) e o boxe pelo karatê. Humilhado e maltratado pelos colegas ricos e pelos maus elementos de seu bairro em Nova Jersey, LaRusso submete-se aos ensinamentos do mestre japonês Miyagi (Morita) para absorver os princípios do karatê e aprimorar sua autodefesa. O enredo — altamente previsível e com todos os clichês imagináveis — desemboca numa disputa final entre o bom LaRusso (que representa o espírito pacífico e positivo do karatê) e o mau Johnny (Zabka), da equipe Cobra (que representa a deturpação belicista e destrutiva da arte marcial). Desnecessário dizer quem ganha.

O segundo filme da série começa no ponto exato em que terminou o primeiro (é até engraçado, pois o ator Macchio cresceu bastante entre uma filmagem e outra), mas uma carta vinda do Japão para Miyagi transporta a ação para a ilha de Okinawa. Ali, acompanhado do jovem Daniel, Miyagi vai reencontrar o pai moribundo, a paixão impossível por uma mulher comprometida e, mais importante que tudo, um desafio lançado décadas atrás por seu rival Sato (Kamekona), que insiste em realizar agora o duelo ao qual se furtou ao viajar para a América. É óbvio que Daniel também vai encontrar uma namorada e um rival japonês, reproduzindo o conflito dos velhos. O que se segue é o mesmo festival de clichês de *Karatê Kid I*, só que com uma pieguice ainda mais enjoativa e rançosa. Em ambos os filmes, salvam-se a excelente montagem das cenas de luta e a interpretação convincente de Macchio. J.G.C.

RAMBO III ★★★

(EUA, 1988)

Direção: Peter MacDonald. Com Sylvester Stallone, Richard Crenna, Marc de Jonge, Kurtwood Smith. Transvídeo.

A terceira missão do obstinado John Rambo não poderia ser menos oportuna: ele vai ao Afeganistão para ajudar o povo local e expulsar os russos comedores de criancinhas, só que o filme é lançado justamente quando os soviéticos (talvez com a barriga cheia) já batem em retirada por conta própria. Mas isso pouco importa para os milhões de fãs do personagem, que só querem mesmo ver muita macheza, sangue e fogo na tela. Nesse aspecto, *Rambo III* é um prato cheio: depois de invadir sozinho uma fortaleza soviética para libertar seu amigo, o Coronel Trautman (Richard Crenna), o herói arranca um estilhaço de ferro do próprio abdômen, cauteriza o ferimento com fogo, anda quilômetros a pé, derruba helicópteros e explode tanques de guerra praticamente no muque. Tudo isso entremeado com grunhidos so-

bre liberdade e lealdade. Nunca se gastou tanto dinheiro (60 milhões de dólares) com explosões e incêndios espetaculares. Nunca, tampouco — nem mesmo no auge da Guerra Fria —, os russos foram tão maus. Tama- nha estupidez só se sustenta porque, além da profusão de efeitos especiais, o diretor McDonald (que substituiu Russell Mulcahy depois de iniciadas as filmagens) mostra um controle admirável do ritmo condizente com uma saga burra, onde os tiros importam mais que as idéias. J.G.C.

FUGA PARA OS TRÓPICOS ★

(Coconuts, Alemanha, 1984)

Direção: Franz Novotny. Com Reinhard Fendrich, Mario Adorf, Olivia Pascal, Hanno Pöschl. Hunter.

Grein (Hanno Pöschl) e Siemann (Mario Adorf) formam uma dupla de trambiqueiros, que fazem de tudo por dinheiro. Associam-se com Vera (Olivia Pascal) e Bosch (Reinhard Fendrich) e vivem um amontoado de situações grotescas e sem sentido. O filme não tem uma sequência lógica, ficando difícil perceber qual sua verdadeira intenção. Com pretensões cômicas, não consegue atingir o objetivo. Seu ritmo é lento e por vezes truncado. Os atores perdem-se dentro de um enredo primário e confuso. *Coconuts* serve apenas para comprovar a ineficiência da direção de Franz Novotny. M.R.G.

UM CASO REAL ★★

(To Catch a King, EUA, 1984)

Direção: Clive Donner. Com Robert Wagner, Teri Garr, Horst Janson, Barbara Parkins, John Standing. Vic. A mistura de fatos históricos com ficção nem sempre dá bom resultado, como mais uma vez fica provado. O filme pretende ser um thriller de espionagem ao narrar um plano nazista para seqüestrar o duque e a duquesa de Windsor, que em 1940 encontravam-se em Lisboa. Uma cantora (Teri Garr) e o proprietário de um nightclub (Robert Wagner) tudo farão

para atrapalhar o complô dos alemães. Como se vê, o roteiro tem todos os ingredientes para resultar numa ótima aventura, mas a direção encarrega-se de minar todas as sugestões evocadas pelo script.

O maior problema está na falta de ritmo. O filme se arrasta ao longo dos seus 113 minutos de projeção e a partir de sua segunda metade torna-se quase impossível deter o fluxo de bocejos que ameaça inundar a trama. P.C.

O ULTIMATO ★★

(The Soldier, EUA, 1982)

Direção: James Glickenhaus. Com Ker: Wahl, Klaus Kinski, William Prince, Alberta Watson, Jeremiah Sullivan. VTI.

Eis mais um filme de espionagem no qual os vilões são, pela enésima vez, os comunistas, esses insaciáveis comedores de criancinhas.

Aqui é um grupo de terroristas russos, que planeja explodir uma bomba num campo petrolífero da Arábia Saudita. A explosão destruiria 50% da reserva mundial de petróleo, abalando a poderosa economia norte-americana. Os terroristas exigem, para não cumprir a ameaça, a retirada de Israel do território árabe. Para impedir a ação dos soviéticos, a CIA lança mão de um grupo especial denominado "O Soldado". Esse grupo terá 93 horas para frustrar o plano dos terroristas. Apesar dos batidos clichês característicos ao gênero — perseguições na neve, mortes violentas, explosões e carros em chamas —, a ação é bem conduzida e consegue prender a atenção, principalmente na primeira metade do filme, embora esteja longe de ser eletrizante e bem-humorada como nas aventuras de James Bond. P.C.

O GUERREIRO E A ESPADA ★

(The Warrior and the Sorceress, EUA, 1984)

Direção: John Broderick. Com David Carradine, Luke Askew, Maria So- cas, Harry Townes. VTI.

Quem gosta de fantasias heroicas na

linha de *Conan*, o Bárbaro certamente irá se decepcionar com este subproduto do gênero. Falta talento ao diretor John Broderick para dar o mínimo de consistência aos seus personagens e, dessa forma, emprestar ao filme a dose de verossimilhança suficiente para atenuar os absurdos da história, por si só tão frágil quanto a interpretação dos atores. David Carradine (aquele do seriado *Kung Fu*) é o herói que vagueia solitário pelo deserto até encontrar um povoado tiranizado por dois déspotas que passam o tempo todo brigando pela posse de um poço de água encravado no meio de seus respectivos territórios. Depois de provar a cobiça e a crueldade dos dois tiranos, o bárbaro lutará ao lado do escravizado povo do lugarejo. As cenas de batalha são risíveis e a interpretação dos atores é constrangedora. Como consolo, resta admirar as formas da heroína (Maria Socas), que, imperturbável, desfila de *topless* entre uma batalha e outra. *P.C.*

FICÇÃO

STALKER ★★★★★

(URSS, 1979)

Direção: Andrei Tarkovski. Com Alex Kaidanovski, Alice Friedlich e Anatoli Sazonov. Tai Pan.

Cineasta de poucos e bons filmes, o soviético Andrei Tarkovski (que morreu em 1986 aos 54 anos), com a antiutopia *Stalker*, dá sequência a um gênero que poderia ser batizado de "ficção científica metafísica". No cultuado *Solaris* (1972), o cineasta mostra uma estação espacial próxima a uma "gosma", onde os pensamentos e lembranças humanas se materializam. Não se trata, como alguns críticos disseram, de uma mera "resposta marxista" a *2001 Uma Odisseia no Espaço*, pois sua "mensagem" é mais religiosa e menos digerível do que o nietzscheano filme de Kubrick. Seus pobres cosmonautas não enfrentam monstruosos alienígenas explícitos nem a tecnologia. São obri-

E.T. — O EXTRATERRESTRE

★★★★★

(E.T. — *The Extra-Terrestrial*, EUA, 1982)

Direção: Steven Spielberg. Com Dee Wallace, Henry Thomas, Peter Coyote, C. Thomas Howell. CIC.

A maior bilheteria de todos os tempos, com 322 milhões de dólares arrecadados em cinemas, chega agora ao mercado de vídeo, num lançamento espetacularmente mundial. Proezas pecuniárias raramente andam juntas de achados e invenções estéticas, e o gosto popular, bem... o gosto que não se discute porque a mesma massa que tem preferências coletivas não tem condições igualmente coletivas de raciocinar — raciocínio não se coletiviza — e por isso o gosto popular não se pode discutir e daí que se pode malhar e dizer que o gosto popular é sempre suspeito. O gosto popular consagra o kitsch. O kitsch consagrado comove (embora irrite) todo mundo, os populares e a gente. O que é o kitsch? É a pornografia do coração — está para o sentimentalismo assim como o apelo pornográfico está para a genitalia.

E.T. é o campeão de bilheteria porque é o filme mais kitsch do mundo. Se a gente gosta de pingüim em ci-

gados a espelhar os próprios pesadelos (o que é pior!) e levam para o espaço suas obsessões terrenas, como o enigma da morte, constatando lá em cima que "a genialidade é tão inútil quanto a mediocridade". Osso duro de roer, os filmes de Tarkovski não são fáceis, pois se fixam menos em ações físicas e dramáticas do que numa estática perplexidade existencial, imprecisa e obscura, típica da terra de Lênin. No delicado *O Sacrifício* (1986), seu olhar se detém sem pressa num menino que rega uma árvore. No igualmente genial *Stalker*, é a paisagem devastada, putrefata e lodosa da terra pós-nuclear que atrai sua câmera. E, de novo como em *Solaris*, ao tentar o inalcançável, o homem consegue apenas expor suas miseráveis e imóveis dúvidas existenciais. A armação da trama



Henry Thomas loge com o amigo E.T. no bagageiro da bicicleta

ma da geladeira da tia, por que não vai acozilar um alienígena dentro do guarda-roupa de um garotinho de oito anos? Se a gente acredita que o reino dos céus pertence aos homens de boa vontade, por que é que a gente não vai vibrar quando o afeto das crianças for mais eficiente que a ciência da Nasa? Se a gente acha que só o amor constrói, como não se apaixonar às lágrimas por um monstro do espaço que é feio por fora e bonitinho por dentro, tem saudades de casa e promete um universo de harmonia e integração?

E como o kitsch é a pornografia do coração e moralista, Spielberg fez o seu *E.T.* pelado, que não tem pipi mas tem um coração luminoso. O sentimentalismo nunca foi assim explícito. E como as crianças têm uma maneira pura e bela de ver o mundo, Spielberg colocou sua câmera à altura dos olhos de uma criança. E como a luz é a sabedoria, Spielberg

abusa de facho luminosos e põe centelhas e lampejos e flashes para todo lado, e ainda faz a porta da nave espacial abrir e fechar como o diafragma de uma câmera. Spielberg criou depois a estética da lâmpada, com um cinema em que a emoção é sempre linear, vai reto do escuro ao claro e quase não joga com opacidades e contrastes nem com volumes e espaços. A tela, para ele, é antes um foco multicolor do que um espaço a ser diagramado. E seus roteiros, quase sempre, são simples. Neste caso, pra quem ainda não sabe: um extraterrestre cai na Terra e um garoto de oito anos (Henry Thomas) o ajuda a voltar para o espaço. As cenas em que as bicicletas dos garotos voam sobre a colina e aquela em que o monstinho balbucia "*E.T. phone home*" entraram para a história, graças à suprema competência com que foram realizadas.

Eugênio Bucci

não poderia ser mais russa: *Stalker* (palavra de origem inglesa que significa "caçador de segredos" ou rastreador) é um guia que escolta um escritor e um professor para a "Zona", em cujo centro há uma sala onde todos os desejos se realizam. Por quê? Sabemos apenas que um meteorito caiu no local há anos e o Estado isolou-o, temendo seu potencial subversivo. Portanto, a empreitada do trio é absolutamente clandestina. Após vários obstáculos, os homens se defrontam com o próprio inferno: o guia (o dostoiévskiano Alex Kaidanovski) teme que os desejos recônditos dos dois intelectuais sejam negativos. O escritor, que busca inspiração na sala, rebela-se contra o guia e não consegue formular um desejo, e o professor, movido pela curiosidade científica, leva uma

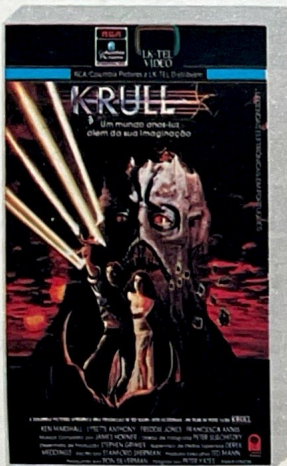
bomba e planeja a destruição do local. Baseado no romance *Piquenique à Beira da Estrada*, de Boris e Arkad: Strugatski, *Stalker* não tem efeitos especiais e desmaterializa tudo que poderia enquadrá-lo como um filme de ficção científica. Sua força reside sobretudo na sugestiva fotografia granulada de Alexander Kniazhinski e na sorumbática trilha sonora (pós-industrial?). Inspirando leituras tanto filosófico-políticas quanto ecológicas, o filme retrata a Terra transformada num desolado depósito de lixo, repleta de detritos, enfumaçada e sem vida. *Persona non grata* para o governo de seu país, o autor de *A Infância de Ivan* (1962) e *Nostalgia* (1982) legou-nos um filme de dimensões trágicas e contundência espiritual única.

Antonio Querino Neto

KRULL ★★

(EUA, 1983)

Direção: Peter Yates. Com Ken Marshall, Lysette Anthony, Freddie Jones, Francesca Annis. RCA-Columbia.



Imagine um conto de fadas, com rei, rainha, súditos fiéis e previsíveis profecias. Vá um pouco mais longe e acrescente personagens intergaláticos, com tecnologia poderosa a seu serviço. Finalmente, costure tudo com a eterna luta entre o bem e o mal.

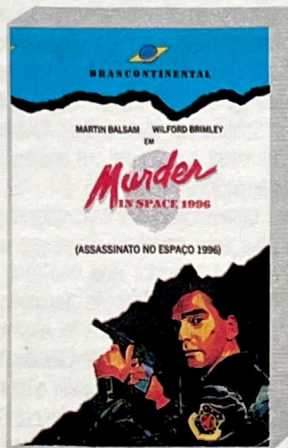
Não é preciso muito mais para definir *Krull*, uma aventura atemporal, que bombardeia o espectador com lendas do universo mágico da Idade Média e utiliza os recursos mirabolantes da ficção científica. No filme de Peter Yates (*Sob Suspeita*, *Pesadelo na Rua Carroll*) os efeitos especiais tentam salvar uma história ingênua: o perigo iminente da destruição do planeta Krull por um poderoso ser maligno, que rouba à heroína, princesa Lyssa (Lysette Anthony), em plena cerimônia de casamento com o herdeiro do trono das terras vizinhas, o príncipe Colwyn (Ken Marshall). O casamento é a promessa de paz no planeta. Conduzido por Ynyr, o velho, e acompanhado por uma exótica fauna de renegados, ogros e duendes, Colwyn empreende uma missão de resgate da princesa, aprisionada na fortaleza da besta. Depois de baixas pelo caminho, o estranho grupo se prepara para a batalha decisiva, com espadas obsoletas, coragem e uma certa dose de

magia contra vilões equipados com nada menos que armas de raios laser. *Krull* é uma curiosa mistura de *A Lenda*, de Ridley Scott, e *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas. Mas em nenhum momento consegue a mesma grandiloquência visual. **B.F.**

ASSASSINATO NO ESPAÇO 1996 ★★

(Murder in Space, EUA, 1985)

Direção: Steven Hilliard Stern. Com Wilford Brimley, Martin Balsam, Arthur Hill, Brascontinental.



A curiosidade maior desta fita feita para TV a cabo é a ambientação de um drama de mistério à la Agatha Christie num contexto de ficção científica. Uma missão espacial multinacional (com dois russos, dois americanos, um alemão, um francês, um canadense, uma italiana), em seu retorno de Marte para a Terra, sofre um abalo considerável quando é assassinada em condições misteriosas uma tripulante soviética que por acaso é esposa do premiê de seu país. Ao mesmo tempo que o pânico se espalha pela tripulação, na Terra o clima político esquenta e faz prever um conflito internacional. Mas outras mortes — igualmente estranhas — ainda vão ocorrer, e a solução do intrincado enigma só vai aparecer nos momentos finais. Passatempo interessante para quem não se importar com a pobreza da produção (o uniforme da tripulação e o interior da

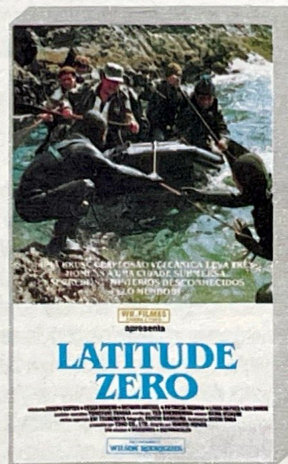
nave lembram *Perdidos no Espaço*). Boas interpretações de Brimley (como o líder da expedição, capitão Braddock) e do veterano Balsam (como o adido soviético Rostov).

J.G.C.

LATITUDE ZERO ★★★

(Japão, 1969)

Direção: Inoshiro Honda. Com Joseph Cotten, Cesar Romero, Richard Jaeckel, Patricia Medina. WR.



Aventura japonesa curiosa, com boa parte do elenco ocidental, dirigida por um dos criadores de *Godzilla* (1954). O filme parece uma mistura do seriado *Viagem ao Fundo do Mar* com *Frankenstein*, baseando-se também em *Vinte Mil Léguas Submarinas*. Traduzindo: uma interessante colcha de referências com produção B. A história mostra dois cientistas de um navio oceanográfico que ficam presos numa cápsula no fundo do mar durante a erupção de um vulcão no Pacífico Sul. Eles são salvos por um submarino do início do século passado (isso mesmo), que pertence aos habitantes de Latitude Zero, uma cidade construída dentro do mar, com todos os elementos de uma sociedade ideal. Mas um vilão seqüestra um outro cientista que ia morar nesse paraíso, tentando tirar-lhe o cérebro para implantar num monstro sob seu controle.

Os tripulantes do Alpha, o submarino, tentam resgatar o seqüestrado e

enfrentam as criações do doutor, entre as quais alguns bastardos de King Kong e uma fera que é o cruzamento entre um leão, um condor e uma japonesa...

A produção dos bichos é de fazer rir, mas vale conferir o "jeitão" de seriado. **C.G.L.**

HISTÓRIAS

MARAVILHOSAS II ★★

(Amazing Stories, EUA, 1985/1986)

Direção: Peter Hyams, Steven Spielberg e Danny DeVito. Com Gregory Hines, Richard Masur, Robert Blossom, Scott Paulin, Gail Edwards, Lukas Haas, Rhea Perlman e Danny DeVito. CIC.

Mais três episódios da série de TV *Amazing Stories*, concebida a partir de um projeto de Steven Spielberg. Outros três já tiveram uma versão cinematográfica com o nome de *Contos Assombrosos*. A versão em vídeo adotou o título *Histórias Maravilhosas* para o primeiro e *Histórias Maravilhosas II* para este. O *Maravilhoso Falsworth*, de Peter Hyams (diretor da "continuação" de *2001*, *2010*) é o menos maravilhoso dos episódios. A história de um assassino (Richard Masur) que se refugia, por azar, num *nightclub* onde se apresenta Falsworth (Gregory Hines), um médium que descobre segredos tocando as pessoas, está mais para o suspense eficiente. *O Trem Fantasma* é um clichê de spielberguiano. Ninguém acredita na história do vovô (Blossom), que afirma que o Expresso Highball vai voltar a correr numa estrada de ferro desativada há mais de cinquenta anos. Só o netinho (o olhudo Lukas Haas, de *A Testemunha*). *Aliança de Casamento* é dirigido e protagonizado pelo excelente comediante Danny DeVito. Ele é Herbert, o funcionário de um obscuro Museu de Cera, que esquece de comprar um presente de aniversário de casamento para sua esposa Lois (a impagável Rhea Perlman). Então ele resolve roubar um anel no Museu de Cera que tem o estranho poder de mudar a personalidade de quem o

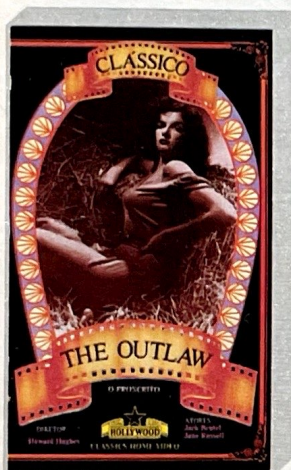
usa. E a antiga dona era uma espécie de Barba Azul feminina... Diversão para tardes entediadas ou feriados chuvosos. B.A.

WESTERN

O PROSCRITO ★★ ★

(The Outlaw, EUA, 1943)

Direção: Howard Hughes. Com Jane Russell, Walter Huston, Thomas Mitchell, Jack Buetel, Hollywood Classics.



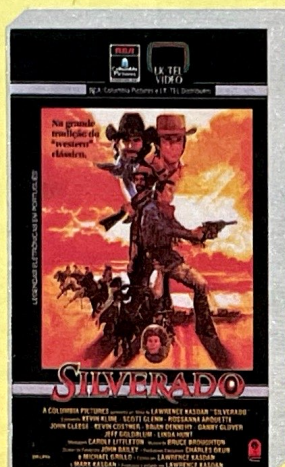
O que Jane Russel tinha de busto Howard Hughes tinha de peito. A atriz ganhou o estrelato aos 22 anos graças aos seios que saltavam para fora do decote neste *O Proscrito*. Eram generosos, seios e decote. Peitudo, o produtor Hughes desenhou de próprio punho o sutiã da moça para obter mais cobiça. E fez mais: mandou o diretor Howard Hawks catar coquinho na descida e assumiu também a direção. Não gostou do que já estava rodado. Hughes, morto em 1976 aos 71 anos, milionário e excêntrico, tinha peito demais.

O suficiente para fazer com *O Proscrito* uma heresia histórica: primeiro introduziu uma peruca para virar a cabeça dos cowboys lendários da América, que, até então, pouco se lixavam para as garotas que conheciam — em sentido bíblico ou em sentido profano. Aqui, Billy the Kid (o estreante Jack Buetel) e Doc Holiday (Walter

SILVERADO ★★ ★ ★

(EUA, 1985)

Direção: Lawrence Kasdan. Com Kevin Kline, Scott Glenn, Kevin Costner, Danny Glover, Brian Dennehy, Jeff Goldblum, John Cleese, Rosanna Arquette, RCA-Columbia.



Depois das derivações spaghetti dos anos 60 e das modernizações politizadoras dos 70 (cujo exemplo maior é o *Pequeno Grande Homem*, de Arthur Penn), o velho faroeste recupera, pelas mãos hábeis de Kasdan, a dimensão puramente épica e mitológica tão cara aos clássicos do gênero. O diretor já havia operado resgate semelhante em relação ao "policial B" com o excelente *Corpos Ardentes* (1981). Há quem diga que em *Silverado* a operação não foi tão bem-sucedida. Pura má vontade. A história é parecida com a de vários filmes conhecidos, especialmente *Paixão dos Fortes* (1946), de John Ford. Dois irmãos, Emmett (Scott Glenn) e Jake (Kevin Costner), reencontrados depois de anos, planejam

Huston, pai de John), que sacam mais rápido do que um fotograma sucede o outro no projetor, trocam insultos, caretas e disparos por causa de Rio (Jane Russell). A trama é menos clássica do que simples: Doc procura o ladrão de seu cavalo e encontra Billy; Billy não devolve o quadrupede e aproveita a convivência

Columbia



No saloon de *Silverado*, Kevin Costner salta para a encrenca

ir juntos à Califórnia, mas antes devem passar na cidade onde mora sua irmã — Silverado, Texas. Em Silverado, deparam com um bando de malfetores com os quais mantêm antigas desavenças. Para agravar a tensão, o novo xerife do local, o grandalhão Cobb (Brian Dennehy), não só acoberta como participa das malvadezas do bando. Hostilizados pelo xerife e seus protegidos, os dois irmãos encontram no negro Mal Johnson (Danny Glover) um fiel aliado. Aparentemente em cima do muro está o jogador Paden (Kevin Kline), que fez amizade com Jake e Emmett durante a viagem a Silverado, mas, por outro lado, é velho conhecido do xerife Cobb, que até arranhou-lhe um emprego no saloon. Toda a ação se encaminha para o confronto final entre os dois lados, e

a definição de Paden será decisiva. A exceção dos índios, todos os outros elementos essenciais ao western estão aqui: os ideais de honra e lealdade, o embate entre o bem e o mal, os amores desabrochados e não resolvidos, as caravanas que cruzam desertos e rios, as emboscadas em desfiladeiros, os duelos ao sol... Enfim, uma festa para os amantes do gênero, com um elenco excepcional que inclui ainda "a mosca" Jeff Goldblum (no papel do almofadinha traícoeiro Slick), Rosanna Arquette (como Hannah, a paixão de Emmett) e John Cleese, do grupo Monty Python, como um altamente improvável xerife britânico do lugarejo texano de Turkenson City. Na alquimia de Kasdan, nem essa extravagância parece fora de lugar. Pura mágica.

José Geraldo Couto

para roubar Rio, a namorada de Doc. O trio (ou quarteto, se incluído o equino) se dá bem, entre tiros, coices e conjunções carnis, mas o xerife Pat Garret (Thomas Mitchell) quer prender os pistoleiros. Ai entra a segunda heresia de Hughes. O desfecho que ele deu ao filme não era bem aquele que a alma da América sempre culti-

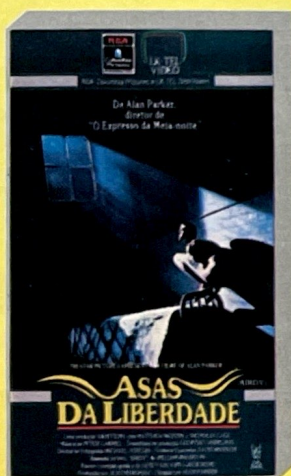
vou. A ironia vem em boa hora — e funciona até hoje. O humor ferino de Hughes não poupa sequer as orelhas de abano de Billy, alvejadas por Doc num desafio de pouca etiqueta para um duelo. O par de orelhas perpendiculares de Jack Buetel, como as mamas de Jane e o peito de Hughes, entrou para a história do cinema. E.B.

DRAMA

BIRDY — ASAS DA LIBERDADE ★★★

(Birdy, EUA, 1984)

Direção: Alan Parker. Com Matthew Modine, Nicolas Cage, John Harkins. RCA-Columbia.



Prêmio especial do júri no Festival de Cannes de 1985. Críticas empolgadas. A direção criteriosa do inglês Alan Parker (*O Expresso da Meia-Noite*, *Coração Satânico*). Uma atuação majestosa

de Cage (*Feitiço da Lua*), que passa dois estados de espírito antagônicos com a mesma competência: o rapagão contente Al, em *flashback*, e o demolido sargento Al Columbo, com o rosto todo entaixado, as costas curvadas, a fala rancorosa e a alma em frangalhos. As razões para se ver *Birdy* — *Asas da Liberdade* são inúmeras. Al (Cage) e Birdy (Matthew Modine) são vizinhos e amigos num subúrbio da Filadélfia. Al é forte e posa de bam-bam-bam do pedaço. Birdy é magricela e tímido, não sai de casa. Al é chegado nas garotas e sonha com seios rechonchudos. Birdy gosta de passarinhos e sonha voar como eles. Apesar de diferentes, tornam-se amigos inseparáveis. Birdy evolui em suas técnicas artesanais de voar, mas não evolui muito nos resultados. À medida que se entrega à sua obsessão, porém, aprende a voar mentalmente: sua mente se desprende do corpo imóvel e lá vai ele (bem como a câmera de Parker) dar uns rasantões pelas redondezas.

Um dia vem a guerra do Vietnã e leva os dois amigos para os bombardeios. Birdy fica emocionalmente destruído: catatônico, é mantido trancafiado no quarto de um hospital psiquiátrico do Exército. É lá que Al, com ataduras co-



Al (Cage) e Birdy (Modine) no hospício do Exército

brindo boa parte do rosto, vai rever o companheiro para tentar estimulá-lo a falar e se recuperar. Todo o filme desenrola-se a partir desse encontro — os sofridos diálogos, ou melhor, monólogos de Al para um Birdy emudecido, vão costurando as cenas de *flashback*. Parker se vale de uma estrutura dramática talvez linear demais. Um garoto hipersensível, incompreendido pelo mundo, é destroçado por uma guerra que nada tem a ver com ele. Um doen-

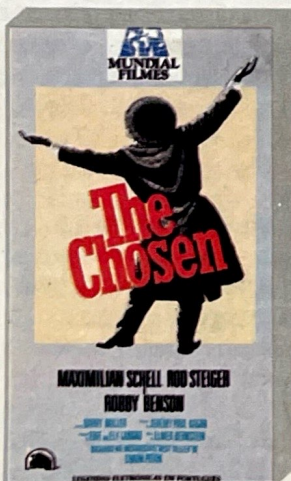
te internado no hospital psiquiátrico, ao se recusar a qualquer comunicação, demonstra mais saúde mental do que os médicos "normais" que sustentam a guerra. São lugares-comuns mais manjados do que o sonho de voar como os passaros. Mas o fato é que, apesar dessa estrutura esquemática, Parker obtém um bom filme. Além do mais, a guerra destrói mesmo toda forma de sensibilidade.

Eugênio Bucci

THE CHOSEN ★★★

(EUA, 1981)

Direção: Jeremy Paul Kagan. Com Robby Benson, Rod Steiger, Maximilian Schell. Mundial.



Não é nada difícil entender o estrondoso sucesso de crítica deste filme, ainda mais num mercado como o americano, onde a grande maioria dos profissionais envolvidos com cinema são judeus. Não há um personagem no filme que não seja judeu e o título já deixa claras as suas grandes simpatias — *Os Escolhidos*! O assunto, em si, é universal e comum a muitos dramas familiares e/ou emotivos: quando a lealdade aos princípios pessoais ou da família pode sacrificar uma forte amizade. É a (bela) história da amizade entre dois jovens solitários na Nova York da Segunda Guerra Mundial e arredores temporais. Um deles é Danny (Benson) e o outro, Reuven (Barry Miller, o humorista do filme *Fama*). Acontece que Danny (de David) vem de uma família hassídica e Reuven

tem em seu pai um sionista.

Os hassídicos vêm da Rússia, mantêm costumes medievais, e acreditam que Jesus ainda nascerá para mostrar a Terra Prometida. Os sionistas são judeus universais, e acreditam que a Palestina deve ser tomada, nem que se recorra a atos terroristas. Resta saber se assunto tão particular interessa ao espectador comum.

Ch.P.

HENRIQUE V ★★★

(Henry V, Inglaterra, 1944)

Direção: Laurence Olivier. Com Laurence Olivier, Robert Newton, Leslie Banks, Esmond Knight, F.J. Lucas. Dirigido por sir Laurence Olivier, por solicitação do próprio governo britânico, o projeto (recusado por William

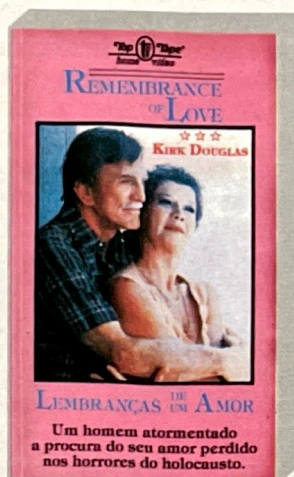
Wyler) tornou-se obviamente um bem montado palco cinematográfico para seu próprio brilho como ator. A trama aborda a lendária batalha de Agincourt (1415), em que os ingleses de Henrique V — "um povo no qual o mais humilde tem brilho de nobreza no olhar" — põem para correr os pernósticos e fúteis franceses de Carlos VI. O filme tem um tom que não pode ser desvinculado do momento histórico em que os ingleses e aliados somavam forças contra o inimigo alemão.

Olivier utiliza um recurso metalinguístico curioso em sua adaptação de Shakespeare. Tudo começa e acaba em pleno teatrino elizabetano, retratando uma encenação no palco e nos bastidores em 1600. Do teatro londrino, a câmera voa junto com a imaginação do espectador e a peça se

transforma num filme de suntuosa coreografia. Um dos destaques é o monólogo em que Henrique V (Olivier) questiona a própria realeza: "O que têm os reis que os outros não, exceto o aparato?" Quem tiver pique para tanta anglofilia e empostação, no vídeo nem perceberá o gosto um tanto rançoso de toda a produção. *A.Q.N.*

LEMBRANÇAS DE UM AMOR ★★

(*Remembrance of Love*, EUA, 1982)
Direção: Jack Smight. Com Kirk Douglas, Pam Dawber, Chana Eden, Yoram Gall, Robert Clary. Top Tape.



Nesta fita produzida para a televisão, Douglas é um judeu sobrevivente do nazismo que viaja para Israel na esperança de encontrar o grande amor de sua vida. Leah (Chana Eden), também ela uma vítima do Holocausto. Nessa viagem em busca do tempo perdido, ele irá recuperar emoções e sentimentos que julgava esquecidos, mas terá também de enfrentar o ciúme da filha, que vê na relação do pai uma traição à mãe, já morta, e a ela própria. O realizador Jack Smight, um especialista em filmes para a televisão, tem o bom senso de evitar o melodrama barato. Aqui, ele é ajudado pela interpretação de Kirk Douglas, que, talvez com medo de compor um personagem excessivamente piegas, revela frieza em alguns momentos pouco condizente com o papel que vive. *P.C.*

SÍNDROME DA CHINA ★★★

(*The China Syndrome*, EUA, 1979)
Direção: James Bridges. Com Jane Fonda, Jack Lemmon e Michael Douglas. RCA-Columbia.



Perto de Chernobyl e da cápsula de césio em Goiânia, *Síndrome da China* ficou um pouco ameno. De qualquer forma, é uma correta combinação entre thriller e "filme denúncia". Jane Fonda é uma *anchorwoman* de sucesso que vai fazer uma reportagem sobre uma usina nuclear. Por azar (ou por sorte), ocorre um pequeno acidente exatamente na hora em que ela e seu intrépido câmara (o "sopa-crua" Michael Douglas, que também é produtor do filme) estão visitando a sala de controle. A falha é controlada pelo engenheiro chefe (Jack Lemmon), mas é aí que começam os problemas. A matéria (que havia sido filmada sem permissão do chefe de segurança da usina) é censurada pelo diretor da TV, os responsáveis negam a gravidade do acidente, o câmara é demitido mas rouba o tape onde está a filmagem e por aí vai. É um pouco esquemático enquanto abordagem de um tema complexo e com implicações perigosas, mas o diretor James Bridges conduz a investigação com o ritmo preciso e emocionante de um policial. O elenco está OK, com uma pequena ajuda do sensacional Lemmon, no papel interessante do cientista consciencioso que vai se dando conta do buraco em que está metido. *B.A.*



Militares alemães e civis russos cara a cara na II Guerra

A ESTRELA DO NORTE ★★★★★

(*The North Star*, EUA, 1943)
Direção: Lewis Milestone. Com Anne Baxter, Dana Andrews, Walter Huston, Erich von Stroheim, Walter Brennan, Farley Granger. Hollywood Classics.



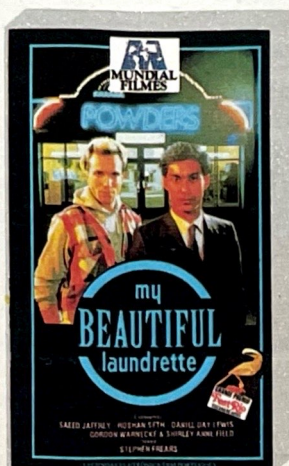
A nova distribuidora de vídeo Hollywood Classics entra no mercado nacional apostando nos filmes das décadas de 20 a 50, considerados "clássicos" em preto-e-branco. Juntamente com *North Star* estão *O Proscrito* e *Amor da Minha Vida* (ver resenhas nesta edição). O enredo de *A Estrela do Norte*, seu argumento e ideia têm romance e melodrama em dose alopáticas. Viver numa aldeia russa era como partilhar do paraíso. Nem os anjos faltam. Os jovens trabalham e estudam afinados com os ideais simples da comunidade. Pais e filhos, vizinhos e vi-

zinhas, namorados e namoradas fazem festa-baile para comemorar qualquer coisa. No caso, há o encerramento do ano letivo e quatro jovens destacados são presenteados com uma viagem à cidade. Mas a época é mais dura. Na década de 40 os nazistas estavam à espreita. Os "demônios" invadem o Eden como vampiros buscando sangue. Tropas decoradas com a suástica aportam na vila. Para salvar soldados feridos, os médicos do Exército alemão, chefiados pelo dr. von Harden (o impressionante Stroheim), extraem o sumo vital das inocentes crianças camponesas. A esperança da comunidade fica nas mãos dos estudantes em passeio, que se incumbem de levar armas à aldeia. Fora do enredo, assiste-se a outra história. Lillian Hellman, a roteirista, chegou a ser considerada, mais tarde, uma "bruxa" comunista, perseguida por causa de suas convicções e de "propaganda" pró-soviética. O diretor Lewis Milestone, russo de nascimento, foi responsável por outros sucessos (*Sem Novidades no Front* e *Carícia Fatal*). Durante a guerra, Rússia e Estados Unidos eram aliados, o que permitiu ao diretor e à roteirista mostrar "vida" no Leste Europeu. Graças aos conflito mundial — num curto período de tempo — Hollywood pôde transferir o romance do sonho americano para estepes da Europa Oriental sem sofrer de drásticos abusos engendrados pelas patrulhas ideológicas do *american way of life*. *Diison Gomes*

MY BEAUTIFUL LAUNDRETTE ★★★★★

(Inglaterra, 1985)

Direção: Stephen Frears. Com Daniel Day Lewis, Gordon Warnecke, Saeed Jaffrey. Mundial.



Não há cinematografia, atualmente, que tenha tão pouca vergonha de lavar a própria roupa suja em público como a inglesa. E por isso que todo o enredo deste filme de Frears, em torno de uma lavanderia, torna-se tão sintomático e sugestivo. Junto ao roteirista Hanif Kureishi, descendente de paquistaneses, o diretor concebeu uma das mais harmônicas associações artísticas dos últimos anos. Isto viria a se solidificar no muito mais radical *Sammy and Rosie Get Laid*, que provocou controvérsias principalmente no conservador Estados Unidos.

Tudo gira em torno de uma lavanderia entregue às moscas e à marginalia social que mora numa entristecedora periferia londrina. Propriedade de Nasser (Jaffrey), imigrante paquistanês que enriqueceu suspeitamente, aquela construção inútil passa para as mãos de seu novo protegido, Omar (Warnecke), filho de seu irmão, conhecido como Papa (Roshan Seth), ingênuo e fracassado miserável que acredita na honestidade, no estudo e no trabalho. Omar, claro, prefere tomar o partido de seu tio. Ele decide reformar completamente a lavanderia, oferecendo um local de luxo onde antes era imaginável apenas a miséria. A relação simbólica é clara:

uma embalagem sofisticada e bonita para se lavar roupas sujas. Frears não pensou como Omar. Ele lavou a roupa íntima da Inglaterra sem se preocupar com apelos visuais. O diretor se rendeu à excelência do roteiro e desnuda dois grandes fantasmas ingleses, o racismo e o sexo, associados à miséria material, de forma crua. Leia-se: o filme é muito feio, feio como as ruas de concreto da Londres em fuligens. Omar reforma a lavanderia em associação com um velho amigo de infância, Johnny (Lewis, sempre excelente), do qual havia se afastado há anos quando este se "enturmou" com os brancos racistas. Kureishi sintetiza no relacionamento de ambos as questões levantadas pelo filme, tanto quanto ao conflito de pele quanto à devassidão sexual da velha Inglaterra. Em meio a traições e jogos de cama, Johnny e Omar desfrutam do mais calmo e sensual caso de amor, atribulado apenas pela sede de poder do paquistanês complexado.

Frears é um debochado. Ele parece pensar em comédias bufas enquanto constrói este mosaico realista e perturbador; parece rir de todo mundo. Ele sabe que seu filme é inteligente e não se preocupa com o bom senso convencional. No final quase anárquico, vence apenas o amor entre os amigos. Será Frears um romântico moderno?

Ch. P.

NOITE DE DESAMOR ★★

(Night, Mother, EUA, 1986)

Direção: Tom Moore. Com Sissy Spacek, Anne Bancroft. CIC.

Thelma e Jessie são duas mulheres fechadas em casa numa noite de Natal. Thelma é a mãe e Jessie a filha. Conversam enquanto arrumam a casa. Falam sobre o pai de Jessie, morto, sobre o marido que abandonou Jessie, Cecil, sobre o filho que fugiu de casa, Ricky. Falam ainda sobre a epilepsia de Jessie. Súbito, a filha de Thelma pergunta pela velha arma do pai, se ainda está no sótão, e diz que vai se matar naquela noite mesmo. Não há tremor em sua voz;

diz como diria "vou dar uma volta". A mãe a princípio não acredita. Mas Jessie falava sério.

Tudo o que se pode dizer desse teatro filmado é que ele não foge à regra: é claustrofóbico e muitas vezes enfadonho. A mãe, Anne Bancroft, e suas tentativas de impedir o suicídio, ora sorrindo, ora chorando, ora gritando, garantem o patético. Sissy Spacek — que estava melhor fazendo papel semelhante em *Crimes do Coração* — põe o seu rosto impassível a serviço da naturalidade trágica de Jessie. Mas é enfadonho. Lembra de muito longe o Bergman de *Sonata de Outono*. Pena Spacek e Bancroft — duas excelentes atrizes — perdem tempo com esse blá-blá-blá, literalmente um lavar roupa suja em casa.

Discutir suicídio é complicado. Neste caso talvez fosse melhor não tentar. Salva-se a curiosa morbidez com que isso é feito no filme. D.B.

HORROR

OLHOS DA NOITE ★★

(Deadly Eyes, EUA, 1982)

Direção: Robert Clouse. Com Sam Groom, Sara Botsford, Scatman Crothers. F.J. Lucas.



Se é possível causar suspense e horror com pombos, canários e par-

dais (como fez Hitchcock em *Os Pássaros*), seria de se supor que o efeito seria ainda mais assustador se as aves fossem substituídas por nojentos ratos gigantescos e ensandecidos.

Mas não é o resultado desta fita, em que uma super-raça de roedores (criada em função do excesso de esteróides nos cereais de que os ratos se alimentam) emerge dos subterrâneos e ataca algumas pessoas numa grande cidade norte-americana.

Uma inspetora de saúde (Sara Botsford) e um professor de colégio (Sam Groom) tentam evitar a catástrofe, mas — é claro — ninguém acredita neles, ou finge não acreditar. Aliás, nem o público acredita, porque além de a história ser mal construída, com diálogos beirando o ridículo, os "efeitos especiais" são constrangedores: os ratos gigantes não passam de cães com máscaras absurdas de roedores. Essa pobreza de realização desperdiça não apenas uma boa história — tirada do romance *The Rats*, de James Herbert — como também um ótimo ator, Scatman Crothers (de *O Iluminado* e *No Limite da Realidade*), perdido no papel de um desafortunado exterminador de ratos. J.G.C.

O PORTÃO ★★★★★

(The Gate, EUA, 1987)

Direção: Tibor Takacs. Com Stephen Dorff, Louis Tripp e Christa Denton. Look.

O negócio aqui é terror infantil: um garotinho, Glen (Dorff), tem um pesadelo em que a árvore em seu quintal, onde tem seu galpãozinho construído, é dizimada por um raio. Ao acordar, a árvore está sendo destruída mesmo, só que pela motosserra de seu pai. No lugar da raiz fica um enorme buraco de onde virá todo o mistério do filme. De lá emana uma estranha energia. Seus pais partem em viagem e o deixam na casa com sua irmã de 16 anos, Al (Christa), desajuzada e inconsequente. O cenário está pronto para o que der e vier: no princípio as coisas estranhas são creditadas à mera ilusão dos juvenzinhos (como a levitação de Glen em uma tes-

tinha), mas aos poucos a coisa fica séria.

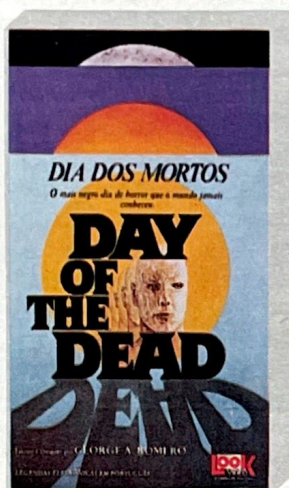
A partir de uma pedra incandescente, expelida do buraco, Glen e seu amiguinho Terry (Tripp) começam a investigar o desconhecido. Terry (que curte rock *heavy-metal*, pesadão) descobre trechos de uma suposta missa negra em um disco intitulado *O Livro Negro* e faz ligação com uma indecifrável inscrição que surge misteriosamente num papel de Glen. O ritmo do filme é vertiginoso: criaturinhas, criaturas etc. ameaçam impiedosamente as crianças.

Imagine um ótimo *Poltergeist* sem os pais em casa. Os efeitos especiais são excelentes (Randall William Cook, de *Ghostbusters* e *Poltergeist II*). O enredo controla com eficiência o suspense e tenta combater o mal que se agiganta. É de dar inveja a Spielberg. W.S.

DIA DOS MORTOS ★★

(*Day of the Dead*, EUA, 1985)

Direção: George Romero. Com Lori Cardille, Terry Alexander, Joe Pilato, Richard Liberty, Howard Sherman. Look.



Este terceiro exemplar da trilogia dos mortos-vivos de Romero pode não ter a força, a originalidade e o humor macabro dos outros dois (*Night of the Living Dead*, de 1968, e *Dawn of the Dead*, de 1979), mas mantém o estilo e as obsessões "antropológicas" de seu criador. E também, é claro, o habitual coquetel de sangue, vísceras e corpos em decomposição que se tornou uma regra do cinema de horror recente, todo ele influenciado em alguma medida por Romero.

Num futuro indeterminado, a América (e provavelmente o mundo todo) enfrenta uma superpopulação de mortos-vivos devoradores de gente. Uma missão científica comandada pelo Dr. Logan (Liberty) tenta capturar alguns desses zumbis para estudo.

Logan acredita na possibilidade de pacificação e adestramento des-

ses seres, e tenta provar suas teorias com um espécime, Bub (Sherman). Mas o comandante militar da expedição, Capitão Rhodes (Pilato), não acredita na recuperação dos mortos-vivos e só quer destruí-los. Do contraste entre o zumbi "humanizado" de Logan e os homens bestializados de Rhodes, Romero constrói sua parábola sobre a tênue linha que separa barbárie e civilização. O clima de toda a fita é sombrio e claustrofóbico, até porque a ação se passa quase inteiramente num acampamento subterrâneo.

Neste ambiente obscuro, só quem brilha é a personagem Sarah (Lori Cardille), pesquisadora e guerreira que, no estilo Sigourney Weaver, alterna momentos de ternura e extrema dureza. A maquiagem de Tom Savini, como sempre, é de arrepiar. J.G.C.



Nesta Casa...
Se Você Viu Um Fantasma...
Você Ainda Não Viu Todos.

Michael Keaton em

OS FANTASMAS SE DIVERTEM (BEETLEJUICE)

10 ANOS

LANÇAMENTO NACIONAL
10 DE NOVEMBRO



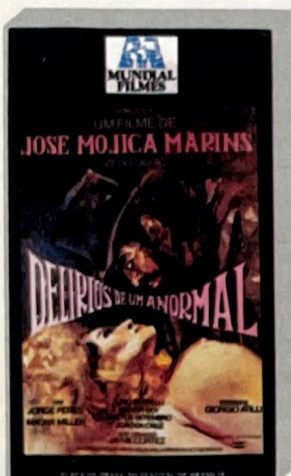
A GEFEN COMPANY RELEASE
WARNER BROS.
UMA COMPANHIA DO GRUPO WARNER COMMUNICATIONS



DELIÍRIOS DE UM ANORMAL ★★★

(Brasil, 1978)

Direção: José Mojica Marins. Com José Mojica Marins, Jorge Peres, Magna Miller e Jaime Cortez. Mundial.



Hamilton (Jorge Peres), que trabalha numa clínica psiquiátrica, está doente e é acometido por um delírio interminável: em seu espasmo crônico ele vê Zé do Caixão (Marins) seduzir, como que por hipnose, sua namorada, Tânia (Magna), para que ela — como mulher perfeita — possa gerar o legítimo herdeiro das sombras. Isso motiva o roteiro a desfilar desconexamente (como nos "bons" pesadelos de verdade) seqüências aflitivas, onde Hamilton é apenas um observador impotente. Em efeitos especiais o filme está aquém das modernas produções do gênero, mas o que se dá é uma explosão de criatividade que José Mojica parece não querer controlar: muitas cenas de suspense não levam a lugar algum, é o terror pelo terror. Sessões de tortura, orgias satânicas e rituais macabros compõem um primoroso inferno kitsch, onde vociferações de mensagens incoerentes (mas carregadas de maldição) acompanham cenas que fazem rir e outras arrepiantes. E, num rasgo de metalinguagem, José Mojica — o diretor — aparece para ajudar o paciente, explicando o Zé do Caixão e pedindo ajuda para seu próximo filme. Aqui, difícil é saber o que é e o que não é realidade.

W.S.

O SORO MALDITO ★★★

(I, Monster, Inglaterra, 1972)

Direção: Stephen Weeks. Com Christopher Lee, Peter Cushing, Mike Raven. VTI.

Enésima adaptação da clássica história de Robert Louis Stevenson, *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, desta vez temperada com discussões sobre as teorias de Freud em torno da repressão dos instintos. No início do século, um psiquiatra e pesquisador britânico, o Dr. Charles Marlowe (Lee, canastrão e eficiente como sempre), resolve experimentar em si próprio um soro que tem a capacidade de suspender temporariamente os bloqueios e censuras morais. Sob o efeito da droga ele se torna o abominável Edward Blake, indivíduo capaz das mais incríveis monstruosidades. Terror tipicamente britânico, em que a criação de climas e o desenvolvimento psicológico prevalecem sobre a violência explícita. Um pouco fora de moda, mas ainda assim uma boa pedida.

J.G.C

LUXÚRIA DE VAMPIROS ★

(Lust for a Vampire, Inglaterra, 1970)

Direção: Jimmy Sangster. Com Yutte Stensgaard, Ralph Bates, Barbara Jefford, Suzanna Leigh. VTI.



Até mesmo os fãs mais inveterados dos filmes de terror B da Hammer com certeza ficarão decepcionados com esta *Luxúria de Vampiros*, que, apesar de levar a marca da fami-

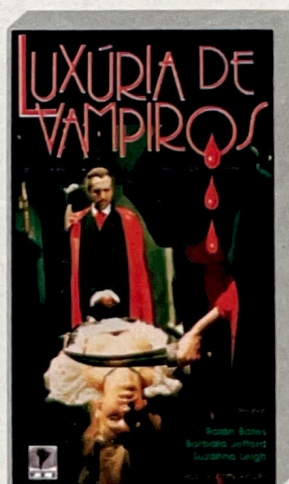
rada produtora inglesa, já retrata o declínio da qualidade de seus filmes. A pretexto de reforçar o componente erótico das histórias de vampiros, o roteiro — concebido a partir da novela *Carmilla*, de Sheridan LeFanu — vai sendo alinhavado como uma colcha de retalhos, onde inexpressivas cenas de sexo e insinuações de lesbianismo em um colégio inglês de moças no início do século passado mesclam-se com os usuais aldeões atemorizados, um castelo sinistro e um vampiro, quando este escolhe uma das alunas para reencarnar sua falecida esposa. O resultado se pretende aterrorizante, mas beira irremediavelmente a paródia sem graça. O pessoal dos caninos compridos não precisa de tanta apelação. C.P.

SUSPENSE

VÍTIMA DO DESCONHECIDO ★★

(Impulse, EUA, 1984)

Direção: Graham Baker. Com Meg Tilly, Tim Matheson, Hume Cronyn. Transvideo.



O que pode esconder uma pequena cidade de interior, pacata, de hábitos comuns e cidadãos tranqüilos? A maioria delas, pelo menos nos filmes, serve como cenário por onde transita todo tipo de preconceito e cada um dos elementos que compõem

o lado negro da existência do homem. Em *Frankenstein*, por exemplo, o monstro é açoitado e destruído pelos membros zelosos da comunidade. Em *Vítimas do Desconhecido*, a fórmula tenta se repetir, só que neste caso o monstro é a própria natureza humana. Na pequena cidade desta história, a população, sem motivo aparente, passa a tomar atitudes extremamente violentas. Mortes e fatos surpreendentes brotam a cada minuto. Meg Tilly (*Agnes de Deus*) e Tim Matheson são os dois jovens que primeiro desconfiam que algo não estava certo, e se empenham em desvendar o enigma. N.R.

A APARIÇÃO ★★

(The Wraith, EUA, 1987)

Direção: Mike Marvin. Com Charlie Sheen, Nick Cassavetes e Sherilyn Fenn. Look.

As cenas iniciais lembram a abertura do seriado de TV *Além da Imaginação*: o universo estelar traduzindo mistério. Só que vários meteoritos podem ser observados, até que um deles cai num ermo noturno liberando uma luz que passa a percorrer velozmente as autoestradas do centro americano. Após isso o espectador é levado a uma cidadezinha americana, aparentemente pacata, onde os personagens em questão são numerosos jovens modernos que animam e sacodem o local. Ali aparece o rebelde Packard (Cassavetes) e sua cruel gangue pseudopunk, na qual todos montam seus carros envenenados. No mais patético estilo James Dean, surge o forasteiro Jake (Sheen), que passa a ter olhos para ninguém menos que a deliciosa (e oferecida) garota do boss Packard, Keri (Sherilyn). Encrenca na certa. A disputa pela posse da garota é resolvida com ininterruptas corridas de possantes carros. Paralelamente à aparição de Jake, surge vindo do nada um misterioso piloto num carro ultrarrojado, que além de ganhar todas as disputas provoca suspeitas mortes. Muito rock e muito pneu comendo solto na estrada. Com atores afetados, este primário filme de gangue revela-se aquém da imaginação. W.S.

BLACKOUT ★★★

(EUA, 1985)

Direção: Douglas Hickox. Com Richard Widmark, Keith Carradine, Michael Beck, Kathleen Quinlan, VIC.



No melhor estilo hitchcockiano, embora sem o mesmo brilho, uma trama que mistura perda de identidade, assassínatos misteriosos, estúpos e psicopatologias diversas, numa rede muito bem armada e capaz de sustentar o interesse do início ao fim. Um policial "convidado" a se aposentar após a frustrada tentativa de prender um homem que matou toda a família vê-se na iminência de, decorridos seis anos, colocar as mãos no assassino. O problema é que o suposto culpado perdeu a memória num acidente de carro e já não se lembra do passado ou mesmo de sua verdadeira identidade.

O grande mérito do inglês Douglas Hickox é justamente manter o suspense do início ao fim, jogando o tempo todo com as expectativas do público. Este sabe, a exemplo do policial da história, que existe um criminoso à solta, suspeita de quem seja, mas jamais tem a certeza absoluta.

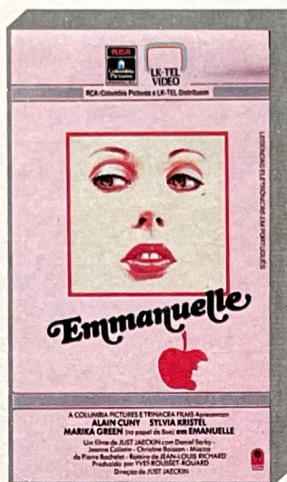
Não se deve buscar no filme um estudo das obsessões e paixões humanas, nem mesmo vislumbrar na figura do velho policial a encarnação da justiça enquanto representação da verdade. Douglas Hickox não é Alfred Hitchcock. Nem seu filme pretende ser mais do que é — um simples e absorvente thriller. P.C.

ERÓTICO

EMMANUELLE ★★

(França, 1974)

Direção: Just Jaeckin. Com Sylvia Kristel, Marika Green, Daniel Sarky, Alain Cuny. RCA-Columbia.



Este clássico do pornô soft — que teve até agora quatro seqüências e inúmeras imitações — ficou proibido por alguns anos no Brasil e — talvez por isso — teve um impacto considerável quando exibido nos cinemas. Assentada a poeira, é possível hoje não só relativizar a sua importância como também explicar o seu sucesso.

A história tem todos os elementos que povoam os livrinhos do tipo *Sabrina*: Emmanuelle (Sylvia Kristel), a fiel esposa de um diplomata francês (Sarky), vai encontrá-lo na distante e pitoresca Bangcoc, Tailândia. Lá ela descobre uma paixão proibida (a novidade é que é por outra mulher) e, influenciada pela atmosfera tropical, liberta sua sensualidade reprimida. Para revestir essa banalidade com uma aparência intelectual e "de bom gosto", são introduzidos alguns diálogos pretensamente "filosóficos" sobre a arte do erotismo, a cargo de um velho expert (o bom ator Alain Cuny, de *A Doce Vida*), que inicia Emmanuelle nos "incríveis mistérios do sexo". Pura bobagem. Para além de todo blá-blá-blá, percebe-se que a conclusão dessa peregrinação sexual pelos becos recônditos de

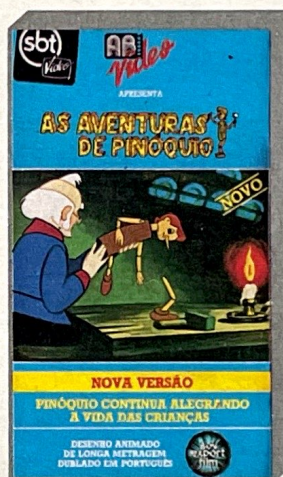
Bangcoc é uma só: erotismo = exotismo. Vale para rever Sylvia Kristel — então no auge de sua beleza — e contrastar com as tristes sessões de ginástica em que se converteram os filmes pornôs. Mas não se engane: erotismo é outra coisa. J.G.C.

ANIMAÇÃO

AS AVENTURAS DE PINÓQUIO ★★

(URSS, 1969)

Direção de produção: Soyusmultfilm. AB Video.



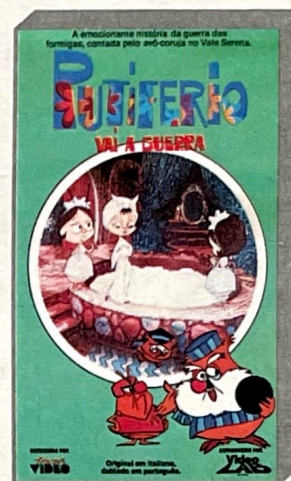
A história de Pinóquio já é conhecida universalmente. Cada um faz a sua versão — e aqui está a russa. O que diferencia esta da clássica tradução dos Estúdios Disney são os traços, a coloração e as atribuições de comportamento tão distintas. Enquanto a de Disney é leve e sublime, com traços delicados e cores alvejantes, a animação russa tem seus contornos mais simplificados. A opção é por cores mais densas e sombreadas, e os personagens adultos (as autoridades policiais) são imensos e ame-drontadores. No entanto, estes são apenas índices de traços culturais (e talvez políticos) próprios, que não tiram a graça deste *Pinóquio* e que lembram as pinturas sóbrias, porém elegantes, de um passado pouco distante. Para as crianças — e com

certeza para os marmanjos curtidores de arte animada — é uma oportunidade rara de se conhecer o cartoon russo. São os bons ventos da glasnost. W.S.

PUTIFERIO VAI À GUERRA ★★★

(Putiferio Va alla Guerra. Itália, 1968)

Direção de animação: Roberto Gavioli. Transvideo.



A história conta a saga de formigas que fizeram um palco de guerra para se defrontarem. Ocorre num lugar paradisíaco chamado Vale Sereno, onde um vovô coruja, Sr. Pucci-Pucci, recebe seus netinhos corujinhas de várias partes do mundo para ouvirem uma história. E o bom velhinho (e contador de relatos) fala sobre o que aconteceu. Era uma vez, quando as formigas amarelas foram atacadas, enquanto estavam na festa da lua nova, pelas suas inimigas, os Formigões. Algumas formigas foram raptadas juntamente com Putiferio — a formiguinha heroína da história.

É quando ela, cativa, conhece o galã comandante Trin-Trin dos Formigões e ambos se apaixonam. Parece uma versão de *Romeu e Julieta*: os dois estão separados pelas famílias e interesses. É uma fábula de diferenças e consagrações, onde os personagens são bem estruturados e a composição de paisagens é rica em detalhes e colorido. Se você não viu no cinema em 1970, eis a oportunidade. W.S.



LOUCURA TOTAL

Carros e motos que voam, dão cambalhotas no ar, rolam ribanceiras, derrubam árvores e guard rails, nas mãos de pilotos hábeis, malucos e corajosos. Caminhões equipados com motores especiais que alcançam 1.000 hp de potência e 200 km por hora, barcos e helicópteros transformando as maiores provas internacionais em shows de velocidade, perícia e emoção. Essa é a fórmula, filmada por cinegrafistas impecáveis e arrojadados.

Divirta-se assistindo tudo o que esses pilotos maravilhosos são capazes de fazer para alcançar o seu grande sonho: a vitória.

Tudo isso e muito mais, você vai ver na Coleção Quatro Rodas Esportes Mundiais.

COLEÇÃO
QUATRO RODAS
Esportes Mundiais
EM VIDEOCASSETTE

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

RALLY PARIS-DAKAR 88

349 carros, 115 caminhões, 206 motos, barcos e helicópteros na prova off road mais importante do mundo, segundo os campeões de todas as modalidades. Paris-Dakar 88: o rally que ficou na história.

HAVOC 7

A coletânea dos mais espetaculares acidentes automobilísticos e motociclisticos, num show de imagens impactuais, vibrantes e inesquecíveis.

CAMPEONATO MUNDIAL DE RALLY 87

Velocidade, consciência, perícia, resistência num percurso que começa em montanhas nevadas, atravessa a poeira, a chuva e a lama no Quênia, encontra a morte em Portugal e segue empolgante.

CAMPEONATO MUNDIAL DE MARCAS 87

Os melhores e mais emocionantes momentos do Campeonato Mundial de Marcas de 87 esclarecem porque os mais consagrados pilotos do mundo, arriscam suas vidas pela vitória.

CAMPEONATO MUNDIAL DE MOTOCICLISMO 500 cc - 87

Em vários ângulos, as melhores e mais espetaculares cenas deste disputadíssimo campeonato que reúne os melhores motociclistas do mundo.

Tire seu vídeo da rotina, levando para casa a Coleção 4 Rodas de Esportes Mundiais.

Peça os 5 novos lançamentos em sua locadora. Faça o seu pedido de compra diretamente para a Abril Vídeo ou seus representantes:

(011) 814-8426 ou 814-8803

Conheça também os outros sucessos desta coleção. Vibrantes:



Apoio



REPRESENTANTES EM TODO O BRASIL:

• RJ (021) 325.8350; • RS (0512) 34.4700; • DF/GO (061) 243.8815; • PE (081) 224.2124; • BA (071) 235.7107; • CE (085) 244.1819; • MG (031) 222.7519; • PA (0162) 36.0453; • AM (092) 234.8164; • PR (041) 256.5957; • LONDRINA (0432) 24.6812; • MT (065) 321.2011; • MS (067) 624.9002; • SC/BLUMENAU (0473) 22.3081; • FLO-RIANÓPOLIS (0482) 23.6975; • SP/RIBEIRÃO PRETO (016) 624.1117.



MUSICAL

AMOR DA MINHA VIDA ★★

(Second Chorus, EUA, 1940)

Direção: H.C. Potter. Com Fred Astaire, Burgess Meredith, Paulette Goddard, Artie Shaw. Hollywood Classics.



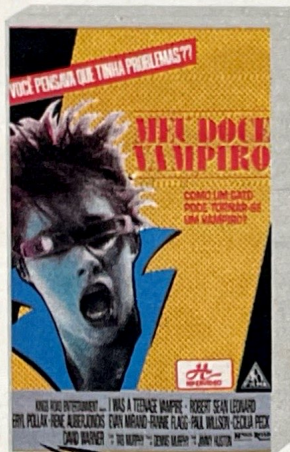
Qualquer filme com Fred Astaire é uma festa. Este não é dos quatro ou cinco melhores, mas, além dos impecáveis números de dança, traz algumas boas piadas, um elenco excelente e uma bela trilha sonora de Artie Shaw (a música "The Love of My Life" foi indicada ao Oscar). O próprio Shaw tem uma participação importante no elenco, no papel de si mesmo, um clarinetista e *band-leader* consagrado, em cuja orquestra os jovens trompetistas Danny O'Neill (Astaire) e Hank Taylor (Meredith) querem tocar a todo custo. Para complicar as coisas, ambos são apaixonados por Ellen Miller (Paulette Goddard), a linda amiga de Carlitos em *Tempos Modernos*, a empresária da orquestra de Shaw. Ótima oportunidade para se conhecer o talento cômico de Astaire e, principalmente, de Meredith, que 36 anos depois interpretaria o treinador de Rocky Balboa, em *Rocky*. Dois problemas: a atenção excessiva dedicada a Shaw e sua banda, e o subaproveitamento da genialidade de Fred Astaire (a rigor ele só dança três vezes — todas elas inesquecíveis). Assista. J.G.C.

COMÉDIA

MEU DOCE VAMPIRO ★★

(I Was a Teenage Vampire, EUA, 1987)

Direção: Jimmy Huston. Com Robert Sean Leonard, Chery Pollak, David Warner e Cecilia Peck. Hipervideo.



Esta vampiresca história transportada para os anos 80 conta as confusões do adolescente Jeremy Capello (Leonard) ao cair nas malhas sedutoras de uma garota-morcego. Não se trata de um aventureiro, antes de um garoto tímido obcecado por sua colega de classe, Darla Blake (Chery), que não lhe dá a menor. Garoto certinho, quando não estuda faz diligentes entregas em domicílio para um supermercado. Ao entregar encomendas numa sinistra mansão, Jeremy é fisgado por um convite de provocante vampiresca Nora (Cecilia), para um *rendez-vous* à meia-noite. Inexperiente e sedento de sexo, ele cai como um patinho. Mas, perseguindo Nora, estão os caça-vampiros: professor McCarthy (Warner) e seu assistente. Agora eles têm mais um jovem vampiro na mira. A partir daí tudo muda para Jeremy, que passa a ter repulsa de pizza, põe bifes nas vitaminas, e por não suportar a luz do sol adota óculos escuros que lhe dão um visual *new wave*. Aliás, a ação é embalada pelo rock ligeiro de grupos da nova geração. Jeremy vira um *outsider* por necessidade, que conta com a ajuda de um idoso e simpático vampiro que surge para lhe dar conselhos. W.S.

VENHA DORMIR COMIGO ESTA NOITE ★★

(La Stanza del Vescovo, Itália, 1977)

Direção: Dino Risi. Com Ugo Tognazzi, Ornella Muti, Patrick Dewaere, Lia Tanzi. F.J. Lucas.

Leve em consideração a naturalidade e desprendimento cômico-dramático de Ugo Tognazzi. Leve também em consideração (não só) a beleza de Ornella Muti, uma atriz que valoriza até mesmo as produções menores do seu currículo. Lembre-se de Patrick Dewaere, que poderia ter sido um *enfant terrible* do cinema francês, falecido no início dos anos 80. Recorde-se também de *Telefonos Brancos* e *Esse Crime Chamado Justiça*, do diretor Dino Risi. Com todos esses créditos até que se poderia apreciar *La Stanza* com alguma pertinência. A história amarga do pernóstico Temistocle Mario L'Orbelli (Tognazzi), casado por dinheiro e interesse com Cleofe (Lia), é, no entanto, mais uma receita da culinária cinematográfica italiana. L'Orbelli tem pouco a fazer na vida e, num passeio até o lago, encontra Marco (Dewaere), dono de um barco. Este empresta-lhe mulheres e liberdade com muita paciência. Para compensar, no Palácio de Cleofe, vive Matilde, a cunhada solitária e viúva (Ornella). Dublado em inglês, as piadas deste drama italiano perdem parte da malícia na hora da tradução. D.G.

A TIA FRANKENSTEIN ★★

(Frankenstein Great-aunt Tillie, EUA, 1983)

Direção: Myron J. Gold. Com Yvonne Furneaux, Donald Pleasence e June Wilkinson. Jota Bome Vídeo.

Cem anos depois do nascimento e morte (?) da criatura do Barão Frankenstein, a cidadezinha de Mücklefugger, na Transilvânia, vislumbra a modernidade. Respeitáveis (pero no *mucho*) senhores pretendem construir a maior indústria de chicotes já vista nas imensas e endividadas propriedades dos Frankensteins. Na hora H adentra na cidade a tia Tillie (Yvonne) em seu calhambeque último tipo, juntamente com o 13.º barão da nobre linhagem,

Victor (Pleasence) e sua fogosa acompanhante, Randy (June). Os planos da singular indústria ficam emperrados com o regresso dos legítimos Frankensteins, que retornam para ficar e pagar as dívidas. Eles são excêntricos e malucos: Tillie quer participar de uma corrida Pan Balcãs-Bucareste com seu carrão, trouxe para a Transilvânia as primeiras calças compridas para mulheres e com isso detona um surto pioneiro feminismo, com passeatas e tudo mais. Enquanto isso Victor e Randy se entregam à luxúria velada. Os costumes morais e comerciais do lugar já não serão mais os mesmos e as autoridades se inquietam. Até a *déjà vue* criatura acorda do sono eterno sem o charme e a importância de antigamente. Uma comédia que beira o *nonsense* e incursiona no pastelão. Esta nova geração de Frankensteins está mais preocupada consigo mesma do que em manter a tradição da família — os tempos são outros. W.S.

A LOUCA CORRIDA DOS MILHÕES ★★

(Madigan's Millions, EUA, 1967)

Direção: Stanley Prager. Com Dustin Hoffman, Elsa Martinelli, Cesar Romero. Elite.

Não se deixe enganar pelo nome de Dustin Hoffman encabeçando o elenco. Trata-se, na verdade, de uma arapuca para agarrar os fãs do ator. Hoffman não era conhecido quando rodou esta comediuzinha obscura e sem graça. Sua fama só viria com o posterior *A Primeira Noite de um Homem*, realizado no mesmo ano. Aqui ele é uma espécie de inspetor Clouseau, que, enviado à Itália para recuperar o dinheiro de um gangster, acaba se envolvendo em confusões. O filme procura tirar partido da figura engraçada de Hoffman, explorando ao máximo sua expressão apalermada e sua baixa estatura. No entanto, o roteiro é fraco e a direção limita-se a ligar as cenas e a movimentar a câmara da maneira mais convencional possível. Como as seqüências cômicas nunca passam de mero esboço, o filme não tarda a descambar no mais absoluto tédio. P.C.

A FILHA DA SUA FILHA ESTÁ CADA VEZ MAIS FAMOSA.



Barbie é um fenômeno mundial. Ela tem milhões de "mães" no mundo inteiro. Mães corujas, que adoram Barbie e tudo que tem a marca Barbie: bonecas, discos, camisetas, papel carta, adesivos, tênis e por aí afora. Pois bem. Barbie acaba de assinar contrato com a Top Tape. É a estréia de Barbie no vídeo. Como você vê, Barbie está cada vez mais famosa. Principalmente agora que ela fala, anda, canta e dança feito artista de cinema.

Barbie™

A ESTRELA DO ROCK

Top Tape®
home video

Rio de Janeiro: Rua Alice, 121
Laranjeiras - CEP 22241
Tels. (021) 205.5552 - 265.4960
São Paulo: Av. 9 de Julho, 40 - Cj. 9 c
CEP 01312 - Tels. (011) 231.4828 e 231.4804

Os vídeos mais alugados

AGENTE SECRETO CONTRA MOSCOU ★★★

(Hot Enough for June, Inglaterra, 1964)

Direção: Ralph Thomas. Com Dirk Bogarde, Sylva Koscina, Robert Morley, Leo McKern, F.J. Lucas.

Deliciosa aventura de espionagem temperada com o fino humor britânico e o inevitável amor impossível que se torna realidade por obra e graça da mágica do cinema. Nicolas Whistler (Bogarde, um ator simplesmente perfeito) é um escritor que arranja um inesperado emprego numa fábrica de vidro e imediatamente é enviado de Londres a Praga, Tchecoslováquia (onde nasceu), supostamente para facilitar uma transação comercial rotineira.

Mas ele está, na verdade, servindo de agente secreto para o governo britânico. Tão secreto que nem ele sabe, o que dá origem às situações mais atrapalhadas do lado de lá da "cortina de ferro". Entre outras coisas, ele inventa de se apaixonar pela sisuda (só no começo; depois ela amacia) motorista Vlasta Simenova (Sylva Koscina), encarregada pela burocracia tcheca de seguir todos os seus passos. O jogo de esconde-esconde usual nesse tipo de filme é conduzido com leveza e elegância pelo diretor Thomas, que realizou nos anos 60 várias comédias para a produtora britânica Rank, a maioria delas com Bogarde como protagonista. Uma boa pedida para quem anda cansado do humor pastelão e vulgar que campeia no cinema contemporâneo. J.G.C.

O BANCO DOS TRAPACEIROS ★★

(Silver Bears, EUA, 1978)

Direção: Ivan Passer. Com Michael Caine, Cybill Shepherd, Martin Balsam, David Warner. VTI.

Típica comédia da década de 70, onde todos os personagens são trambiqueiros em maior ou menor grau. E onde, clichê dos clichês, só sai perdendo quem nada tem a ver com o pato, quem só estava agindo sob ordens. Passer é, pelo menos,

um bom diretor. Realizou, entre outros, *Criador*. Se não fosse por ele, todo o material naufragaria. Ampliando a relação dos clichês do gênero, esta é também uma superprodução com elenco internacional e locações na Inglaterra, Suíça e Marrocos. Envolve bancos e tráfico de prata. Bancos que querem comprar bancos, seja para ampliar a rede, para escamotear negócios ou para controlar o mercado de prata. O alvo de todos os interesses é um pequeno e ascendente banco na Suíça, que nasceu de uma falcatura entre um escroque (Caine) e um príncipe da Suíça italiana (Louis Jourdan).

Apesar de entreter, lembra muitos dos filmes que vimos nas madrugadas televisivas. Não é à toa que ele se ajusta tão bem à tela pequena. Merece destaque ainda a participação muito engraçada da gata Cybill Shepherd. Ch.P.

O QUINTETO DA MORTE ★★★

(The Ladykillers, Inglaterra, 1955)

Direção: Alexander Mackendrick. Com Alec Guinness, Peter Sellers, Cecil Parker, Herbert Lom. VTI.



Rara oportunidade de se conhecer uma das melhores comédias do cinema inglês quando este ainda tinha humor (elemento que está sendo recuperado aos poucos). É uma produção dos estúdios Ealing, que respondeu por grande parte das boas

realizações da época. Todo o filme se constrói sobre uma situação destrinchada em todas as suas possibilidades. Um misterioso senhor aluga um quarto na casa de uma adorável e simpática velhinha com a desculpa de usá-lo como sala de ensaios para ele e mais quatro amigos, que formariam um quinteto de cordas. Mas o quinteto era mesmo de assaltantes e o quarto era o quartel onde um plano infalível de roubo seria arquitetado.

A atriz Katie Johnson faz o papel da velhinha sra. Maplethorpe, que, de tão adorável e solícita, é do tipo que um dia você quer matar e no outro, dar uma caixa de bombons. Ela se intimete inocentemente com tal frequência que o quinteto decide usá-la no plano sem o seu conhecimento. Tudo foi bem planejado e, a despeito de certos contratempos, tudo corre bem. Até que a boa velhinha descobre a verdadeira identidade dos cinco homens e fecha a cara. Na parte final, como numa boa situação teatral, os fatos se precipitam e a velhinha acaba sendo a única vencedora. Ela, sua ingenuidade e sua bondade. Apesar de o enredo soar inocente e pueril demais para os dias de hoje, ele foi transcrito com tanta precisão que a comédia se torna valiosa em todos os seus mínimos detalhes. Impossível não rir. E é também uma chance de ver Sellers e Lom juntos antes de eles se torturarem mutuamente na série *A Pantera Cor-de-Rosa*. Humor negro do melhor nível. Ch.P.

FARSA TRÁGICA ★★★

(The Comedy of Terrors, EUA, 1963)

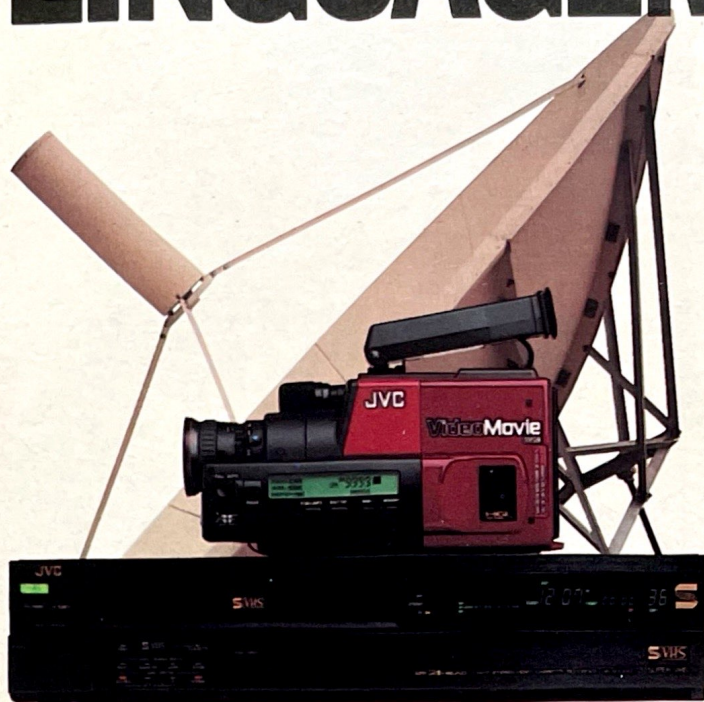
Direção: Jacques Tourneur. Com Vincent Price, Peter Lorre, Boris Karloff e Joyce Jameson. Globo Vídeo. Esta comédia é uma homenagem aos filmes de suspense macabro. É tão propositalmente B que não dispensa nenhum clichê de personagens e até das famosas noites filmadas em pleno dia, com a utilização de filtros escurecedores. Tudo acontece numa pequena cidade da Nova Inglaterra, em 1890, onde o falido Sr. Trumbull (Price) é casado com a bela Amaryllis (Joyce) e herdou de seu

velhíssimo sogro gagá, Sr. Hinchley (Karloff), a agência funerária Parror e seu fiel (mas desajeitado) empregado, Sr. Felix Gillie (Lorre). Arrogante e violento, Trumbull sempre escorraça sua esposa, uma frustrada cantora de ópera capaz de quebrar cristais com sua voz esganiçada. Seu desejo é envenenar o sogro no chá das cinco (ou de qualquer hora). Quanto à funerária, que nunca enterrou os mortos no caixão, e que trabalha com o mesmo ataúde há 13 anos, vai de mal a pior com ameaça de despejo. O negócio é conseguir dinheiro enterrando mortos: mas quase ninguém morre! Bem, se o defunto não vai ao caixão, o caixão irá ao defunto. E Trumbull resolve criar engenhosas situações em que ele é o assassino de seus próprios defuntos — serviço completo. Porém, o cerco se fecha sobre ele. O elenco de primeira com uma esmerada edição de imagens e o cínico humor britânico fazem desta comédia um primor — do terror não se leva nada. W.S.

- 1 **Os Intocáveis**
(CIC)
- 2 **Atração Fatal**
(CIC)
- 3 **Super Xuxa Contra o Baixo-Astral**
(Globo)
- 4 **Viagem Insólita**
(Warner)
- 5 **Platoon**
(RCA-Columbia)
- 6 **Star Trek — A Nova Geração**
(CIC)
- 7 **Veludo Azul**
(Tec Home Vídeo)
- 8 **O Segredo do Meu Sucesso**
(CIC)
- 9 **Um Tira da Pesada II**
(CIC)
- 10 **O Nome da Rosa**
(Globo)

FONTES: Omni, 2001, Rentacom, Real Video, Video Factory (SP), Video 4 Clube, Video Clube Shack, Video Laranjeiras (RJ), Cinemateca Ltda. (MG), Video Hobby (BA), Video Locadora Gaúcha (RS), Video Service (DF).

FALANDO EM LINGUAGEM DE VÍDEO



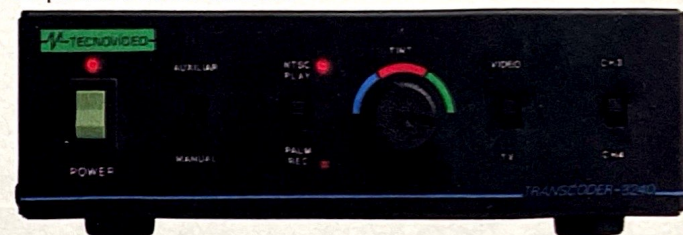
AQUI ESTÃO OS INTÉRPRETES

Somente os Transcoders Tecnovideo traduzem o que há de melhor em vídeo, com alta fidelidade e sem sotaques. Especialmente desenvolvidos nos laboratórios Tecnovideo, dentro de padrões internacionais, os equipamentos da Linha Transcoders Tecnovideo vem acompanhando a evolução tecnológica do mercado de vídeo. Assim, é possível reproduzir

fitas gravadas, gravar programas do ar de emissoras brasileiras (transmitidos em PAL-M) no seu equipamento de vídeo original, com absoluta perfeição de imagem e cores. E mais, com assistência técnica e a garantia de 1 ano TECNÓVIDEO. Escolha o intérprete mais adequado e fique com o melhor em vídeo.

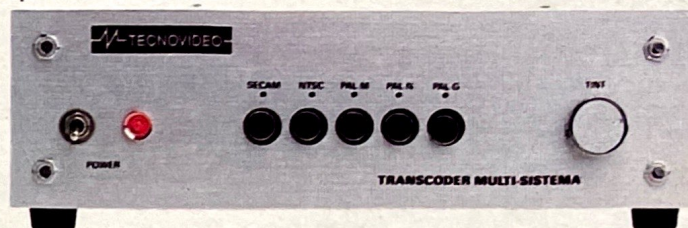


MODELO 4230. Ideal para utilização com Camcorder. Permite obter uma perfeita reprodução, com absoluta fidelidade de cores, qualquer que seja o aparelho de TV utilizado.



MODELO 3240. Permite a reprodução de fitas gravadas, bem como a gravação de programas do ar, sem alterar as características originais do vídeo.

MODELO 3240 DIGITAL. Especialmente desenvolvido para utilização com vídeos digitais, sem limitar a utilização de seus recursos ou efeitos especiais.



MODELO MULTI-SISTEMAS. Equipamento especialmente desenvolvido para utilização em sistemas de recepção de satélites. Permite obter imagens em cores de qualquer parte do mundo, com total perfeição.

LINHA TRANSCODER



Central de atendimento a revendas: (011) 570-6910 e 571-9723

SÃO PAULO
Tecnovideo
(011) 815-9144/814-8555
Antel: (011) 270-4944
Videokit: (011) 229-3730
Josias: (011) 280-9400
Mercantil Mayra: (011) 62-8945

PAL-M: (011) 813-6831
VCS: (011) 813-9290
Unitrotec: (011) 223-1899
Cromax: (011) 570-6936
YKW: (011) 240-1888
Polcomp: (011) 221-1419

RIO DE JANEIRO
Gramophone: (021) 294-1795
Antel: (021) 233-9432
Josias: (021) 521-2597
Crayon: (021) 201-4301
BRASILIA
Videotec: (061) 274-9085

SALVADOR
Video Hobby: (071) 240-6511
PORTO ALEGRE
Hi Fi (0512) 21-3267
BELO HORIZONTE
Video Systems (031) 335-3222

MANAUS
Tecnovideo da Amazônia
(092) 232-5824

(*) Para gravações de programas do ar (emissoras brasileiras) é necessário um pequeno desvio do tuner do vídeo

tutti





SPECIALS

JVC. A QUALIDADE DE IMAGEM QUE TODO O MUNDO CONHECE.

Todo mundo já sabe que quando a JVC põe a cabeça para funcionar, a tecnologia avança, a emoção aumenta e fica à flor da tela. Sempre que as cabeças da JVC funcionam, é para criar e desenvolver os novos recursos que vão proporcionar ao espectador a mais alta qualidade. Assim é com o vídeo HR-D440M.

DA 4 HEAD

QUADRO A QUADRO
CÂMERA LENTA
CONGELAMENTO DE CENA

Novo Sistema 4 cabeças com Double Azimuth para produzir os efeitos mais especiais: quadro a quadro, câmera lenta ou congelamento de cena com perfeição, nitidez e pureza de imagens.

NTSC/PAL-M AUTOMATIC. Basta colocar a fita que o vídeo HR-D440M automaticamente seleciona o sistema e reproduz a gravação com as imagens e cores reais.

ON SCREEN. As funções em operação são indicadas na tela do televisor, apresentando as informações com clareza para uma utilização segura e simplificada do vídeo.

CONTROLE REMOTO UNIFICADO. Controla todas as funções à distância. Desde o ajuste do relógio e do timer até reprodução, gravação, etc. Isso tudo é só uma amostra do que acontece quando as cabeças da JVC funcionam. É emoção garantida.

JVC

O INVENTOR DO VHS

Somente a JVC tem a garantia Tecnovídeo: assistência técnica e imediata reposição de peças originais em todo o país.

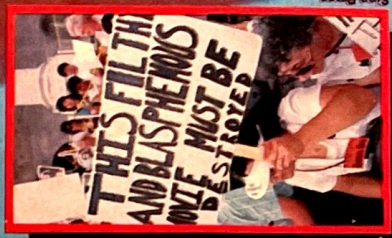


(011) 815-9144 • 813-6300 • 814-8555

Video HR-D 440 M - À venda na Zona Franca de Manaus.



DEUS NU



O diretor Martin Scorsese despe

a História de tabus e preconcei-

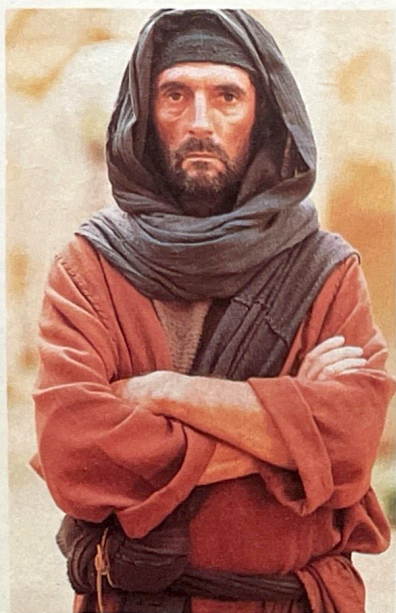
tos e procura uma expressão de

fé mais autêntica com A Últi-

ma Tentação de Cristo. Por que

esta nudez apavora tanta gente?

Jesus (Willem Dafoe) na cena polêmica de sua crucificação. No destaque, as solicitações irracionais dos protestos americanos: "este filme blasfemo e obsceno deve ser destruído"



Ao alto,
São Paulo
(Stanton);
ao lado,
Judas
(Keitel)
e abaixo
Jesus (Dafoe)
com seus
amigos



Foi uma obsessão. Uma maldição, talvez. Primeiro, a procura torturada que o escritor grego Nikos Kazantzakis empreendeu por toda a sua vida (1883, Ilha de Creta — 1957, Freiburg, Alemanha). Ele sempre buscou uma resposta para o eterno enigma do silêncio de Deus. Kazantzakis percorreu continentes, freqüentou mosteiros e universidades, estudou com monges budistas, leu as obras de Nietzsche, Freud, Marx e produziu uma década de livros apaixonados e cruéis sobre a grandeza e a escuridão da alma humana. Um deles, *Zorba, o Grego*, virou filme pelas mãos do diretor Michael Cacoyannis, interpretado por Anthony Quinn, em 1964. Um sucesso. Outro de seus livros, *A Última Tentação de Cristo* (lançado em 1951 e que até o fim deste ano será editado no Brasil pela Rocco), custou-lhe a excomunhão da Igreja Ortodoxa grega. Quando morreu, seu corpo não pôde ser sepultado em solo consagrado.

Depois dos tormentos da alma grega de Kazantzakis, foi a vez do amargurado espírito imigrante de Martin Scorsese. Ele vem exorcizando nas telas os seus conflitos de classe, as rebarbas do sonho americano, a neurose metropolitana — esse desamparo perpétuo do homem só, diante dos demônios e, também, diante do silêncio de Deus. Em 1972, no seu trigésimo aniversário, ganhou um presente de uma amiga, a atriz Barbara Hershey. Era uma edição americana de *A Última Tentação de Cristo*. Barbara intuiu que o aniversariante iria se identificar. Estava certa: Scorsese devorou as 500 páginas da prosa densa e rebuscada e tornou-se, instantaneamente, um convertido: ali estava o filme que, em suas próprias palavras, “tinha nascido para fazer”.

Parafraseando, numa linguagem abrasiva e colorida, os quatro evangelhos, Kazantzakis reconstruiu a vida de Cristo — a quem apresenta como um homem comum, em primeiro lugar, e que, aos poucos, vai desenvolvendo uma natureza divina. Qualquer um que, como Scorse-

se, tenha em si a inquietação filosófica e o amor pela narrativa, se apaixona pelo romance. Imaginar os personagens bíblicos como Kazantzakis os imagina é, ao mesmo tempo, um desafio e um prazer. Jesus aos 20 anos, repleto de desejo, não é capaz de consumá-lo, bloqueado por forças que desconhece. Maria Madalena é sua imensa paixão não resolvida. Maria não compreende as aflições do filho e nem por que ele não pode ser um rapaz normal como tantos outros. E Pedro, será que era mesmo um político, a quem só o poder interessava? Por que Mateus se refugiou em escrever compulsivamente? Quem, realmente, era Judas? É um exercício estético, filosófico, como no jogo socrático da maiêutica: descobrir a história de cada um pela incessante análise de uma outra história.

É claro que Scorsese quis transformar tudo em filme. Mas, há 16 anos, quem já tinha comprado da viúva de Kazantzakis os direitos era o experiente e premiado Sidney Lumet. Ele chegou a marcar o início das filmagens em Israel. Subitamente, desistiu do projeto, “por razões de ordem pessoal”. Quando Scorsese, ávida e imediatamente, se apossou do projeto, começou uma peregrinação para tentar realizar o filme. Uma peregrinação cheia de inimigos e obstáculos misteriosos que deixaria bem claras quais teriam sido aquelas “razões de ordem pessoal” de Lumet. Scorsese iniciou sua via-sacra pelos estúdios da Universal. Em seguida tentou a Paramount. Depois a Warner e daí para três produtoras independentes. Todas, a princípio, mostravam interesse. O diretor, que amalhava sucessos com o *Touro Indomável* e *Taxi Driver*, viu, no entanto, que os executivos recuavam, uns após outros, quando viam que o Jesus imaginado por Kazantzakis não era exatamente aquele “Rei dos reis” das pias superproduções bíblicas. Elencos eram imaginados e recusados. Roteiros, infinitamente reescritos.

Uma verdadeira procissão de

atores passou pelo papel de Jesus Cristo durante os últimos anos de "amadurecimento" do projeto. Scorsese queria seu amigo pessoal e seu ator predileto Robert De Niro, que tem o mesmo *background* imigrante e católico que o diretor. É provável que, na pele dele, o "Cristo Escuro" de Kazantzakis talvez tivesse saído algo ainda mais incendiário. Mas acabou não pegando o papel. Depois dele, foram bastante cotados atores tão diversos quanto Christopher Walken e Aidan Quinn. Até Sylvester Stallone interessou-se pelo papel, no breve período em que o projeto perambulou por sua produtora, a independente Carolco.

Foi aí que Martin Scorsese e o roteirista (e amigo) Paul Schrader pensaram em procurar financiamento fora dos EUA. Um dos lances mais inacreditáveis foi a quase entrada da Mosfilm, da URSS, neste negócio. Os comunistas bancariam 50% da produção, naquele que poderia se tornar o maior investimento cinematográfico da empresa. A outra metade seria bancada pela emissora de TV inglesa Channel Four e pelo ministro da Cultura da França, Jack Lang. Este ofereceu até apoio logístico, e abriu o sul da França para as locações, mas as pressões conservadoras, como as do arcebispo de Paris, fizeram com que Lang, a exemplo de tantos outros, recuasse.

Finalmente, no ano passado, a Universal — a primeira que tivera o projeto nas mãos — acabou comprando o passe de Martin Scorsese para dirigir três longas-metragens. O contratado exigiu que o primeiro deles fosse *Tentação*. A Universal acatou, mas não liberou mais que seis milhões de dólares para a produção. Uma miséria. Qualquer orçamento hoje, nos EUA, passa da casa dos dez. Além de frear os gastos, a produtora exigiu outras contenções. O roteiro de Schrader deveria abrandar as pontas mais agudas da imaginação do escritor grego. Nos bastidores, a cúpula da Universal procurava evitar o confronto com o pensamento conservador religio-



so e, quando isso não fosse evitável, procurava tirar disso algum proveito propagandístico. Caso o filme se provasse um desastre (diplomático ou econômico), a Universal estava disposta a tirá-lo discretamente do mercado.

Scorsese, de seu lado, fez sua parte. Reuniu uma equipe de aproximadamente cem profissionais — a maioria de técnicos italianos, para driblar os custos dos sindicatos americanos — e se instalou com ela na região montanhosa do norte do Marrocos, em setembro de 1987. "Marty era um dinamo de entusiasmo e resistência durante todo o tempo. Era incansável. Para ele, aquilo era uma cruzada", conta Barbara Hershey, a mesma que deu o livro de presente ao diretor há 16 anos e que ficou com o papel de Maria Madalena. Scorsese e sua equipe trabalharam em tempo recorde: 62 dias.

Como Barbara, Harvey Keitel (o Judas) estava escalado para o papel desde os primeiros esboços. Foi meio castigado pela crítica, por causa de sua cabeleira ruiva e do sotaque nova-iorquino. Na verdade, está fiel ao Judas do romance, à exceção do sotaque: ruivo, turbulento, politicamente militante. David Bowie trabalhou du-



No alto,
Madalena
(Barbara)
ao lado de Cristo
mordendo uma
maçã.
Acima, Cristo
impede o
apedrejamento
de Madalena.
Ao lado, o líder
religioso
amparado por
um apóstolo

rante apenas três dias para fazer um cansado, cínico e charmoso Pilatos. Substituiu Sting, que desistiu do papel alegando "compromissos profissionais". Até John Lurie virou apóstolo e Harry Dean Stanton faz Paulo, um canalha oportunista.

Jesus é Willem Dafoe — que recebe pelo menos 500 000 dólares por filme desde que foi indicado para o Oscar por sua participação em *Platoon*. Ele foi convidado para ser Cristo, porém, por causa de seu papel de artista/falsário em *Viver e Morrer em Los Angeles*. "Foi sua presença na tela que me inspirou", diz Scorsese, "mas também fiquei surpreso com o preparo físico que ele tem, o que é essencial para ser Cristo."

De fato, Scorsese queria realismo. A cena da crucificação — baseada em pesquisas extensas e entrevistas com arqueólogos e estudiosos da Bíblia — foi tão realista que Dafoe só conseguia ficar na cruz cinco minutos de cada vez. Segundos mais e começaria a sufocar de verdade. As pesquisas de Scorsese e do diretor de arte Andrew Sanders foram minuciosas para determinar também o visual. O sangue, tema recorrente de todos os 160 minutos do filme, é,

segundo Scorsese, "ao mesmo tempo um símbolo do sacrifício que conduz a narrativa a um elemento constante da paisagem da Judéia daquele tempo, quando mortes cruéis e sacrifícios religiosos sangrentos eram constantes". A paisagem e os costumes do norte do Marrocos e as pinturas de mestres como Hieronymus Bosch e Rembrandt completaram o *background* plástico. A jornada até o calvário é inspirada na *Via Crucis* de Bosch. O Batismo no Rio Jordão, com elementos rituais e musicais do norte africano, simboliza, segundo o cineasta, "a encruzilhada cultural que era o Oriente Médio na época de Cristo".

Quando Scorsese já estava de volta a Nova York, em maio deste ano, trabalhando na edição e na gravação da trilha sonora — encomendada a Peter Gabriel, outro nome cogitado desde 1983 —, a bomba-relógio temida por todos os estúdios começou a detonar. De alguma forma obscura e ainda não explicada, um roteiro rejeitado de *Tentação* foi parar nas mãos de um furioso rádio-evangelista, líder de um dos muitos grupos protestantes conservadores que militam nos Estados Unidos. O efeito foi de avalanche. Abaixo-assinados, marchas, piquetes, ameaças. Bill Bright, diretor da *Campus Crusade for Christ*, ofereceu 10 milhões de dólares para a Universal destruir o filme. O "não" da produtora veio a galope, estampado em anúncios pagos nos principais diários americanos.

Com a sabedoria astuta dos negócios, a Universal optou por sua estratégia número 2 — e, no auge das manifestações contra *A Última Tentação de Cristo*, colocou o filme em cartaz nas sete principais cidades americanas (e duas canadenses), 40 dias antes da estréia originalmente programada. E conseguiu o que queria: o filme de Scorsese, longo, denso, difícil (episodicamente ruim, segundo alguns críticos), tornou-se um item quente da mídia, assunto do mês, causou estardalhaço internacional, foi a estrela do último Festival de Veneza e teve uma bilhe-

teria espantosa para quem, como a Universal, acreditava que ele não passaria de algumas semanas em cinemas de arte — mais de 3 milhões de dólares em ingressos vendidos até a primeira semana de setembro. Isso considerando que ele está sendo exibido em poucas telas, até por conta do boicote de muitas cadeias de exibidores.

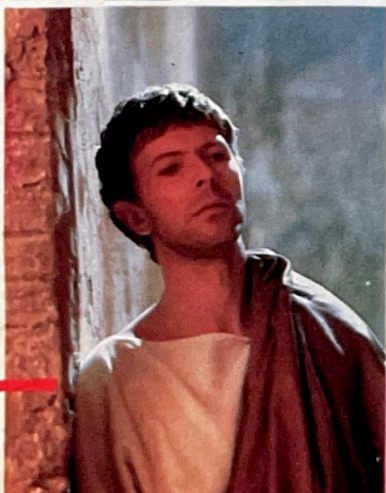
No final desta jornada épica, o que resta? O filme é bom? Às vezes, diz a crítica mais séria — mas é, sempre, um filme feito com imensa paixão, entusiasmo e sinceridade, "um filme possuído", segundo o *Los Angeles Times*. Em alguns momentos, é tosco como os mais toscos filmes dos anos 60. Em outros — como na famosa sequência final, grande achado de livro e filme, cortando direto da "realidade" da cruz para a "fantasia" de um Jesus humano, casado, velho, com filhos — é arrebatador.

É blasfemo, ofensivo? Difícilmente. Na verdade, a seu modo e com absoluta franqueza, é um filme profundamente religioso, um filme enamorado da idéia de um contato profundo entre homem e Deus — alguém que não tenha tido alguma educação religiosa ou ao menos filosófica deixará de entender metade do que se passa na tela, porque são idéias e conceitos metafísicos que são discutidos, o tempo todo. Sim, são idéias teológica e filosoficamente discutíveis, mas nunca ofensivas. Preferir o silenciamento é, no mínimo, fazer pouco da centelha de inteligência que, de alguma forma, foi parar no cérebro do ser humano.

Ana Maria Bahiana,
de Los Angeles 



Acima, Scorsese dirigindo no Marrocos. David Bowie, como Pilatos, ao lado, trabalhou por três dias



The Last Temptation of Christ, EUA, 1988

■ DIREÇÃO: Martin Scorsese ■ Com Willem Dafoe, Harvey Keitel, Barbara Hershey, Verna Bloom, Harry Dean Stanton, David Bowie, John Lurie ■ ROTEIRO: Paul Schrader, a partir do romance homônimo de Nikos Kazantzakis ■ FOTOGRAFIA: Michael Ballhaus ■ MONTAGEM: Thelma Schoonmaker ■ DIREÇÃO DE ARTE: Jean-Pierre Delifer ■ MÚSICA: Peter Gabriel ■ PRODUÇÃO: Barbara de Fina para a Universal ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

PENSE EM VOCÊ AMANHÃ.

EXIJA ORLOFF HOJE.



Orloff é mais pura porque é três vezes destilada.

Qualidade Superior
Seagram

MARTIN SCORSESE

Nesta exclusiva, com perguntas formuladas diretamente do Brasil, o cineasta americano revela um respeito religioso pela figura de Jesus Cristo

Aos 46 anos, Martin Scorsese lança seu 18.º filme. Contando a história de um deus, provoca um estrondo dos diabos. Nada pior para um artista do que ganhar notoriedade por conta de fatores que passam à margem de sua obra. Nada melhor para o mercado. Evidentemente, as reações conservadoras ao tema (e não ao conteúdo ético e estético) de *A Última Tentação de Cristo* são bestiais, de conseqüências patéticas. É certo que alguns pastores e outros oportunistas ganham espaço nos jornais às custas do bafafá, mas a verdade é que eles só promovem algo que alegam querer destruir. Ironicamente, constituíram a maior assessoria de imprensa que um cineasta pode almejar dentro do showbiz. Vai ganhar dinheiro. Mas é também o pior inferno para a intimidade de um artista. Entre este profano estrelato e esta dolorosa incompreensão, Scorsese fala de seu filme mais polêmico.

SET — E se no Brasil o filme fosse proibido, assim como o *Je Vous Salue, Marie*, de Godard?

Scorsese — Isto me entristeceria. Peço que formem opiniões após ver o filme.

SET — Você disse que este filme é como uma missa. Por que então ele incomoda tanto às pessoas?

Scorsese — A raiz do problema é que a religião organizada tem o seu dogma. Nós podemos ter dúvidas quanto à virgindade de Maria, por exemplo, ou quanto à existência do Paraíso, mas o certo é que, através de discussão, podemos alcançar a aceitação do Evangelho. Eu queria ir além do dogma não para eliminá-lo mas para torná-lo aceitável em uma forma mais contemporânea. Algumas pessoas não precisam de todos esses questionamentos, e são capazes de aceitar as escrituras tais como elas são, mas um número maior de pessoas parece incapaz de fazer isto, e é para elas que o filme é dirigido, como uma chance para que aceitem de novo os ensinamentos de Cristo. Afinal de contas, enfatizar a humanidade de Cristo é uma forma de nos aproximarmos d'Ele.

SET — Muito do que você diz parece ter algo a ver com os ensinamentos do cardeal Romero e dos "rebel-des" latino-americanos.

Scorsese — É uma forma bastante interessante de ver o filme. Romero era, no começo, certamente um conservador. A questão principal era "onde está Deus?" Ele chega a São Salvador e pergunta a si mesmo o que é que pode ser feito. Deveria ele ajudar simplesmente pregando a bondade ou, já que ele presenciara as atrocidades cometidas pelo general D'Aubisson, deveria pegar em armas? Esta é a dialéti-

ca entre Judas e Cristo. Judas pergunta a Cristo o que é para ser feito, ao que Cristo responde que ele deveria praticar o caminho do amor e do perdão. Mas a palavra é a arma, e a dificuldade de Judas em unir a realidade aos ensinamentos se resolve no uso da palavra como sua arma.

SET — Há muitas outras "leituras" ideológicas do filme. Os colonizadores romanos, por exemplo, falam com sotaque britânico...

Scorsese — Bem, se você quiser saber, a voz de Satã é, na verdade, a minha própria voz mixada com uma outra, através de um processo de computadorização. Já os sotaques foram uma forma prática de fazer a distinção, mas podem, de resto, ser interpretados como você preferir.

SET — Há uma série de problemas cruciais em sua interpretação "via" Kazantzakis. Vamos pegar um por um: Lázaro é morto pelo apóstolo Paulo, que comandava um grupo de fanáticos.

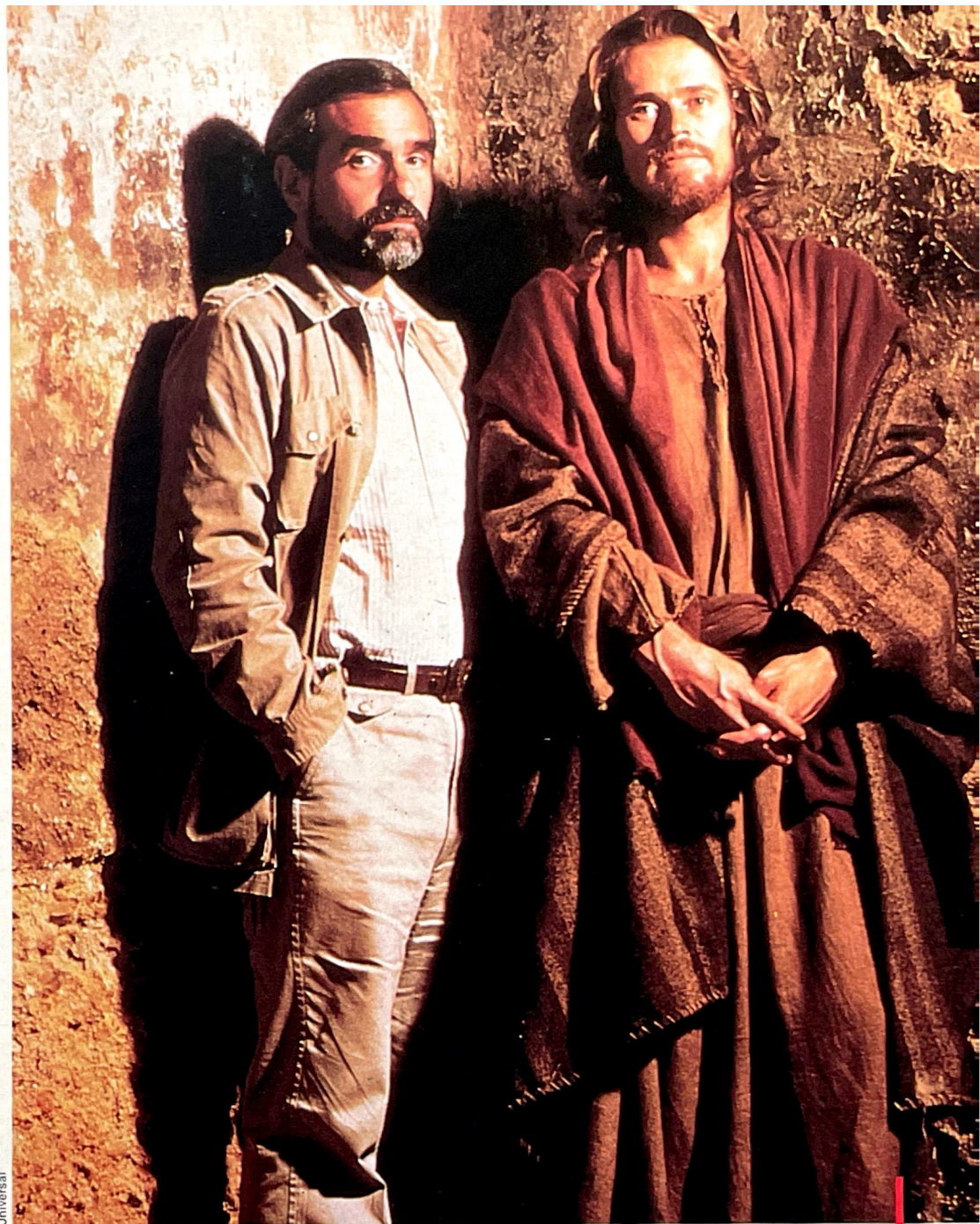
Scorsese — Um dos pontos principais da história original é que ninguém é culpado pela morte de Cristo, a não ser a humanidade como um todo. Há portanto uma série de incidentes que contribuem para esta visão. A reavaliação de Judas é crucial e é o eixo central em torno do qual nos movemos. Paulo é o chefe organizador da igreja institucional, e em sua discussão com Cristo, no final, ele resume suas necessidades para a transmissão do dogma que irá permitir a sobrevivência da Igreja. Ele é, neste sentido, um político que deseja elaborar uma estratégia específica. Lázaro é o obstáculo simbólico, e por isso precisa ser removido. Isto é simplesmente uma sugestão metafórica, e não literal.

SET — Algumas pessoas ficaram incomodadas pela forma "hippie" com que são mostrados alguns seguidores de Cristo e as cenas em que João Batista é cercado por um bando de mulheres nuas e arrebatadas.

Scorsese — A conexão é completamente intencional. Eu acho que o final dos anos 60 foi um período em que, tanto na América como no resto do mundo, os valores tradicionais foram questionados e inteiramente explorados. Foi um período de grande agitação, com provavelmente alguns excessos como drogas e tudo mais, mas o espírito da época me pareceu bastante apropriado. Eu quis sugerir o êxtase da religião e da fé. Não é de forma alguma transgressivo ou irreverente, é apenas a expressão de uma comunhão partilhada, de uma única fraternidade.

SET — Conte-nos um pouco sobre as tatuagens que as mulheres, principalmente, usam e sobre a influência africana que permeia a trilha original de Peter Gabriel.

Scorsese — Isso talvez possa ser tomado como uma provocação, na medida em que elas se referem a tradições culturais diversas das hebraicas. Há também canções palestinas no templo judeu. O cinema, além de ser uma forma de viajar no inconsciente e expressão de inquietação e sonhos pessoais, é também memória. Rossellini e Pasolini, que narraram suas versões de Cristo antes de mim, são, para mim, memórias. Eu acho que todos os filmes de Rossellini, e especialmente *Francesco Giullare di Dio*, *Viaggio in Italia* e *Europa 51* são as mais intensas afirmações espirituais da história do cinema. Como Rossellini, eu sou fascinado por história, porque acho que a humanidade, mesmo vivendo em diferentes sociedades, baseadas num leque de diversas convenções, sempre divide as mesmas emoções, os mesmos sentimentos. Rossellini foi o primeiro a trabalhar seriamente, mesmo que leigo, com esse conceito de história. Luís XIV, Sócrates e os Medici foram uma grande lição para mim.



SET — Em seus filmes os protagonistas são frequentemente dilacerados por dúvidas e hesitações. Eventualmente eles recorrem à ação por desespero e/ou raiva. A Última Tentação é, neste contexto, a chave para toda a sua obra?

Scorsese — Sim, meus personagens refletem minha própria postura, retiram bastante força de suas fraquezas. O dilema de Kazantzakis é o meu próprio dilema, e suas preocupações me acompanharam durante grande parte do tempo em que eu desenvolvia estas outras histórias e personagens. A diferença é que meu Cristo é um humano que também é Deus, enquanto os outros personagens, apesar de terem uma "missão", não podem

aspirar à divindade. Por extensão, pode-se dizer que Cristo desce à Terra e, através de sua experiência, compreende a tortura e a confusão que habitam todo homem, inclusive os personagens de meus filmes!

SET — Trabalhar com os roteiristas Paul Schrader e Jay Cocks foi decisivo para uma visão mais abrangente do assunto?

Scorsese — Sem dúvida. Paul é calvinista e um escritor extremamente eficiente, indispensável. Sua habilidade em cortar tudo o que é desnecessário é notável, e seu profundo senso de espiritualidade angustiada foi a perfeita caixa de ressonâncias para todas as minhas questões iniciais. Em contrapartida, Jay Cocks, que

O diretor ao lado de seu Cristo (Dafoe): "Ele é um humano que também é Deus"

"Você tem Deus entre as suas pernas"

apareceu bem mais tarde, e que, por razões sindicais, não pôde ter seu nome creditado no filme, é mais presbiteriano e tem uma maneira branda de abordar o assunto, mas não menos eficiente. Juntos, eles ajudaram a me concentrar na versão católica da história e encontrar os elementos-chave comuns a todos os aspectos do cristianismo. Mas basicamente a real confrontação ocorreu entre eu mesmo e Kazantzakis, cuja sombra cerca meu trabalho do início ao fim.

SET — *Paul Schrader é um autor bastante provocativo. Muitos dos protestos contra o filme se basearam em sua primeira versão do roteiro, que continha momentos mais explícitos, como a frase "você tem Deus entre as pernas" na cena de amor com Maria Madalena. Você sentiu que tinha que amenizar esta visão devido aos crescentes protestos já no começo do projeto?*

Scorsese — Eu não quis incomodar ninguém deliberadamente. Este filme é um ato de fé que prega o amor e uma posição completamente comprometida com respeito à religião. Eu desejava desesperadamente que a Igreja endossasse o filme. O rascunho original era apenas um documento de trabalho para que eu e Paul pudéssemos debater, e eu ainda não sei como ele foi veiculado nas ruas, num mercado (muito) negro. Depois desta versão, Paul escreveu um segundo esboço e, depois, eu e Jay fizemos mais cinco. Como em qualquer filme, leva tempo até que as idéias originais adquiram suas próprias formas. À medida que a gente depurava o roteiro, eu ficava cada vez mais convencido de que a aproximação com Deus e a tentativa de compreender completamente a sua mensagem ficariam mais claras. Eu

acho que qualquer um que assistisse ao filme desapassionadamente concordaria. O problema tem sido as pessoas que, mesmo recusando-se a ver o filme, emitem um julgamento forçosamente precipitado. Alguns religiosos que foram persuadidos a assistir ao filme, e que eram contra ele a princípio, se desculparam (como o anglicano Paul Ostreicher) e mesmo encorajaram outras pessoas a assisti-lo. Esta é talvez uma das mais satisfatórias revelações para mim. Eu não preciso de desculpas, o que eu adoraria é que as pessoas fossem ver o filme e tirassem suas próprias conclusões. Minha consciência está limpa.

Por Donald Ranvaud,
de Veneza

ESPECIAL

Informe Publicitário

Distribuidoras se unem para disputar o mercado de vídeo

O mercado de home-vídeo (fitas de videocassete) está passando por uma verdadeira revolução em termos de comercialização e distribuição. Agora, duas novas empresas - a Realbras Distribuidora e a Lamy Filmes - entram firme nesse mercado com o objetivo de acelerar a sua profissionalização.

A Realbras Distribuidora vai se utilizar de sua bem-montada estrutura a nível nacional para colocar no mercado, com exclusividade, os maiores sucessos e os últimos lançamentos em home-vídeo das produtoras Lamy, RB, VMW e Vídeo Tape. E a Lamy Filmes, através de sua associação com a Amira Incorporated, produtora

sediada na Madison Avenue, em Nova York - o maior centro de produção de vídeo do mundo - vai trazer para o Brasil algumas das principais produções norte-americanas. Como se vê, trata-se de uma associação de pesos pesados para conquistar uma grande fatia do mercado brasileiro de home-vídeo.

Com um planejamento de marketing em sintonia com a profissionalização do mercado de distribuição de fitas, a Realbras Distribuidora tem como linha diretriz básica o consumidor final. E, para atender de maneira adequada a esse consumidor, desenvolveu um sistema de atendimento personalizado e regionalizado às locadoras de todo o país.

O que lhe possibilitará obter informações precisas e imediatas sobre a preferência e o consumo de fitas dos usuários e, assim, prever tendências do mercado, com muita agilidade.

E, o que é melhor e o mercado já esperava há muito tempo, a Realbras Distribuidora fará lançamentos simultâneos com as principais praças do mundo. Dessa forma, nenhuma locadora do país, nem mesmo as das cidades mais afastadas do interior, vão ter de esperar para receber as melhores produções nacionais e internacionais em home-vídeo. Serão mais de 20 lançamentos por mês, com primeiríssima qualidade de duplicação, de som, legendas eletrônicas e apresentação gráfica.

CLASSIC SERIES

HOUVE UM TEMPO EM QUE HOMENS VALIAM MAIS QUE MÁQUINAS E AS EMOÇÕES NÃO ERAM TÃO BARATAS

■ O cinema fazia parte da vida de todos: época de geniais diretores e interpretações antológicas ♦ A F.J. Lucas está lançando um novo selo com as imagens que ficaram na memória e na história do cinema: **CLASSIC SERIES** ♦



■ Os primeiros lançamentos são: **HENRIQUE V** (Henry V), uma das grandes obras do teatro universal foi adaptada, protagonizada e dirigida pelo maior ator shakespeareano do século: **LAURENCE OLIVIER** ♦

■ O diretor **DAVID LEAN** é simplesmente o campeão dos OSCARS por PASSAGEM PARA ÍNDIA, DOUTOR JIVAGO, LAWRENCE DA ARÁBIA e A PONTE DO RIO KWAI. Baseado na peça do gênio teatral NOEL COWARD, ele construiu uma delicada história de amor: **DESENCANTO** (Brief Encounter), premiado no Festival de Cannes e Veneza e indicado para 3 Oscars ♦



QUALIDADE



40 ANOS NO MERCADO

O CÉU NÃO PODE ESPERAR

Em 1966, Jornada nas Estrelas estreou na TV. Dez anos depois, até a Nasa era fã: deu o nome de Enterprise ao ônibus espacial. Agora, com nova geração, a saga continua. O céu não tem limites. E nem paciência



Gamma/Spa



US

Século XXIII. O planeta Terra se transformou num paraíso. Não há mais fome, guerras ou doenças incuráveis. A tecnologia opera milagres, apontando suas derradeiras baterias para a fronteira final: o espaço. A Terra é o planeta mais avançado da Federação de Planetas Unidos, uma espécie de ONU espacial. Mas nem tudo é cor-de-rosa nessa utopia futurista. A Federação tem inimigos, raças guerreiras que ainda acreditam na lei do mais forte. Raças como klingons e romulanos, que convivem com os demais povos do universo num clima de guerra fria. Além deles, nas fronteiras do desconhecido, há a aventura. Zilhões de estrelas inexploradas! Terras prometidas; malditas, primitivas ou altamente sofisticadas... Esta é a missão da nave estelar NCC-1701, Enterprise: pesquisar novas vidas, novos mundos, novas civilizações, audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve.

Depois desta apresentação, a trilha sonora de *Jornada nas Estrelas* (Star Trek) inevitavelmente invade a memória. Uma trilha que marcou época e que ainda é ouvida, através das décadas, no cinema, vídeo e televisão. Agora, devidamente atualizada, ela ilustra uma nova empreitada estelar, situada 85 anos além do tempo do conceito original. Trata-se de *Star Trek — A Nova Geração*, que chega ao Brasil em dois lançamentos da CIC: o piloto, *Encontro em um Ponto Distante* (Encounter at Farpoint), e dois episódios, *Momento de Revelação* (The Naked Now) e *Código de Honra* (Code of Honor), ambos reunidos em uma única fita sob o título *A Nova Geração II*.

O passado de *Jornada nas Es-*

trelas, entretanto, não foi tão grandioso quanto as novas gerações possam pensar. Seu primeiro vôo foi banido para o limbo, permanecendo um mistério durante anos. E quase que o universo se viu privado de seu maior passatempo televisivo. A tragédia ocorreu em 1964. Gene Roddenberry, ex-aviador, ex-policia em Los Angeles, ex-roteirista de seriados, como *Dragnet* e *Have Gun, Will Travel*, e ex-produtor da série *The Lieutenant*, conseguiu chamar a atenção da rede de TV NBC para um ousado seriado futurista, com um grande elenco fixo. A NBC quis ver. Roddenberry providenciou um piloto, chamado *The Cage*. Assim, a Enterprise, o orgulho da Frota Estelar da Federação, começou sua carreira. No comando estava um jovem e inexperiente capitão, Christopher Pike (interpretado por Jeffrey Hunter). Seu segundo em comando, conhecido como Número Um, era uma mulher (Majel Barrett). Mas quem chamava a atenção na tripulação era um jovem promissor, meio humano e meio vulcano, Spock (Leonard Nimoy). "Muito cerebral", ou "bom demais para a TV", teriam dito os "experts" da rede americana, e a série foi vetada.

Um novo piloto foi apresentado, em 1966, chamado *Where No Man Has Gone Before*. Desta vez, não houve empecilhos e *Jornada nas Estrelas* pôde estreiar. E, com ela, vieram as maravilhas do futuro: velocidade warp (dobra espacial, inúmeras vezes superior à velocidade da luz), máquinas de teleporte, tricorders, phasers... Da tripulação original, apenas Spock, o vulcano de orelhas pontudas, foi aproveitado, e a atriz Majel

ERAR



Barrett, ex-Número Um, foi transferida para o papel de enfermeira de bordo. O Capitão James T. Kirk (William Shatner) sentou-se na cadeira de comando, de onde aprendeu a proferir palavras de alívio para os fãs mais aflitos: "Sempre em frente, senhor Spock". E "sempre em frente" significava um novo filme, na semana seguinte, no próximo ano ou em algumas décadas. Os fãs aprenderam a confiar nas palavras do valoroso Capitão, como os aborígenes das ilhas do Pacífico confiavam no lendário Capitão Cook.

Jornada nas Estrelas foi ao ar pela primeira vez em 8 de setembro de 1966. Seu orçamento era irrisório — bastante inferior ao de *Perdidos no Espaço*, por exemplo, embora a cada final de ano ameaçasse não retornar. A audiência era reduzida, apesar de incluir espectadores como Isaac Asimov. E a crítica caía de pau, afirmando se tratar da pior coisa jamais vista na TV, "presunçosa e desprovida de originalidade". Depois de dois anos, Roddenberry entrou em

atrito com os executivos da NBC e abandonou o programa. Com ele, foram embora dezenas de escritores — como Theodore Sturgeon, Harlan Ellison — e responsáveis técnicos. A série ainda teve mais um ano de sobrevivência, com vários de seus aspectos básicos reformulados em busca da audiência massiva. Em 1969, depois de 78 missões, a *Enterprise* foi posta a descansar, abandonada num hangar espacial. Este, entretanto, não foi o fim da saga de Kirk e Spock. Meses após seu cancelamento, o programa passou a ser reprisado, tornando-se uma verdadeira febre. Seus fãs, autodenominados *trekkies* (de *Star Trek*, o título original), começaram a se manifestar, formando um lobby tão poderoso que ainda hoje mantém a velha *Enterprise* no ar nas TVs americanas. Além de sustentar a audiência do programa, eles fomentam uma poderosa subcultura, baseada no culto da série e seus derivados (vide box).

O segredo de tanto sucesso? *Jornada nas Estrelas* estava anos-luz adiante dos seriados de sua

época. O tempo sempre fez os incompreendidos se tornarem amados... O fermento do time de roteiristas priorizava a construção dos personagens, contrabalançando a ação com um denso *background* psicológico. Kirk era o herói corajoso, ousado, esperto e atraente (faturava sempre as alienígenas mais lindas). Spock era o amante da lógica, *cool*, que, por ser meio vulcano, possuía uma posição privilegiada como crítico da natureza humana. Sua frieza irritava o rabugento Dr. McCoy (DeForest Kelley), cujo passatempo favorito era criar novos insultos contra o infalível sabe-tudo. Havia, ainda, Scotty (James Doohan), o engenheiro capaz de consertar qualquer coisa no universo, desde cristais de lítio fragmentados até computadores da *Enterprise*. E assim por diante. Os atores, por sua vez, vestiam as peles dos personagens, chegando aos mínimos detalhes. Certa vez, Leonard Nimoy entrou no escritório de Roddenberry anunciando a necessidade de se criar uma saudação vulcana. Na sua opinião,

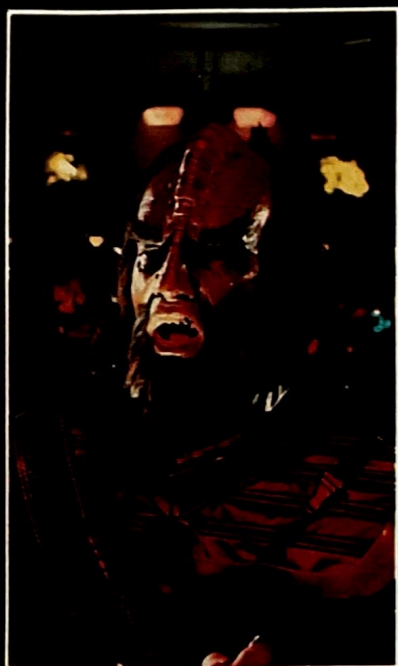
Acima, a nave entra na velocidade warp, superior à da luz. Na página oposta, acima, a velha guarda da série, com Spock, Capitão Kirk e a tripulação da *Enterprise*. Abaixo, a nova geração



A Enterprise chega à estação espacial em Star Trek III; abaixo, Kirk e Spock jogam xadrez espacial na velha série



Acima, a "velha geração" na série de TV; à direita, um klingon em Star Trek III



vulcanos não deveriam dizer prosaicos "oi" ou "tchau", mas alguma coisa de maior impacto. E sugeriu o sinal que hoje identifica os fãs da série no mundo inteiro: a mão aberta em um "v" formado por quatro dedos e a saudação "vida longa e prosperidade". Também por conta própria, começou a levantar sua sobrelance de uma maneira "extraterrestre", compondo um traço intrínseco da personalidade de Spock.

O sucesso póstumo de *Jornada nas Estrelas* gerou, nos anos 70, uma coleção de livros de bolso (histórias inéditas e novelização de episódios), histórias em quadrinhos, desenhos animados (de 1973 a 1975) dublados pelos atores originais, bonecos, naves em miniatura, posters, revistas etc. etc. Em 1976, os *trekkies* conseguiram que a NASA batizasse seu primeiro ônibus espacial de Enterprise. E, em 1977, a série quase voltou ao ar, com o *cast* original. Mas *Star Trek — Phase 2* nunca chegou à TV. O êxito de *Guerra nas Estrelas* acabou convencendo a Paramount (produtora do seriado) a colocar as aventuras da nova Enterprise na tela quente do cinema.

Jornada nas Estrelas, o Filme foi um porre de efeitos especiais. Estes ficaram a cargo de Douglas Trumbull (2001 e *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*) e John Dykstra (*Guerra nas Estrelas*), a um custo de 44 milhões de dólares. Vitória

do deslumbramento visual. Derrota do conceito de Roddenberry, até então subproduzido mas rico em profundidade psicológica. O espetáculo foi assinado por Robert Wise, diretor do clássico *O Dia em Que a Terra Parou*. A bilheteria ficou abaixo do esperado e a crítica não perdoou. Desta vez, porém, a Enterprise continuou no espaço. O filme seguinte, *A Ira de Khan* (1982), que deixaria os efeitos por conta da Industrial Light & Magic, de George Lucas, por apenas 10 milhões de dólares, chegou a resgatar um velho vilão do seriado: Khan (Ricardo Montalban), exilado da Terra no século XX em 1996 e derrotado por Kirk mais de duzentos anos depois. O desfecho deste novo combate entre os velhos inimigos foi uma tragédia planetária que culminou com a morte de Spock. Choveram cartas de indignação nos escritórios da Paramount, e a produtora se viu obrigada a ressuscitar o vulcano favorito da comunidade *trekkie*. Assim, Spock voltou dos mortos em *A Procura de Spock*, e, de quebra, demonstrou seus dotes como diretor do filme que o consagrou. No episódio seguinte, *A Volta para a Terra* (também dirigido por Leonard Nimoy, em 1986), Kirk e cia. viajam no tempo rumo ao século XX, numa missão ecológica cheia de bom humor.

Jornada nas Estrelas está com estreia marcada para agosto de 1989

nos EUA. A direção desta vez é de William Shatner, o próprio Capitão Kirk.

Enquanto isso, na televisão a nova safra de pioneiros espaciais ocupa o lugar da lendária equipe de Kirk. A *Nova Geração* se situa 85 anos além do período das primeiras jornadas nas estrelas, agora no século XXIV. E a tripulação, comandada pelo Capitão Jean-Luc Picard (Patrick Stewart), dispõe do melhor em termos de efeitos especiais (da Industrial Light & Magic, que, entre outros luxos, fez desta série a mais cara da televisão) para levar adiante a exploração do universo. Sua equipe, porém, já sofreu uma baixa: a Oficial de Segurança, Tasha War (Denise Crosby, neta do veterano ator Bing), partindo o coração dos *trekkies* americanos. A exibição do piloto da nova série praticamente chegou a parar os EUA, liderando a audiência quase *coast to coast*. No Brasil, onde o piloto já está disponível, essas aventuras só serão vistas em home-vídeo — pelo menos até 1990, quando a série será comercializada para as TVs do resto do mundo. Uma decisão pessoal de Roddenberry, que desta vez produziu independentemente a série, e negocia emissora a emissora, rede a rede, sua veiculação nos EUA. Quando *Star Trek — A Nova Geração* entrou no ar no dia 3 de outubro do ano passado, mais de 50 emissoras transmitiram o programa. Roddenberry acertou a mão.

Em *A Nova Geração* as novidades ficam por conta da existência de dois capitães, que concentram a atenção dos roteiristas — o segundo em comando, também conhecido como Número Um, é o Capitão William Riker (Jonathan Frakes). Há ainda um klingon (a raça belicosa finalmente fez um tratado de paz com a Federação), um andróide (que sonha em se tornar humano), uma meio beta-zóide e meio humana, um menino... As mulheres ocupam posições centrais na trama, ao contrário do antigo programa. Mas a missão continua sendo a mes-

ma. Aliás, Roddenberry, o eterno produtor, conseguiu atualizar sua antiga utopia estelar sem alterar demais o conceito original. Os personagens seguem densos, o humor gera cumplicidade e o espaço persiste como a fronteira final.

Star Trek — A Nova Geração está entrando em seu segundo ano de produção. Seu sucesso, ao mesmo tempo que outras tentativas de revitalizar antigos seriados fracassaram, é mais que um prêmio para Roddenberry. Para cada *trekkie*, é a consagração do desejo de um futuro melhor destinado aos habitantes do universo. Um final feliz, enfim... Não percam o próximo capítulo.

Marcel Plasse

(colaborou Sérgio Figueiredo)

ORA, DIREIS AMAR ESTRELAS

A ciência da astronomia não dispensa o vôo do fantástico. Ao menos nas horas vagas de iniciados. Foram jovens relacionados à astronomia que, há cinco anos, fundaram a Sociedade Astronômica Star Trek. Atualmente presidida por Alvaro Ricardo Júnior, de 23 anos, ela agrega hoje 250 aficcionados da série espalhados pelo Brasil inteiro. A mania impressionante dos fanáticos de *Jornada nas Estrelas* estarrece as pessoas em todos os países do mundo. Mas nos Estados Unidos ela passa dos limites. Lá, cada um dos tripulantes da *Enterprise* tem alguns fã-clubes só para si. Quem pensa que o surgimento da next generation condenou todos à extinção se engana: os novos personagens ganham seus cultuadores e os antigos não perdem os seus.

Como diz o operador de computador Wilson Massetano, de 27 anos, sócio do fã-clubes brasileiro, a entidade mantém contato direto com o ator Walter Koenig, o Chekov da antiga série, que manda para o Brasil muitas entrevistas, textos e também fotografias. Principalmente dele mesmo. O clube brasileiro também edita o informativo mensal *Star News*, que trata de astronomia e de *Jornada nas Estrelas* com a mesma seriedade. Além disso, mantém um acervo de mais de vinte capítulos gravados da nova série, que recebe diretamente de amigos americanos.

Os dirigentes se reúnem todos os sábados, às duas da tarde, em lanchonetes na Rua Augusta, em São Paulo. Ali perto, a livraria Cultura, a maior e mais importante da cidade, oferece uma variedade alucinante de livros sobre a série. "Há quase dois anos vendemos esta bibliografia. Já fizemos cinco importações", diz Pedro Herz, diretor da livraria. Receitas de comida espacial, gramática da língua vulcano (idioma natal do Dr. Spock), histórias em quadrinhos — são mais de 100 títulos ligados a *Jornada nas Estrelas* à disposição do público.

Quem quiser se associar à Sociedade Astronômica Star Trek pode escrever para Caixa Postal 30787, CEP 01051, Agência Central, São Paulo - SP. A livraria Cultura (Av. Paulista, 2073, conj. Nacional, CEP 01311, São Paulo - SP) também atende pelo reembolso postal, além de fazer encomendas no exterior.

Walter Silva



Acima, Pedro Herz, da Livraria Cultura, em São Paulo, com alguns livros importados sobre *Jornada nas Estrelas*. No destaque, um volume no idioma fictício klingon





"Este é o ano do vilão", proclama o astro teenager que chega à maturidade no papel de um mau-caráter

Aos 24 anos de idade, Rob Lowe está pensando em sair dos quartos de mocinhas adolescentes, nos quais se encontra há tempos, na forma de posters que adornam as paredes, para ser reconhecido como um ator sério. Mas este processo não tem pressa e, se puder ser feito conservando-lhe a imagem de bom moço, educado, atencioso e elegante, tanto melhor. O filme mais recente de Rob, *A Farsa* (*Masquerade*), dirigido por Bob Swaim, reflete a preocupação com a maturidade artística, à qual ele se referiu com entusiasmo ao longo de uma entrevista a SET, em Londres. Nesse filme, Rob Lowe é um hábil iatista (Tim Whalan) que se faz passar por bonzinho, com o propósito de seduzir Olivia Lawrence, uma rica herdeira interpretada por Meg Tilly, casando-se com ela, de olho na fortuna. Mas Tim Whalan era apenas um de três homens — todos se conhecendo e aparentemente mancomunados — atrás do ouro da herdeira.

O texto parece ter sido propositalmente mudado e Rob continuou sendo o bom rapaz que as mocinhas adoram. Agora, distante da história, sentado numa suíte do Dorchester Hotel, Rob afirma sem reserva: "Este é o ano do vilão!" A sentença vem ao final de uma detalhada explicação sobre a influência que *A Farsa* pode exercer sobre sua idolatrada imagem. "Em nenhum momento pensei nisso. Meu agente e meu manager também não tocaram no assunto. Se ficaram preocupados, não me inteiarei de nada. Caso eu próprio estivesse preocupado, esta preocupação logo se acabaria, só de pensar que nada aconte-

ROB LOWE

ceu a Glen Close após *Atração Fatal*, ou com Michael Douglas após *Wall Street*. Este é o ano do vilão! Atores existem para tornar crível o papel que interpretam”.

SET — *Como você define o filme A Farsa?*

Lowe — Voltei a ver o filme aqui em Londres, seis meses depois de tê-lo visto pela primeira vez. Cada vez que vejo o mesmo filme modifico minhas idéias sobre ele. Agora, *A Farsa* me pareceu mais melodrama do que da primeira vez. É um filme que realmente me faz lembrar uma produção antiga. É a fórmula que funciona em qualquer filme.

SET — *Este filme exigiu que você aprendesse a controlar o timão de um iate, não foi?*

Lowe — Sim, eu não tinha idéia alguma do que era velejar; era algo completamente estranho para mim. Assim, tive que ler muito sobre o assunto, assistir repetidas vezes a vídeos de competições, como a *America Cup*. Infelizmente, estava fazendo um outro filme imediatamente antes de *A Farsa*. Assim, só pude de fato treinar meu papel na água quando *A Farsa* já estava em marcha. As cenas a bordo do iate foram tomadas bem no fim do filme, para que eu pudesse ensaiá-las mais. Já nos estágios finais, acho que sabia bastante de iatismo.

SET — *Voltando à sua imagem: seus primeiros filmes foram destinados a uma platéia de adolescentes. Seu último filme indica mesmo uma mudança de direção?*

Lowe — Sim, é verdade. Acho que isto começou gradualmente. Eu era um *teenager* e agora tenho 24 anos. Com *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas* aumentei a idade da minha interpretação e das minhas platéias para algo acima da idade colegial; para aquela fase do “que-que-eu-vou-fazer-agora?”, pela qual todo mundo passa depois de sair da escola. E com *Sobre Ontem à Noite* interpretei alguém que vive a incerteza de casar ou não casar.

SET — *Como você encarou as cenas de sexo que teve de fazer em A Farsa?*

Lowe — A gente tem que se preocupar com a parceira, como ela vai reagir. Depois disso, o que a gente conclui é que a cena não é tão diferente

das demais. A única coisa realmente diferente é o fato de a gente filmar sem roupas. Além do mais, estamos interpretando um papel, fazendo o trabalho que temos de fazer. Com isto, em qualquer cena que tiver de ser filmada, deve-se estar emocionalmente preparado. Não se deve mudar de estilo simplesmente porque a cena está sendo filmada com a gente nu. Olha, tais cenas são realmente simples.

SET — *Você acha que as cenas sexy estão de volta ao cinema?*

Lowe — Não, ao contrário, acho que elas estão saindo. Temos uma tremenda direita nos EUA que quer censurar as coisas.

SET — *O que o levou a ser ator de cinema?*

Lowe — Não tenho idéia. Sou ator desde os 9 anos. Comecei a atuar como uma diversão. Devagar, minha afeição pelo cinema foi crescendo. Passei a levar a arte a sério e penso nela o dia todo.

SET — *E você hoje em dia sente necessidade de ser ator?*

Lowe — Bem, eu era tão novo quando comecei... Não tive nenhum treinamento formal. E, na verdade, quando saí da escola secundária — época em que a maioria dos atores se prepara adequadamente — eu já estava filmando. Foi uma sorte. Meu treinamento foi feito na prática profissional. Trabalhei com enorme persistência e com muita sorte. Diria que sorte e trabalho intenso influíram em minha carreira de forma idêntica. Quando tinha 8 anos de idade, assisti em Ohio a uma peça que ocorreu ser *Oliver Twist*. Vi os meninos no palco e fiquei intrigado. Como era possível? Ao sair, havia no hall um anúncio para crianças entre 9 e 12 anos que quisessem aprender teatro.

SET — *Aos 9 anos você deveria ter outros atores para inspirá-lo. Quem eram eles?*

Lowe — Jack Nicholson foi um dos meus primeiros favoritos e ainda é. Depois, Robert Redford. Há atores que não conheci quando comecei a atuar, mas que hoje em dia admiro muito, como Anthony Hopkins e Peter O'Toole. Da minha lista faz parte também Paul Newman.

SET — *O que você pensa da juventude de hoje?*

Lowe — Posso falar mais dos jovens norte-americanos. Acho que o nosso maior problema no momento é a sensação de que nada importa. Os jovens pensam no que fazer, nos seus amigos e não estão interessados em outras coisas — não sabem como diferenciar as coisas. Porque o jovem está convencido de que não vai controlar o governo; se o governo quiser jogar uma bomba nuclear, o jovem crê que ninguém irá detê-lo.

SET — *Você teve alguma influência na escolha de Meg Tilly para o papel de Olivia em A Farsa?*

Lowe — Para todo filme que faço sou sempre ouvido sobre com quem vou trabalhar. Meg Tilly é maravilhosa. Eu a vi de novo em *A Farsa* e acho que ela se desincumbiu esplendidamente. Meg havia acabado de sair de uma indicação para o Oscar — coisa que nunca tive.

PS: Rob Lowe terminou sua entrevista com SET informando ser amigo de dois famosos esportistas: Pelé, que ficou conhecendo em Tóquio, e John McEnroe, de quem é vizinho. E declarou que pretende vir ao Brasil para o Carnaval, sem especificar em que ano.

por Jader de Oliveira,
de Londres 



Masquerade, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Bob Swaim ■ Com Rob Lowe, Meg Tilly, Kim Cattrall, Doug Savant, John Glover, Dana Delany, Erik Holland ■ ROTEIRO: Dick Wolf ■ FOTOGRAFIA: David Watkin ■ MÚSICA: John Barry ■ PRODUÇÃO: Michael I. Levy para a MGM ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Na página, oposta
o ator numa cena
de nudez em *A Farsa*.

Acima, em primeiro
plano, com
Olivia (Meg Tilly)

EM CARTAZ

COMÉDIA SOB MEDIDA

No movimentado *Fuga à Meia-Noite*, Robert De Niro forma uma dupla memorável com Charles Grodin e revela um talento inusitado para a comédia



É difícil julgar o que mais surpreende em *Fuga à Meia-Noite*: se a autoridade e o conforto de Robert De Niro no primeiro grande papel cômico de sua carreira ou se o desempenho de Charles Grodin, tão poderoso e assertivo que por pouco não ofusca o sempre eletrizante Robert. Seja como for, esse par de atores combina tão bem na tela quanto as mais memoráveis duplas do passado.

Neste misto de comédia e *thriller on the road*, De Niro é Jack Walsh, um caçador de recompensas que aceita um servicinho de saideira antes de pendurar as chuteiras: achar e capturar Jonathan Mardukas (Grodin), contador que aliviou o ex-patrão em 15 milhões de dólares para distribuí-los a instituições de caridade, depois de ter descoberto as atividades ilí-



citadas do chefe, um dos *capos* da Máfia norte-americana. Jonathan agora vive fugitivo do FBI (que através dele teria provas contra a Máfia) e, lógico, do ex-patrão. Mas o que seria um servicinho mole — pegar o sujeito, transportá-lo via aérea de Nova York para Los Angeles e coletar os 100 mil dólares da recompensa — acaba se transformando numa desabalada corrida de cinco dias através de todos os Estados Unidos a partir do momento em que os dois embarcam no avião e Walsh descobre que Mardukas tem medo de voar. Nestes dias que passam juntos, Mardukas e Walsh deixam de ser apenas um carcereiro ganancioso transportando um prisioneiro para o cadafalso (detrás das grades ou nas mãos da Máfia, o que seria pior?). Jonathan, no início reticente, aos poucos vai oferecendo sábios conselhos a Walsh um homem rude mas de boa índole, (tanto que foi “aposentado” da força policial de Chicago por não aceitar suborno), que, no fim das contas, causam uma reviravol-

ta no “serviço” e mudam a vida do caçador de recompensas.

Pouco conhecido fora dos Estados Unidos — recentemente ele esteve em cartaz no Brasil, como o agente da CIA que coopta Dustin Hoffman em *Ishtar* —, Grodin é mais do que uma “escada” para De Niro: ao reformular as convicções do algoz Walsh, confrontando-o com fantasmas do passado, Mardukas reparte com Jack o domínio da ação, o que não é pouca coisa, considerando-se que De Niro tem o costume de roubar todas as cenas em que aparece, invariavelmente, seja lá qual for a importância do papel que a ele seja entregue.

A presença incomum de Robert De Niro numa comédia não é inédita — embora *O Rei da Comédia* tenha sido, na verdade, um drama, a participação que ele teve em *Brazil* já insinuava essa veia —, mas *Fuga à Meia-Noite* ofereceu ao ator um alcance superior ao da maioria dos filmes do gênero. Por pouco De Niro não tirou de Tom Hanks o papel

principal de *Big* — um hit genial do verão norte-americano passado — antes de aceitar ser Jack Walsh, conforme o ator explicou numa curta coletiva à imprensa em Nova York. “Aceitei fazer *Fuga à Meia-Noite* por achar que era uma comédia divertida que tinha um lado sério, mas não muito. E já faz tempo que ando procurando uma comédia para fazer, mas é difícil achar uma boa.” Tanto é assim que os projetos seguintes de Robert incluem *Jacknife* (em que ele e Ed Harris são dois veteranos da guerra do Vietnã que moram numa pequena cidade do interior) e *Union Street* (onde ele é um analfabeto que recebe a ajuda de Jane Fonda), mas nenhuma comédia.

José Emílio Rondeau,
de Los Angeles

Midnight Run, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Martin Brest ■ Com Robert De Niro, Charles Grodin, Yaphet Kotto, John Ashton, Dennis Farina, Joe Pantoliano ■ ROTEIRO: George Gallo ■ FOTOGRAFIA: Donald Thorin ■ MÚSICA: Danny Elfman ■ PRODUÇÃO: Martin Brest para a City Light Films ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Na página
oposta, De Niro
como o caçador
de recompensas
Walsh (foto
grande); na foto
menor e acima,
Walsh e seu
“prisioneiro”,
Mardukas (Grodin)

VELHA E BOA ELEGÂNCIA

Em Mais Forte que o Ódio, a volta de Sean Connery depois do Oscar conquistado com Os Intocáveis



O tenente-coronel Caldwell (Sean Connery, acima) e seu inimigo, o detetive Austin (Mark Harmon, ao lado)

Recostado na colina, no canto da baía de São Francisco que abraça a Golden Gate Bridge, fica o Presidio, uma base militar fundada por espanhóis em 1776 e ocupada pelo Exército norte-americano desde 1847. É uma das mais tradicionais instituições militares do país, uma base exemplar. E é no Presidio, onde ocorre um assassinato aparentemente inexplicável — uma policial militar é fuzilada quando, na sua ronda noturna habitual, descobre arrombada a porta do clube dos oficiais —, que se reunirão para as investigações dois antigos inimigos: o tenente-coronel Alan Caldwell (Sean Connery) e o detetive Jay Austin (Mark Harmon), da polícia de São Francisco. Austin, no passado, fora subalterno de Caldwell na força de segurança interna do Presidio e por ele expulso do Exército, justamente por insubordinação. Agora os dois estão juntos mais uma vez, de certa forma, investigando um mesmo crime com a cordialidade e o espírito de cooperação mútua de uma dupla de cães pitbull raivosos. Pa-

ra tornar o “time” mais “coeso” ainda, a filha de Caldwell, Donna (Meg Ryan), resolve paquerar o policial, o que nada agrada ao pai, e torna relutante o normalmente beligerante Austin.

Este é o primeiro filme de Connery desde o Oscar por *Os Intocáveis*, e ele repete a mesma elegância, o mesmo garbo exibidos como Joey Mallone, o braço direito de Elliot Ness. Caldwell é um militar enraizado nas tradições de sua Arma, um rígido cumpridor de seus deveres, um guardião rigoroso da letra da lei. Tanto assim que, anos antes, punira um oficial por agressão a um superior. Cego em seu respeito à hierarquia, Caldwell considerou inadmissível a possibilidade de que o oficial menos graduado tivesse razão. Esse oficial — descobre-se no desenrolar de *The Presidio* — não apenas estava coberto de razão como também consegue encontrar uma relação entre o incidente da agressão e o assassinato no clube dos oficiais, fato para o qual Caldwell parece ficar cego até o desenlace final.

Dirigido — e fotografado, o que é uma raridade na indústria — pelo mesmo Peter Hyams de 2010 e *Outland*, o filme combina ação e suspense em doses iguais. Toda a tensão dos interiores — resultante dos confrontos sucessivos do contido Caldwell e do beligerante Austin — explode nas cenas externas. Da perseguição inicial — uma vertiginosa caçada de automóveis através de São Francisco à noite — à tomada climática do final — um tiroteio num depósito de água —, o ritmo é constante e bem marcado, graças à boa roteirização do experiente Larry Ferguson (*Tira da Pesada II* e *Highlander*).

O próprio Mark Harmon (pouco conhecido no Brasil, já que tem um currículo recheado, na maior



Foto: UIP

parte, pela série de TV *St. Elsewhere*) fez as cenas perigosas de uma outra perseguição do filme, passada no coração de Chinatown. Austin está investigando o mesmo oficial que agredira no passado, na suspeita de que ele possa ajudar na elucidação do crime em Presídio. O oficial descobre que está sendo seguido e sai em carreira desabalada pelas ruas estreitas e apinhadas de gente e carros. Austin parte atrás dele, escalando automóveis, esborrachando-se no chão, circunavegando caminhões pesados. Toda essa tomada foi feita por Harmon, sem dublês.

Mas a melhor cena do filme é a mais parada e a que envolve técnicas mais próximas do teatro do que do cinema: é quando o tenente-coronel resolve tomar um porre e sobe no telhado de sua casa para conversar com o velho amigo, o sargento Ross MacLure (Jack Warden). Durante curtos minutos os

dois veteranos atores carregam um diálogo fluido e envolvente que faz o público esquecer todas as explosões e tiros que vieram antes ou que virão depois.

José Emilio Rondeau,
de Los Angeles 



The Presidio, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Peter Hyams ■ Com Sean Connery, Mark Harmon, Meg Ryan, Jack Warden, Mark Blum ■ ROTEIRO: Larry Ferbuson ■ FOTOGRAFIA: Peter Hyams ■ DIREÇÃO DE ARTE: Kandis Stern ■ MÚSICA: Bruce Broughton ■ PRODUÇÃO: D. Constantine Conte para a Paramount ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Ligações perigosas:
Austin e a filha de
Caldwell, Donna
(Meg Ryan)

PARTICIPE DA BOLSA DE CINEMA E VÍDEO DA SET

Preencha o cupom no verso com suas cotações para os filmes selecionados e envie pelo correio. O resultado será publicado nos próximos números de SET

Mesmo que você não tenha visto todos os filmes relacionados, não deixe de participar. Se você não quiser recortar sua revista, tire xerox do cupom ou copie-o numa folha de papel e envie pelo correio para o seguinte endereço: BOLSA DE CINE E VÍDEO SET — Caixa Postal 60081. CEP 05096 São Paulo — SP

BOLSA DE VÍDEO SET - VOTAÇÃO DOS LEITORES

Título	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Viagem Insólita (Warner)	41%	56%	3%	—
Os Intocáveis (CIC)	77%	14%	6%	3%
Mad Max I (Warner)	48%	43%	7%	2%
Platoon (RCA-Columbia)	57%	30%	11%	2%
RoboCop (Globo Vídeo)	47%	36%	14%	3%
A Hora da Estrela (Transvídeo)	17%	62%	21%	—
O Terceiro Tiro (CIC)	25%	46%	25%	4%
Silkwood (Polevídeo)	7%	63%	23%	7%
Duas Vezes na Vida (Look Vídeo)	9%	43%	39%	9%
O Gato Fritz (VTI)	12%	35%	38%	15%

BOLSA DE CINEMA SET - VOTAÇÃO DOS LEITORES

Título	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Pinocchio	46%	29%	21%	4%
Adeus, Meninos	27%	40%	27%	6%
O Milagre Veio do Espaço	28%	31%	31%	10%
Presente de Grego	7%	50%	35%	8%
Rambo III	28%	25%	16%	31%
Mestres do Universo	10%	42%	36%	12%
Loucademia de Polícia V	7%	36%	21%	36%
A Missa Acabou	13%	26%	48%	13%
Os Heróis Trapalhães	—	30%	24%	46%
Super Xuxa contra o Baixo Astral	4%	14%	29%	53%

*A ordem de classificação dos filmes tem como base a soma das porcentagens de ótimo e bom.

TRUCULÊNCIA COM DEMOCRACIA

Nico — Acima da Lei
mistura Bruce Lee com Rambo
e quer parecer humanista

Ele é alto, forte, bonito e democrata. Sua marca registrada é a dignidade. Seu nome, Nicola Toscani, ou Nico, um policial da divisão de entorpecentes na agitada Chicago e o quarto homem mais procurado nos Estados Unidos. Além de arrebentar todos os bandidos, como Rambo também faz, Nico tem o charme italiano, bom coração, é amoroso e luta por causas justas.

O personagem é uma criação

de Steven Seagal (ator que o interpreta) e de Andrew Davis (diretor de *Código do Silêncio*, de 1985, com Chuck Norris), baseada na experiência pessoal de Seagal no Vietnã, na CIA e na própria polícia de Chicago. Assim como Nico, Seagal é mestre em artes marciais, um ávido estudante de filosofia oriental, incluindo acupuntura e herbologia, e em seu currículo como professor de artes marciais constam alunos como Sean Connery, James Mason e Toshiro Mifune. Eventualmente, tanto Nico como Seagal colocam seus conhecimentos de defesa pessoal à disposição de operações de proteção a figuras de renome internacional e missões de resgate.

Com *Nico*, Seagal atua pela primeira vez no cinema. A Warner Bros. vê nele grandes chances de ocupar o espaço deixado por Bruce Lee e Jackie Chan na galeria

dos artistas marciais. Quanto a isso, Seagal é modesto e tem outros planos. Não quer valer-se dessas oportunidades. Para ele, Bruce Lee foi um artista notável e Jackie Chan um fantástico atleta e acrobata, mas os filmes de artes marciais caíram no irreal e glorificaram a violência. E arremata: "Não quero fazer parte desse processo".

Em *Nico — Acima da Lei*, Seagal mostra que aprendeu a bater em outras pessoas com os pés, as canelas, os braços, punhos e espadas, principalmente. Tudo começa quando ele (um tira de Chicago), com sua *partner* Jax (Pam Grier), sai à procura de sua sobrinha prostituída e descobre um carregamento de narcóticos. Mas, ao contrário da droga, o que o espera é um carregamento de explosivos C-4, superpotentes, com os quais trabalhou em seus dias de agente da CIA. Furioso e confuso com a sol-

BOLSA DE CINEMA SET

Título	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Antes Só do que Mal Acompanhado				
Busca Frenética				
Colors — As Cores da Violência				
A Dama do Cine Shanghai				
Feliz Ano Velho				
Histórias Verdadeiras				
O Homem da Linha				
A Maldição dos Mortos-Vivos				
Príncipe das Sombras				
Rebelião em Milagro				

BOLSA DE VÍDEO SET

Título	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Um Assaltante Bem Trapalhão (Transvídeo)				
Atração Fatal (CIC)				
Uma Dupla Irreverente (América)				
O Espião Trapalhão (VTI)				
Grito de Horror (Globo Vídeo)				
O Homem de Palha (VTI)				
Lili Marlene (F.J. Lucas)				
Os Olhos de Laura Mars (RCA-Columbia)				
Rocky, um Lutador (Warner)				
Star Trek — A Nova Geração I (CIC)				

tura dos suspeitos e com seu afastamento do caso, Nico continua na pista dos "traficantes", quando uma estranha explosão ocorre na catedral que frequenta (sim, além de democrata, o mocinho é religioso). Sua habilidosa inteligência descobre um plano para assassinar um inquisitivo senador americano, que se debate publicamente com o governo dos Estados Unidos porque este fecha os olhos para o tráfico de ópio, cocaína e armas para uma invasão na Nicarágua.

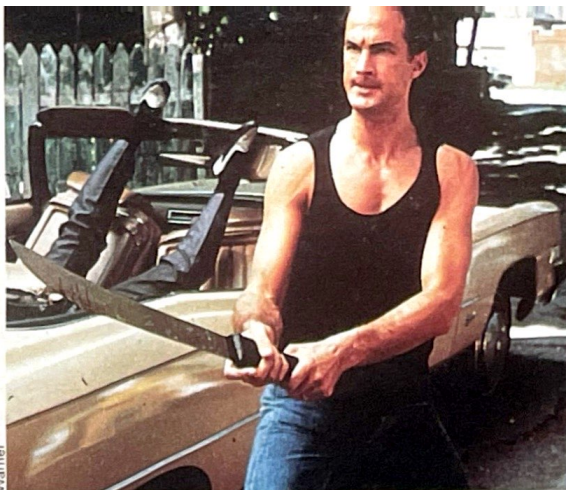
Nico — Acima da Lei será sem dúvida um forte concorrente para as matanças e estragos de Sylvester Stallone, porque, além de matar e lutar, Seagal tem aquele toque de humanista charmoso que falta nos filmes de ação mais recentes. Talvez dê certo. *Deborah Peleias*

Nico, Estados Unidos, 1988 ■ DIREÇÃO: Andrew Davis ■ Com Steven Seagal, Pam Grier, Sharon Stone, Ron Dean, Daniel Faraldo e Henry Silva ■ ROTEIRO: Steven Pressfield, Ronald Shusett e Andrew Davis ■ FOTOGRAFIA: Robert Steadman ■ MONTAGEM: Michael Brown ■ MÚSICA: David M. Frank ■ PRODUÇÃO: Steven Seagal e Andrew Davis ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner Bros

AUTÊNTICO JANTAR FRANCÊS

A Festa de Babette que mereceu o Oscar de melhor filme estrangeiro

Antes de mais nada, é preciso acostumar os olhos à beleza plácida e insólita de uma aldeia de pescadores nos confins da Dinamarca, no meio do século passado. É nesse fim de mundo que um pastor luterano, velho e viúvo, educa suas duas filhas, Martine (Vibeke Hastrup) e Filippa (Hanne Steensgard), no caminho da virtude, e funda uma comunidade destinada a preservar a pureza de sua crença. No auge da beleza e da juventude, as duas



vêm passar pela aldeia seus príncipes encantados — o jovem oficial Lorenz Löwenhielm (Gudmar Wivesson) e o cantor lírico Achille Papin (Jean-Philippe Lafont) — e renunciam a seu amor em favor da castidade que o pai espera delas. O pastor morre e elas levam adiante sua obra religiosa, ajudando os velhos pobres e reunindo os membros da comunidade para orar e louvar a Deus. Passam-se os anos e elas envelhecem serenamente.

Em 1871, bate à porta das irmãs uma certa Babette (Stéphane Audran), cozinheira francesa que fugia da guerra civil em seu país (é a época da Comuna de Paris). Ela vem com uma carta de recomendação assinada pelo cantor Papin. As duas irmãs — agora interpretadas por Birgitte Federspiel (Martine) e Bodil Kjer (Filippa) — acolhem a moça e em pouco tempo ela se torna querida de toda a aldeia. Mais catorze anos se passam. Aproxima-se a data de comemoração dos 100 anos de nascimento do velho pastor. Babette — que nesse meio tempo recebeu da França uma pequena fortuna — pede às irmãs que a deixem preparar para a ocasião um "autêntico jantar francês". Elas concordam, sem ter idéia do que isso vai significar para a vida da comunidade.

Chega o grande dia e Babette apresenta seu banquete, que não convém descrever aqui. Basta dizer que o evento serve para trazer à tona a lembrança de prazeres passados ou apenas pressentidos pelos membros da comunidade. E Axel coloca em foco, com uma rara sensibilidade poética, os eternos temas da renúncia e da paixão, da carne fraca e do espírito forte. Se *A Comilança*,

Nico (Steven Seagal, à esquerda): artes marciais a serviço da lei; abaixo, Babette (Stéphane Audran) transporta os ingredientes da sua festa



de Marco Ferreri, era uma "tragédia da carne", na definição de Luis Buñuel, *A Festa de Babette* pode ser descrito como uma "ode ao espírito", composta e conduzida com maestria pelo diretor dinamarquês Axel, um veterano pouco conhecido no Brasil, que fez por merecer o Oscar de melhor filme estrangeiro de 1988. Ele divide o mérito por esta pequena obra-prima com a autora do conto em que se baseou o roteiro, a escritora dinamarquesa Karen Blixen, mais conhecida como Isak Dinesen, que aliás foi a personagem interpretada por Meryl Streep no também oscarizado (embora muito inferior) *Entre Dois Amores*, de Sydney Pollack. Bom apetite.

José Geraldo Couto

Babettes Gaestebud, Dinamarca, 1987 ■ DIREÇÃO: Gabriel Axel ■ Com Stéphane Audran, Hanne Steensgard, Vibeke Hastrup, Bodil Kjer, Birgitte Federspiel, Jean-Philippe Lafont, Gudmar Wivesson, Jarl Kulle, Bent Rothe ■ ROTEIRO: Gabriel Axel, a partir de conto homônimo de Karen Blixen ■ FOTOGRAFIA: Henning Kristiansen ■ DIREÇÃO DE ARTE: Sven Wichman ■ MONTAGEM: Finn Henriksen ■ MÚSICA: Per Norgard ■ PRODUÇÃO: Bo Christensen para a Panorama Film International ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

O ESPLendor DOS BRUCUTUS

**Duro de Matar, uma
produção impecável,
elogia a brutalidade**

Bruce Willis, aquele que namora a Cybill Shepherd na série *A Gata e o Rato*, ainda faz papel de rato, trocou de gata e vem aí com tudo. Ele é o policial novaiorquino John McClane, que vai a Los Angeles rever a ex-mulher Holly Gennaro (Bonnie Bedelia) e os filhinhos. Bonnie é sua gata. É alta funcionária da multinacional Nakatomi Corporation. Como é Natal, a gata está numa festa da firma no prédio da firma, numa típica confraternização de firma. Festa de firma é sempre igual, com lagosta e vinho alemão branco e seco ou com lingüicinha e chopp. Mas a sede da Nakatomi (a sonoridade Akai e Sony não é casual) é mais pra lagosta. O edifício usado para a locação é o afetadíssimo Fox Plaza, em Century City, ultramoderno, eletrônico, seguro, empertigado, espaçoso e cafona. E estão todos

O rato McClane (Bruce Willis, à direita), quer dar cabo do terrorista Gruber (Alan Rickman), que seqüestrou sua ex-mulher (Bonnie Bedelia), abaixo

lá, rola a maior descontração, o tira recém-chegado lava a nuca num lavabo emperquitado, quando, de repente... Você já está esperando o expediente do de repente para acontecer alguma coisa e aí acontece: um bando carrancudo entra no edifício, domina o porteiro e, numa ação fulminante, fecha todas as portas e assume o comando dos 34 andares, rende todos os convivas e seqüestra o patrão Takagi (James Shigeta). Hans Gruber (Alan Rickman), o líder dos invasores, tenta obrigar o burocrata a abrir o segredo do cofre de sete (mesmo) chaves para apanhar, lá dentro, 600 milhões de dólares em ações. Inexplicavelmente, os bandidos terroristas deixam escapar despercebido do lavabo o tira enfurecido. Ele vai tomar as devidas providências, não vai?

Apesar de a cara dos ladrões estar mais pra manequim da *Vogue* do que pra mercenários, com cabelos longos e sedosos, barba escanhoad, roupas yuppies e unhas lustrosas, eles são de uma violência convincente. O mais típico é o malvado Karl (Alexander Godunov). Estão armados com metralhadoras, explosivos, mísseis (é, mísseis) e contam com a ajuda de um gênio (do mal) em computadores para abrir o cofre guardado por fechaduras e segredos eletrônicos.

O espigão da Nakatomi faz então uma fusão inaudita: mistura

o cinema catástrofe (se assemelhando cada vez mais a *Inferno na Torre*, com explosões e incêndios localizados), o gênero policial-deixa-que-eu-mato (com Bruce Willis mais invencível do que Rambo) e o *love story* lacrimoso. As crianças, filhas do rato, em casa, aparecem no filme como os filhos de alguns motoristas aparecem naquele quadrinho no painel do carro: "papai não corra, papai não morra". O argumento parece que é assinado pelo radialista de assuntos policiais Afanazio Jazadji. Avacalha com os bandidos, com as regras de conduta policial que respeitam os direitos humanos (Bruce Willis resolve tudo na pancada), com a independência feminina (mulher que escolhe a profissão em vez do marido se dá mal), com a liberdade de imprensa (o repórter leva um soco na cara "merecido") e, por fim, faz a apoteose do assassinato justiceiro.

Uma ressalva apenas: todo o filme é extremamente bem realizado. A notória marmelada das proezas do mocinho se dilue dentro da fotografia primorosa e do ritmo hipnótico. O diretor John McTiernan é o mesmo de *Predador*, com Arnold Schwarzenegger. Mas dá provas, em *Duro de Matar*, que amadureceu em termos de bom gosto plástico. O equilíbrio das cores, das luzes e dos volumes na tela está afinado como uma boa orquestra. Nada destoa. O próprio Bruce Willis — imitando um pouquinho o Mickey Rourke de *O Ano do Dragão*, com barba por fazer, voz baixinha e brutalmente violento — demonstra inovações no seu estilo por conta da boa direção. Pena que tanto primor técnico esteja a serviço de idéias tão vulgares.

Eugênio Bucci



Die Hard, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: John McTiernan ■ Com Bruce Willis, Alan Rickman, Alexander Godunov e Bonnie Bedelia ■ ROTEIRO: Jeb Stuart e Steven E. De Souza, baseado em romance de Roderick Thorp ■ EFEITOS VISUAIS: Richard Edlund ■ FOTOGRAFIA: Jan De Bont ■ PRODUÇÃO: Lawrence Gordon e Joel Silver para Twentieth Century Fox ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

A ESTRATÉGIA É SUA. A QUALIDADE É RAINHA.

A linha tenista Rainha tem a qualidade que complementa sua estratégia. Camisas e shorts em diversos modelos, cores e estampas exclusivas. Linha tenista Rainha. O seu melhor estilo de jogo.

 **RAINHA**
Qualidade que dá mais classe ao tênis.



MARLENE DIETRICH

Voz grave, olhar lânguido, pernas incomparáveis. Uma sensualidade agressiva e algo masculina, que virou a cabeça de homens como Hemingway, Gabin, Remarque, Bacharach...

O pecado usa ligas pretas, cartola, tem voz semigrave e pernas estonteantes. Chama-se Lola Lola (Marlene Dietrich), a cantora de um esfumado e mal freqüentado cabaré, onde um homem austero perde a compostura, a profissão e a dignidade. Raramente o cinema foi tão erótico como na cena de *O Anjo Azul* em que a cantora sobe uma escada espiral e joga as calcinhas rendadas sobre a cabeça do pobre Unrath (Emil Jannings). Estamos em 1930 e o cineasta maquinador desse mito fatal atende pelo nome de Josef von Sternberg e diz, como disse Flaubert de sua Madame Bovary: "Miss Dietrich sou eu!" Realmente, fica cada vez mais difícil distinguir a genialidade do criador da de sua saborosa criatura nos outros filmes que a dupla faria nos Estados Unidos.

Maria Magdalene Dietrich nasceu em 1901 (ou, quem sabe, 1904), em Berlim, filha de um rígido militar. Iniciou com Max Reinhardt e casou-se em 1924 com o diretor Rudolf Sieber, da poderosa UFA, com

quem teve Maria, a única filha. Teria sido musicista — se uma lesão muscular não tivesse barrado sua carreira — ou talvez uma atriz de rotina, se não tivesse cruzado com Sternberg. Sorte do cinema que ambas as coisas mudaram sua vida. Na mesma noite de estréia de *O Anjo Azul*, Dietrich zarpou para os EUA, onde Sternberg já estava. Esperar para quê? O mundo dos cabarés fervilhantes, gigolôs, mas principalmente do cinema inteligente (do qual *O Anjo Azul* é um dos cantos do cisne), estava no fim. Pouco depois os alemães ganhavam Hitler e Goebbels de presente. Sortudos foram os norte-americanos, que ficaram com Dietrich e Sternberg de uma só tacada, uma dobradinha no mínimo mais elegante. Com um único filme, o sabor de perdição demoníaca já estava tão impressionantemente colado a sua imagem que Marlene mesma declarou: "Os produtores americanos só me viam pondo os homens fora de si".

Em *Marrocos* (1930), ela deixa Gary Cooper fora de si como a cantora de cabaré Amy Jolly. Ela arranha o inglês, mas falar é quase supérfluo. No filme, canta "When Loves Dies", incorporando uma peça publicitária a mais em sua aura de mistério: a suposta bissexualidade. Após o infeliz *Desonrada* (1931), nova descarga libidinal irrompe em *O Expresso de Xangai* (1932). Marlene vive Shanghai Lily, uma prostituta que encontra um antigo amor britânico (Clive Brook) num trêm chinês. Suculenta em período integral, sua feminilidade é tanto mais sugestiva quanto mais tenta se mascarar na carcaça gélida

e séria. Em *A Vênus Loira* (1932), a nossa diva cool começa como mãe de Dickie Moore e esposa de Herbert Marshall, mas a entrada de Cary Grant demonstra instantaneamente que prendas domésticas nunca foi seu forte. Como muitas obras-primas, o filme fracassa, e também o próximo: *O Cântico dos Cânticos* (1933), de Rouben Mamoulian. Fora de Sternberg o mito parece que não funciona e o jeito é voltar para perto do "papai".

Em *A Imperatriz Galante* (1934), ela vive Catarina da Rússia, conquistadora sexy apelidada de "Messalina do Norte", por razões óbvias, e se despede do mestre com *Mulher Satânica* (1935), levando o amante velho, Lionel Atwill, ao ridículo, como é de praxe. Sem Sternberg vive uma ladra de jóias que seduz (*oh, no, not again!*) Gary Cooper em *Desire* (1936), mas seu fascínio só volta com o ingênuo *Jardim de Alá* (1936), onde vira a cabeça de um monge argelino. Já com 38 anos, no western *Atire a Primeira Pedra* (1939), Marlene encarna a vulgar Frenchy, uma cantora de *saloon*, dessas que guardam dólares no decote generoso, ao lado do mocinho James Stewart. Foi uma falsa condessa em *Paixão Fatal* (1941), de René Clair, e *A Pecadora* (1940), ao lado de John "direita, volver" Wayne. Marlene diz que Wayne era "a prova de que ninguém precisa ser inteligente para ser ator".

Tudo o que ela diz tem um quê de cortante. Ninguém brinca com Marlene Dietrich. Sobre o Oscar, por exemplo, a autocelebração hollywoodiana máxima que nunca foi para suas pequenas mãos, dá a fórmula, em suas *Memórias*, para abocanhá-lo: "Interpretar personagens bíblicos, padres e vítimas de enfermidades físicas e mentais em geral". Não apenas recusou as propostas indecorosas de Goebbels para ser "a" estrela do Terceiro Reich como assumiu decididamente a luta antinazista cantando entre os aliados. O diretor Uli Lommer insinuou, em seu filme *Adolf e Marlene*, um encontro secreto entre ela e o ditador. É óbvio que ela o processou por difamação, ganhou

Marlene no auge da beleza, na célebre foto de divulgação de *Expresso de Xangai* (1932)



Paramount



À esquerda, em *Testemunha de Acusação* (1958); abaixo, num show em Paris (1959) e na rua, nos anos 70



A estrela aos 5 anos (acima); no alto, em *Aquela Mulher* (1941) e imitando Carmem Miranda em 1944

a causa e bloqueou a estréia do filme.

Finda a Segunda Guerra, ela ainda brilharia em filmes como *A Mundana* (1948), *Testemunha de Acusação* (1958), *A Marca da Maldade* (1958) e *O Julgamento de Nuremberg* (1961), entre outros, paralelamente a suas performances em shows cantando "Lily Marlene" e "Falling in Love Again". Distinta, de chapéu, faz uma aparição em *Apenas um Gigolô*, de David Hemmings (1979), sobre a criativa Alemanha pré-nazista, onde seu mito foi gestado. Seu *sex appeal* nórdico, que derreteu Ernest Hemingway, Erich Maria Remarque, Jean Gabin e Burt Bacharach, entre outros corações, mantém sempre uma certa distância — um pouco como a outra lenda nórdica, Greta Garbo — que ninguém atravessa, nem fotógrafos! Um véu mais de individualismo e privacidade que de arrogância. Não raro as musas são gatas devassas. Marlene, não. O fascínio de sua receita para a imortalidade está em misturar bem as virtudes ditas "prussianas" — sobriedade, seriedade, disciplina e frieza — com o mais caloroso erotismo.

Antonio Querino Neto 17

E AINDA
UMA AVENTURA NA
SERRA DO MAR
E
A REALIDADE DE UM SONHO

CURSO
DE MANEQUIM

MARCIO MENDES



do TRIO
Los Angeles

APRESENTAÇÃO:
MARCIO MENDES



PRODUÇÕES

Rua Bártira, 1065 Conj. 06
Produção e Direção:

SERGIO BALDASSARINI JUNIOR

Tel. (011) 872-0632

PARANORMAIS

Sobrenatural, paranormalidade, o além. Não poderia ser diferente: a obsessão da melhor literatura universal aportou no cinema e, na tela, estendeu para longe seus horizontes já distantes. É como se o cinema, que não passa de ilusão, fosse o artifício mais apropriado para fazer crer que a realidade, o mundo visível que cerca o homem, não passa de um véu frágil sobre um imenso mundo oculto. E no entanto há um momento em que a trajetória se inverte. Não é mais a arte que conduz os reles mortais até os domínios do além, mas um talento inexplicável de um reles mortal que traz as forças do mundo oculto para interferirem nessa realidade prosaica que todo mundo enxerga — e que o cinema volta a assumir.

E quem é que não se impressiona? Dizem que todo mundo já quis ser Tarzan, ou dançar como Fred Astaire, ou exalar a sensualidade de Marilyn Monroe. Quem é que, além de tudo isso, nunca desejou ser dotado de "poderes da mente"?



OS RELIGIOSOS

O AMULETO DE OGUM

(Brasil, 1975)

Direção: Nelson Pereira dos Santos. Com Jofre Soares, Anecy Rocha, Ney Sant'Anna. Manchete Vídeo.

O brasilianismo de Pereira dos Santos focaliza o estado do Rio (Duque de Caxias) da época, modernizado e descrente, em relação ao forte misticismo que envolve a umbanda. O personagem de Ney Sant'Anna (filho do diretor) tem o corpo fechado (imune a tudo) enquanto a sua mãe viver. A sua intenção é vingar a morte do pai, creditada ao gangster local Jofre Soares. Chega a lhe roubar a mulher (Anecy Rocha, a falecida irmã de Gláuber). O Gabriel de Sant'Anna lembra o "ano destruidor" do Teorema, de Pasolini. Aparece impávido, ingênuo, e traz a destruição a sua volta. Idéia recorrente numa cidade feia e miserável da baixada fluminense, onde as perseguições se dão com Fuscas, TIs e SP-2. Um universo que parece não interessar mais ao nosso cinema atual.

A PRÓXIMA DIMENSÃO

(The Next One, EUA/Grécia, 1984)

Direção: Nico Mastorakis. Com Keir Dullea, Adrienne Barbeau, Peter Hobbs. Transvídeo.

Originalmente filmado em 1981, é talvez a melhor obra do grego Mastorakis. O que não significa muito, pois, principalmente em sua fase americana, ele se especializou em fitas de terror de terceira... Mas esta boa idéia merecia mão mais firme. Barbeau é uma viúva que mora com o filho numa ilha grega e que se apaixona por um desconhecido que um dia vai parar nu em sua praia, aparentemente desco-

nhecendo tudo sobre a Terra. Com o tempo, a cara apatetada de Dullea (o ator de 2001) o identifica com Cristo. Ele próprio levanta a hipótese de ter algum vínculo com aquele ser. Segundo o filme, Cristo é um humano do futuro. Onde ficam os Testamentos?

VIAGENS ALUCINANTES

(Altered States, EUA, 1980)

Direção: Ken Russell. Com William Hurt, Blair Brown, Bob Balaban. Warner.

Em sua primeira incursão no cinema americano, um bom livro e não tão bom roteiro de Paddy Chayefsky dá oportunidades para Russell exercitar efeitos de psicodelia impagável. Hurt é um cientista fascinado pela sua câmera de imersão, onde ele descobre poder, além de relembrar fatos de sua própria vida, chegar inclusive à primeira encarnação, à alma primitiva. Roteiro e cientista são muito zen. A espécie de Fausto que Hurt encarna (vende a vida pelo conhecimento máximo) denota especial predileção por um misticismo meio Carlos Castañeda, com ervas levando à iluminação maior. A primitividade, em sexualidade e instinto, é um estado de dor pura. A crença de Hurt na origem das espécies não percebe que isto é absoluto, no filme. É por isso que o final beira o patético. Mesmo assim, um trabalho sem os excessos habituais de Russell.

REBORN

(EUA/Espanha, 1981)

Direção: Bigas Luna. Com Dennis Hopper, Michael Moriarty, Francisco Rabal. Omni. Hopper, interpretando o seu antiego, o reverendo Tom Harley, que combate as drogas e o álcool, sintetiza o fa-

natismo cristão dos americanos. Ele é um destes pastores eletrônicos que gritam, cantam e pedem dinheiro via TV, reunindo multidões de seguidores e criando e comercializando milagres para manter acesa a chama da fé. A sua própria fé, porém, é posta em cheque quando surge Maria, uma italiana que sangra nas mãos como o Cristo crucificado e realmente realiza milagres. Mas o que poderia ser uma boa discussão sobre a manipulação da crença dilui-se numa história vaga, em simbologias soltas no espaço (incluindo um helicóptero metafórico!) e num final abrupto.

PORTAL DO INFERNO

(Samurai Reincarnation, Japão, 1981)

Direção: Kinji Fukasaku. Com Sonny Chiba, Tetsuro Tamba, Ken Ogata. Everest.

Já o ponto de partida é muito interessante: no século XVII mostra-se como uma comunidade cristã japonesa (!) é dizimada. Um dos católicos, decepcionado com a traição de Deus, reencarna e faz um pacto com o demônio, ressuscitando três homens e uma mulher para a vingança. Trata-se de uma absoluta preciosidade. Fita típica de samurai, com as suas lutas coreográficas. O terror promovido aqui impressiona não apenas pelos efeitos corretos, mas principalmente pela aura nipôni-

ca, altamente mística. Os cenários são estilizadamente teatrais e as interpretações introspectivas. A decepção para com Deus resulta numa fita muito violenta, inclusive psicologicamente. Para a estética ocidental, o filme se revela perturbadoramente moderno. Há até um ousado e simbólico beijo entre homens. Obrigatório para caçadores de tesouros.

A MEIA-NOITE LEVAREI A SUA ALMA

(Brasil, 1964)

Direção: José Mojica Marins. Com Mojica, Ilídio Martins, Genésio Carvalho. Mundial.

A primeira aparição de Zé do Caixão é, ao lado do posterior *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver*, a melhor obra de seu criador, José Mojica. Há duas semelhanças com *Portal do Inferno*: o protagonista que dá as costas a Deus após decepcionar com o mesmo e o fato do filme ser um verdadeiro tesouro de caçadores. Zé do Caixão tem um forte pé em demonismo, completamente descrente de Deus e mais que crente em si mesmo. Ele procura a mulher perfeita para ser a mãe ideal de seu filho, que deverá ser o melhor humano já nascido. A primitividade de toda a produção lhe confere um ar original instigante. O macabro de sua história se dá com soluções visuais antológicas. A ingenuidade a serviço da morte.

efeitos pelo universo onírico. Mas é aí que o sensitivo malvado é usado como peça num complô feito para coagir o presidente americano... O duelo rende muito bem, mas a história perde um pouco.

O ESTRANHO PODER DE MATAR

(The Shout, Inglaterra, 1979)

Direção: Jerzy Skolimowski. Com Alan Bates, John Hurt, Susannah York, Tim Curry, F.J. Lucas.

Hiper-estimado drama de suspense de Skolimowski. A narrativa propositalmente enigmática parece sofisticar algo que é simples. O hermetismo por vezes intrinca do da direção tem momentos brilhantes (principalmente quando envolve os jogadores de golfe vestidos de branco), mas dá muita importância a uma história não tão consistente assim. Bates é um andarilho misterioso (além de místico e louco) que se aninha no cotidiano de um casal (Hurt/York), conquistando o corpo dela e a subserviência dele, a partir da ameaça de um grito primal que mata a fauna que estiver próxima. Hurt pergunta se é blefe ou não. Enquanto isto, Bates mata um cordeiro. O seu grito não faz mais do que isto por um filme cheio de intenções.

OS OLHOS DE LAURA MARS

(Eyes of Laura Mars, EUA, 1978)

Direção: Irvin Kershner. Com Faye Dunaway, Tommy Lee Jones, Brad Dourif, Raul Julia. RCA-Columbia.

Laura Mars, de uma hora para outra, sem o roteiro indicar tratar-se de uma habilidade que a acompanha desde sempre, passa a ver assassinatos pelos olhos dos assassinos. As mortes têm como vítimas amigos e colegas de trabalho seus. Oportunamente, as "visões" mortais, que se dão na exata hora em que o fato real está

ESTRANHOS PODERES

MORTE NOS SONHOS

(Dreamscape, EUA, 1984)

Direção: Joseph Ruben. Com Dennis Quaid, Max von Sydow, Kate Capshaw, Christopher Plummer. VTI.

De início era apenas uma experiência: conectar paranormais à mente de pessoas com distúrbios em seus sonhos, para averiguar qual a

sua natureza. Com o tempo, porém, dois destes sensitivos revelam que, além de poderem interferir, eles podem também voluntariamente se infiltrar nos sonhos alheios e tentar resolvê-los. Quaid é o bonzinho dos dois. Até este momento, tudo não passa de uma ótima viagem de suspense e

para acontecer, pertencem a uma fotografia. Laura Mars realiza fotos de extrema sensualidade e violência. Mágico olhar, mágico paralelismo. A trama tem bons momentos, mas é tola e acaba mal. O que interessa é o roteiro de John Carpenter, as músicas de discoteca que marcaram a época e, para alguns, a música-tema interpretada por Barbra Streisand. Modernóide, ousado, com momentos de quase "clip".

NO LIMITE DA REALIDADE — TERCEIRO EPISÓDIO

(Twilight Zone — The Movie, EUA, 1983)

Direção: Joe Dante. Com Kathleen Quinlan, Kevin McCarthy. Warner.

Para muitos, este é o melhor episódio deste filme-homenagem à série *Além da Imaginação*, produzido por Spielberg e John Landis. O mínimo que se pode dizer é que o episódio se mantém intimamente fiel ao estilo de Dante, diretor de cultura claramente embasada em televisão e histórias em quadrinhos. É um de seus melhores feitos. Narra o inexplicável domínio que um garoto exerce sobre toda a sua família. Todos lhe obedecem com medo de sua "associação" maléfica com a televisão da sala, que o ajuda inclusive a criar coelhos monstruosos. As imagens criadas ficam num meio passo entre o expressionismo e o psicodelismo. Este garoto perigoso é muito interessante!

STEPHEN KING

CHAMAS DE VINGANÇA

(Firestarter, EUA, 1984)

Direção: Mark L. Lester. Com Drew Barrymore, David Keith, George C. Scott, Martin Sheen. VTI.

O escritor fantástico Stephen King tornou-se um dos prediletos para adaptações cinematográficas, de *O Iluminado* (a magnífica versão de Stanley Kubrick, curiosamente repudiada por King) a *Comboio do Terror*, que ele resolveu (mal) dirigir pessoalmente. *Chamas de Vingança* é uma boa idéia desenvolvida, aqui, de forma apenas satisfatória. Experiências científicas em casais lhes provocam reações colaterais inacreditáveis, acabando, por vezes, em morte. A filha de um destes casais nasce com o estranho poder de incendiar tudo o que quiser. Há pouco suspense, já que a trama se reduz quase à perseguição de pai e filha (Keith e Barrymore) pela organização científica que quer ocultar o acontecido e estu-

dar os tais efeitos. Não consegue entreter muito, apesar do elenco excelente, que ainda inclui Louise Fletcher, Art Carney e Freddie Jones.

A HORA DA ZONA MORTA

(The Dead Zone, EUA, 1983)

Direção: David Cronenberg. Com Christopher Walken, Brooke Adams, Tom Skerritt, Martin Sheen. VTI.

Cronenberg, um dos mestres do escatológico (*Video-drome* e *A Mosca*), controla-se por completo e realiza um thriller de suspense bastante correto. Este livro de King, apesar de seu caráter mais modesto (não requer efeitos especiais), acabou merecendo uma das mais sérias adaptações conhecidas. Walken se dá bem com o papel de um homem que permanece em coma durante anos, após um trágico acidente de carro, e que acorda com a sua realidade alterada, fortes dores de cabeça e a capacidade de sentir o futuro ou os fatos da



CIC

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS



Uma Liaison/Sigla

CHAMAS DE VINGANÇA



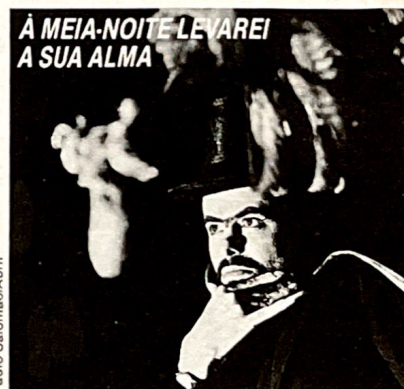
Columbia

OS OLHOS DE LAURA MARS



Everest

PORTAL DO INFERNO



Paulo Salomão/Abril

À MEIA-NOITE LEVAREI A SUA ALMA



Paris

A HORA DA ZONA MORTA

vida de quem o tocar. Quando uma descoberta sua envolve políticos e o futuro do planeta, ele decide se intrometer no destino. Mantém sempre o interesse.

CARRIE, A ESTRANHA

(Carrie, EUA, 1976)
Direção: Brian De Palma. Com Sissy Spacek, Piper Laurie, John Travolta, Amy Irving, Warner.

Um dos melhores livros de King resultou na já famosíssima pequena obra-prima de De Palma. Trata de dois temas caros ao escritor: fana-

tismo religioso e poderes sobrenaturais. Grande parte da força do filme é depositada nas interpretações de Sissy Spacek e Piper Laurie, excelentes como filha e mãe. Piper, carregada de traumas sexuais, incute em sua adolescente filha Carrie que homem e sexo são pecados, castigados por Deus com o sangue da masturbação. Educando-a em clima de repressão e devoção à cruz, Carrie logo descobre poder extravasar os seus complexos com a sua capacidade de telecinese. Reações mortais à vista!

violentos, de ordem sexual. Mulheres praticamente mutiladas. Este estranho thriller de suspense, que consegue ao menos instalar o medo, apesar de sempre dar a impressão de estar perdido em algum lugar, fala de um segredo guardado por gerações, uma aberração monstruosa associada a uma família devota de rituais negros. Um jovem sempre pressente a morte, tem reações físicas de quase catatonia e parece manter um contato íntimo demais com o ser sanguinolento. Sem saber do que se trata. Esta comunicação lhe custará muito caro.

LIQUID SKY

(EUA, 1983)

Direção: Slava Tsukerman. Com Anne Carlisle, Paula E. Sheppard, Bob Brady. Videocast.

O clássico da lisergia *new wave*, uma produção *underground* que varreu mundo pelo seu estilo extravagante. Todo em cores e efeitos fluorescentes, com trilha sonora eletrônica das mais interessantes, prova, antes de mais nada, como as modas contemporâneas são cada vez mais passageiras. O filme já pode ser considerado esteticamente ultrapassado — o que em nada diminui a sua originalidade e ousadia. Anne Carlisle, em papel duplo, interpreta uma punk lésbica que percebe que seu apartamento foi gentilmente invadido por um ovni. E passa a ter uma associação estranha com os extraterrestres — ela transa com as pessoas e, ao atingirem o orgasmo, os ETs matam para lhes absorver certa enzima. Carlisle, em sua debilidade nihilista, acha tudo muito divertido. Até decidir fazer parte deles.

LAÇOS DE SANGUE

(Blood Link, EUA, 1983)

Direção: Albert De Martino. Com Michael Moriarty, Cameron Mitchell, Geraldine Fitzgerald. F.J. Lucas.

Assim como Laura Mars, o



personagem de Moriarty passa a ter visões de assassinos reais a partir dos olhos do assassino. Mas aqui se trata de algo mais palpável quando ele descobre que há algo de estranho: as vítimas são sempre mulheres idosas e o assassino tem a sua cara. Deixando o filme rolar um pouco, conclui-se que o assassino é seu irmão gêmeo e siamês. Ambos foram separados durante a infância e um encarna o Bem e o outro, o Mal. Fácil deduzir o que acontecerá. Até a conclusão, o bonzinho sofrerá na carne as ações de seu neptado. E o diretor, de talento quase nulo, realiza o seu melhor filme, onde ele apenas ameaça por tudo a perder. O resultado é regular.

SHADOW PLAY

(EUA, 1986)

Direção: Susan Shadburne. Com Dee Wallace, Cloris Leachman, Delia Salvi. Mega. Drama de suspense de abordagem feminina, considerado pela diretora como um "mistério romântico". Wallace é uma dramaturga que há sete anos vive obcecada com a trágica morte de seu noivo. Não conseguindo mais trabalhar e se concentrar em Manhattan, ela vai à cidade praieira onde mora a família dele e onde ele morreu. Aí começa a morbidez: envolta pelos objetos do noivo, ela por vezes é possuída por ele, ou tem visões ou audições do além que lhe

inspiram as primeiras linhas de poesia. Wallace, num limbo entre o racional e a loucura, não sabe mais de que mundo participar, pois ainda ama o homem de sua vida. Esta morbidez romântica tem o seu ápice com os desagradáveis versos que o filme insiste em compartilhar com o espectador. O amor é tanto que Wallace rima excremento com encantamento...

MAXIE

(EUA, 1985)

Direção: Paul Aaron. Com Glenn Close, Mandy Patinkin, Ruth Gordon. RCA-Columbia. Maxie foi uma atriz do cinema mudo que morreu num acidente de carro quando sua carreira estava começando a ascender. A sua alma, inquieta e irresolvida, permaneceu no limbo. Até que, nesta década, um lindo e pacato casal jovem decide se mudar para onde ela morava. Maxie não se faz de rogada e encarna no corpo da pudica esposa. A reencarnação vem de encomenda para uma comédia de mal-entendidos típica do cinema mudo. Chance para Glenn Close brilhar tanto como a extrovertida e desbocada Maxie quanto como a esposa trabalhadora. Através dela, Maxie tentará novamente o cinema. Última aparição, emocionante, de Ruth Gordon.

Seleção e resenhas por Christian Petermann

CABEÇAS CORTADAS

POR INCRÍVEL QUE PAREÇA

(Brasil, 1986)

Direção: Umberto Molo. Com Tim Rescala, Theresa Mascarenhas, Jofre Soares, Gianfrancesco Guarnieri. Manchete.

O ator cômico Rescala marca bem o tom farsesco desta rara ficção científica nacional. Ele é um funcionário de usina nuclear que fica preso no banheiro quando de um acidente. Contaminado, é levado para o hospital por uma ambulância. Esta bate contra o poste. E Rescala vira corpo e cabeça. É a sua cabeça, separada, que irá passar por várias aventuras, geralmente românticas ou cômicas, mas que infelizmente resvalam em discussões sociais sentimentalóides em torno dos marginais da sociedade. Alguns momentos inspirados e a sinceridade da direção o fazem recomendável, mas é uma obra que não se

define. Os efeitos de cabeça separada são satisfatórios.

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS — O CASTIGO

(Amazing Stories, EUA, 1986)
Direção: Robert Zemeckis. Com Christopher Lloyd, Scott Coffrey, Mary Stuart Masterson. CIC.

Mais um caso de cabeça separada do corpo. Neste último episódio do filme no estilo *Além da Imaginação*, dois alunos decidem se vingar de um professor carrasco com um feitiço que o fará ficar em duas partes. A magia negra deixa os pupilos em maus lençóis. Apesar de Zemeckis ter realizado *Tudo por uma Esmeralda* e *De Volta para o Futuro*, o episódio não satisfaz muito. Ainda assim, é o único mais próximo do terror, em clima de pesadelo, fechando a trilogia de histórias fúteis.

LIGAÇÕES PERIGOSAS

INCUBUS

(Canadá, 1982)

Direção: John Houg. Com John Cassavetes, Kerrie Keane, He-

len Hughes. Transvídeo.

Numa cidadezinha de Wisconsin começam a ocorrer assassinatos extremamente

SIGA ESSA TRILHA!

Apresentando DANIELE DAUMERIE
nas músicas
"Chorando no Campo", "Escola de Crime" e "Cartão Postal"



TRILHA SONORA ORIGINAL
INCLUINDO
"NINGUEM É UMA ILHA"

O MISTÉRIO NO
COLEGIO
BRASIL

LANÇAMENTO EM DISCOS E FITAS



DICIONÁRIO DE CINEASTAS

Para todos aqueles que apreciam o cinema no Brasil, o crítico Rubens Ewald Filho tem um valor solitário e inegável. Nascido em Santos, há 45 anos, formou-se antes um fã que um cientista da sétima arte. Desde menino cultiva o hábito que mantém até hoje. Contar os filmes a que assiste. Até agosto deste ano, o placar acusava 9 515 filmes vistos. Como crítico, atividade que exerce há 21 anos, Ewald informa mais sobre a carreira de atores e diretores do que sobre a decupagem clássica e os meandros da semiótica. E, em sua especialidade, é um dos melhores do Brasil.

Esta segunda edição (revista, corrigida e ampliada) de seu *Dicionário de Cineastas* demonstra a utilidade do trabalho que ele realiza. São 612 páginas com mais de 1 300 biografias de diretores e produtores estrangeiros (para breve o autor lança um segundo volume, só com nomes brasileiros) mais a filmografia de cada um, além de um apêndice com todos os vencedores do Oscar e dos seis festivais mais importantes da atualidade. Uma obra de referência que vale por si mesma e vale um pouco mais por ser única: não há nada parecido editado no país.

Os textos são breves, concisos.

Poucos diretores mereceram mais que uma coluna (ou meia página). Casos raríssimos, o italiano Ettore Scola e o americano John Huston receberam, entre biografia e filmografia, quase duas páginas cada. Gênios como Orson Welles, Chaplin e Eisenstein ficaram na média. Já William Hanna, em contrapartida, ganhou apenas uma linha: "Ver indicação Barbera, Joseph". Quando vai ao verbete indicado, o leitor pode se decepcionar: descobre apenas que Hanna é sócio de Barbera.

De fato, apesar do ineditismo, o dicionário traz certas lacunas. Se na primeira versão do *Dicionário* foi esquecido o nome de George Lucas, desta vez há outras ausências. (A possibilidade é admitida por Ewald na apresentação.) Entre as ausências estão nomes importantes como Percy Adlon, que dirigiu *Out of Rosenheim*, ganhador do Tucano de Ouro do *FestRio* do ano passado e que faz sucesso na Europa com o título *Bagdad Café*. Também não aparecem Bigas Luna e Russell Mulcahy. O primeiro, espanhol, dirigiu *Reborn*, com Dennis Hopper. O segundo, australiano, é o diretor de *Razorback* e *Highlander* — *O Guerreiro Imortal*.

Há ainda falhas menores, como dar dois anos diferentes para o mesmo filme (1968 e 1969 para *Stereo*), mencionado duas vezes no verbete

David Cronenberg; o filme *Beetlejuice*, de Tim Burton, grafado como *Beethe Juice Gelfren*; *Phantasm II*, de Don Coscarelli, lançado somente este semestre nos EUA, aparece com a data estranha de 1979.

São, no entanto, escorregões menores. A apreciação de todos que tenham em mãos o *Dicionário de Cineastas* é francamente positiva. Os leitores podem descobrir que atores cometeram direções, como Marlon Brando, James Cagney, Gérard Depardieu e Anne Bancroft. Ou refrescar a memória e lembrar que o célebre Elia Kazan, na época do Macarthismo, denunciava comunistas. Ou ainda saber que Alan Arkin, durante os anos 70, batalhou sem sucesso para vir filmar no Brasil a vida do curandeiro José Arigó. A concisão e a fantástica quantidade de informações fazem deste livro um volume obrigatório

DICIONÁRIO DE CINEASTAS, de Rubens Ewald Filho — Ed. L&PM, 612 págs.

ROTEIRO DO FILME FELIZ ANO VELHO

Roteiro do Filme Feliz Ano Velho tem tudo para vender bastante. Malu Mader e Marcos Breda, os astros globais que protagonizam o filme, vêm estampados na capa. O livro original de Marcelo Rubens Paiva já conta com 600 000 exemplares vendidos e um número incalculável de cultuadores. O filme entrou em cartaz há um mês, exatamente quando *Roteiro* chegou às vitrines das livrarias.

Mas, se tem atributos para ser vendido, *Roteiro do Filme Feliz Ano Velho* também tem seus defeitos. Para quem viu o filme, o livro pode ser constrangedor. Há diálogos inteiros que não aparecem no filme, há vazios verdadeiramente imperdoáveis. A ficha técnica do filme, por exemplo, aparece incompleta na edição de *Roteiro*. Além disso, não há no texto indicações de filmagem — dados que integram qualquer roteiro de cinema e que seriam particularmente úteis para um público leitor que praticamente nunca lê roteiros. Talvez pa-

ra Roberto Gervitz, autor de *Roteiro* e diretor do filme, as informações técnicas sobre cada uma das seqüências fossem dispensáveis. Ele devia ter tudo de cabeça, pois pensou seu filme, que é bom, ao longo de seis anos. Mas, para aqueles que querem entender o que seja um roteiro, a edição é o mesmo que nada. Resta o encanto de uma adaptação livre, inteligente, que reproduz em diálogos e em estrutura ousada o *best seller* de Paiva. Aos que buscam apenas os diálogos dos personagens, *Roteiro* pode satisfazer.

Deborah Peleias

ROTEIRO DO FILME FELIZ ANO VELHO, de Roberto Gervitz — Ed. Brasiliense, 184 págs.

HOLLYWOOD — ENTREVISTAS DE MICHEL CIMENT

O francês Michel Ciment entrevistou seis grandes diretores que se deixaram seduzir pelo fascínio de Hollywood. Para descobrir as razões que levam um cineasta a trabalhar na indústria americana, adotou um procedimento original: contrapor as idéias de três diretores nascidos nos grandes estúdios — Billy Wilder, John Huston e Joseph Mankiewicz — com as de três formados em escolas de cinema — Milos Forman, Roman Polansky e Wim Wenders. *Hollywood — Entrevistas* não é apenas um amontoado de dados, tipo vida e obra, mas uma conversa séria sobre cinema. Michel Ciment demonstra conhecer detalhadamente os métodos de produção e estilos de cada um dos entrevistados, além da política implacável das companhias cinematográficas.

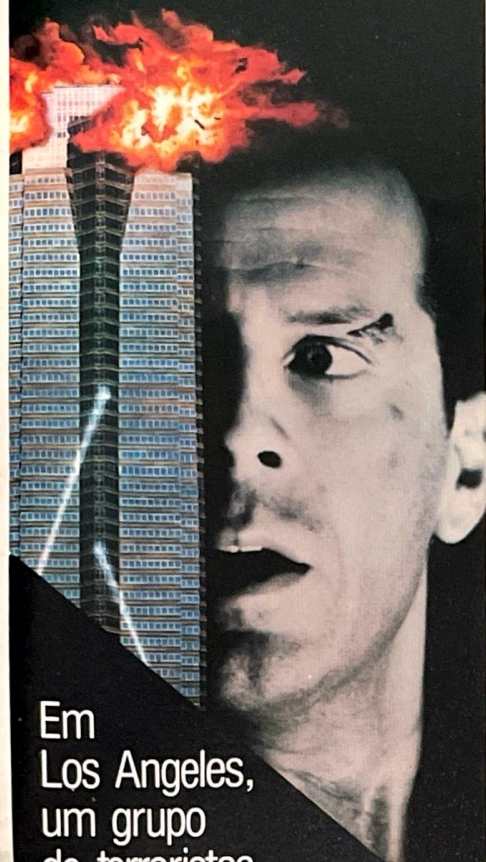
Os depoimentos foram publicados originalmente na revista francesa *Positif*, e isso talvez explique a repetição, de um entrevistado para outro, de alguns assuntos. Falhas como essa seriam evitadas com um mínimo cuidado, tanto do autor como da editora que o publicou. Deborah Peleias

HOLLYWOOD — ENTREVISTAS DE MICHEL CIMENT — Trad. Elcio Fernandes — revisão técnica Sheila Schwarzman — Ed. Brasiliense, 350 págs.



Rubens Ewald abraça Roberto Gervitz no lançamento de seu dicionário

**40 ANDARES
DE PURA
AVENTURA!**



Em Los Angeles, um grupo de terroristas invadiu um arranha-céu, apoderou-se de reféns e declarou guerra.

Um homem conseguiu escapar...

Ele era a única salvação.

BRUCE WILLIS
DURO DE MATAR "DIE HARD"

ALAN RICKMAN • ALEXANDER GODUNOV • BONNIE BEDELIA

Dirigido por JOHN McTIERNAN

DOLBY STEREO



**LANÇAMENTO
NACIONAL
27 DE OUTUBRO**

TRILHAS

OS SUCESSOS ANTIGOS

Uma coleção da CBS, Hollywood Series, traz canções eternas de velhos filmes

À medida que o mercado fonográfico brasileiro foi assimilando o consumo de trilhas cinematográficas, foi crescendo o número de lançamentos no setor, até tornar-se praticamente praxe o surgimento dos famigerados "pacotes" de títulos, que usualmente pouca coerência vêm apresentando em seus critérios de seleção, além de uma notória falta de ousadia.

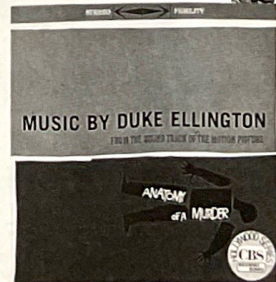
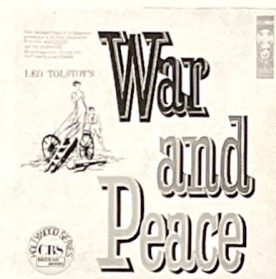
Esta coleção — estampada com o selo *Hollywood Series* e lançada pela CBS em edição limitada pelas lojas Brenno Rossi — consegue escapar destas duas arapucas simultaneamente, ao reunir as trilhas de filmes lançados há pelo menos uma década e meia, mas cuja música persevera (estando ou não aliada à imagem), tanto por sua qualidade como pela consagração das platéias. Uma coleção de prêmios.

Começemos, porém, pela única que conseguiu abocanhar um Oscar: a de *A Ponte do Rio Kwai* (1957), composta pelo inglês Malcolm Arnold — apenas uma das várias estatuetas que seu conterrâneo, o diretor David Lean, obteve nesta sua empreitada —, na qual se destaca o medley "The River Kwai March; Colonel Bogey", a cargo de Mitch Miller and His Orchestra. Mas ainda há mais... muito mais: basta ouvir a usina sonora da orquestra de Duke Ellington musicando o thriller *Anatomia de um Crime* (1959), do diretor austro-americano Otto Preminger. E não duvide que a música seja melhor que o próprio filme. Caso seme-

lhante ocorre com o compositor russo, naturalizado americano, Dimitri Tiomkin: suas melodias — ocasionalmente em parceria com o letrista Paul Francis Webster — conseguem não só suavizar a mão pesada de John Wayne na direção de *O Álamo* (1959, filme no qual Tiomkin obteve duas indicações para o Oscar, melhor trilha e melhor canção com "The Green Leaves of Summer") como também corresponder à fama da epopéia de *Os Canhões de Navarone* (1961), do obscuro diretor inglês J. Lee Thompson. O mesmo ocorre com o compositor/maestro/pianista francês Michel Legrand, que junto à Orquestra Sinfônica de Londres consegue se tornar mais célebre que os próprios cineastas de *Os Guarda-Chuvas do Amor* (1964, do também francês Jacques Demy) e *O Mensageiro* (1971, do americano Joseph Losey). Vale citar que ambos os filmes ganharam a Palma de Ouro em Cannes.

E, para finalizar, há como curiosidade o "general da banda" felliniana — Nino Rota — tramando a trilha para a superprodução de Dino de Lauretis do épico de Tolstoy, *Guerra e Paz* (1956, o penúltimo filme do americano King Vidor, antes de se aposentar), sob as batutas de Franco Ferrara (pois o autor com certeza estava envolvido com *As Noites de Cabíria*). E, como surpresa no vinil, a música que o grego Mikis Theodorakis compôs para *Z* (1968, Oscar de melhor filme estrangeiro) — o thriller político de seu compatriota Costa-Gavras —, utilizando-se de temas essencialmente regionais para construir algo bem mais abrangente, que transcende o simples rótulo de trilha cinematográfica para se afirmar com vida própria. Em suma, sete biscoitos finos para os mais diversos paladares.

Celso Pucci



CHEGOU!

Em Onde Dói Mais? rir ainda é o melhor remédio. Nessa hilariante comédia Peter Sellers se vê envolvido nas loucas aventuras do Dr. Hopfnagel, o diretor de um hospital ameaçado por um paciente inconformado que sofreu uma operação de apêndice, quando o motivo de sua consulta era apenas tirar uma chapa de raio-X. Mas o Dr. Hopfnagel é um médico corrupto e capaz de criar as mais alucinadas saídas para se manter na direção desse hospital maluco, onde acontece até mesmo uma exótica festa mexicana. Se você ficar doente, não entre neste hospital... Você corre um sério risco de morrer de rir!

ONDE DOIT-IL ÊTRE ? MAIS ?

FILME INÈDITO!

Um filme selado pela qualidade Herbert Richers,
com imagens cinematográficas e legendado eletronicamente.

J Á À V E N D A

Rua Conde de Bonfim, 1337
CEP 20530 - Rio de Janeiro
Telefone: (021) 288-8142
Telex: (021) 30255

HERBERT RICHES

por Adilson Laranjeira

RASTROS DE ÓDIO

(The Searchers, 1956)

O melhor western de John Ford, talvez o melhor western de todos os tempos, não é, como habitualmente se pensa, *No Tempo das Diligências* (*Stagecoach*, 1939). O melhor western de John Ford e talvez o melhor western de todos os tempos é *Rastros de Ódio* (*The Searchers*, 1956). Por vários motivos que no conjunto fazem dele aquilo que é: a essência do gênero, a conjugação dos elementos principais contidos na obra fordiana e finalmente o principal — a perfeita mistura de emoção, ação e ritmo. Condições indispensáveis aos filmes deste tipo, que são os mais representativos da própria história do cinema americano.

Começa como se fosse uma ópera, com a porta que se abre na tela escura para mostrar a paisagem mais freqüente na obra do diretor: a do Monument Valley, no Estado de Utah — onde Ford rodou os exteriores de seus westerns principais —, no meio da qual um homem vem a cavalo. É Ethan Edwards (John Wayne), de volta para casa, o rancho do irmão, dois anos depois da Guerra Civil perdida por ele e os outros confederados. À procura de suas raízes, de um lugar que provavelmente não encontrará, uma vez que as coisas às quais dá valor — a honra, o orgulho, a auto-suficiência — não existem mais, segundo sua própria avaliação.

Mas enfim a volta representa a chegada onde há um pouco dele mesmo. Seu irmão, os sobrinhos e a cunhada, esta o grande amor de sua vida, como fica claro pelos olhares trocados pelos dois e por uma sequência clássica onde

ela acaricia o casaco dele, pensando que ninguém está vendo. Um mundo, no entanto, que logo em seguida será destruído pelos índios comanches, que matam os adultos e raptam duas meninas da casa (os momentos que antecedem o ataque dos índios, ao anoitecer, são inesquecíveis: o brilho do sol faiscando provavelmente numa faca; aves que repentinamente voam; silêncio entrecortado por pios suspeitos de aves que não poderiam estar naquele lugar naquela hora).

Da busca dessas duas mulheres, durante cinco anos, emerge um filme que representa o auge da capacidade do diretor em aproveitar os elementos clássicos do gênero do qual foi mestre: os espaços abertos; as relações entre homens rudes; o sentimento de solidariedade dos pioneiros; a esperança inquebrantável das mulheres de que todos estão construindo uma grande nação para o futuro (Ford era republicano fanático); a perseverança; a luta do homem branco contra os índios (mais tarde, em 1964, em *Crepúsculo de uma Raça*/*Cheyenne Autumn*, Ford repensou a situação dos índios e fez um filme em homenagem a eles); a desilusão do homem que perdeu a fé em tudo (Ethan, interrompendo o funeral do irmão e da cunhada — “Não há tempo para amém” — para sair atrás dos índios assassinos); o amor no seu estado puro (a afeição entre Martin Pawley/Jeffrey Hunter e Laurie Jorgensen/Vera Miles, que resiste durante anos com ela esperando que Martin volte da perseguição aos índios em companhia de Et-

han). E principalmente a figura de Ethan Edwards, a concisão perfeita dos personagens que foram heróis dos westerns do diretor: duro, desiludido, com valores morais próprios, humilhado pela derrota do Sul. E que não hesitará em matar a própria sobrinha (Natalie Wood), a única que ficou viva com os índios, porque a acha impura após conviver tanto tempo com eles. Até que se vê colocado entre o sentimento de raiva e os valores humanos que restaram nessa personalidade talhada na desilusão. Conflito do qual resulta o momento mais emocionante do filme, o que fez Godard chorar (apesar de detestar John Wayne).

Elementos de um filme inesquecível, que termina da mesma maneira que começou: com a porta que se fecha para a imensidão do espaço aberto, deixando Ethan de fora. No lugar dele, ao relento, o único possível para o seu individualismo.

FT

Adilson Laranjeira é crítico de cinema e editor-responsável da *Folha da Tarde*

Cartaz original de *Rastros de Ódio*





EDITORA AZUL

Editor e Diretor:
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Sílvia Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor: Eugênio Bucci
Editor Assistente: José Geraldo Couto
Secretário de Redação: Dilton P. Gomes
Assistente de Redação: Walter Silva
Assessor Especial: Alex Antunes

ARTE

Editor de Arte: Michel Spitalé
Chefe de Estúdio: Deise Bitinas
Diagramadores: Angelo de C. Asson, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Pepe Escobar, Eva Joory e Jader de Oliveira (Londres), Silvano Michelino e Adilson Nunes (Paris)

Colaboradores

Texto: Adilson Laranjeira, Antonio Querino Neto, Bia Abramo, Brenda Fucuta, Celso Pucci, Cesar Garcia Lima, Christian Pertermann, Daniel Benevides, Daniela Cláudia Beccaccia, David França Mendes, Deborah Peleias, Donald Ranvaud, Eliana Thomé de Souza, Karin Nielsen, Marcel Plasse, Marcia Regina de Godoy, Noelly Russo, Paulo Capuzzo, Sérgio Figueiredo, Tato Coutinho, Walter Silva
Fotos: Pedro Gomes
Arte: Cesar Togashi

Revisão e Preparação de Textos: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE

Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP - Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Helen Frondi, Iracema Marques Gil, Renata Dogliotti, Tânia Polo Resende

RJ - Gerente: Getúlio Torres

Contato: Elza Marques

Coordenação Gráfica:

Gerente: Edna K. Bunico

Coordenador: José Soares A. Santos

Representantes:

Porto Alegre: 3 R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-8591

Belo Horizonte: Republicar Ltda. Fone (031) 463-4666

Brasília: Oleno Leite Filho. Fone (061) 213-6258

Serviços Editoriais

Abril Press - Gerente: Judith Baroni; Escritórios - Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42 66 31 18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42 66 13 99

Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Auta Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes

Gerente de Produto: José Carlos Boldarine

Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil

Promoção: Sonia M. Amaral

EDITORA AZUL

Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096, Telex (011) 26070. Telegramas: Editabril/Abrilpress. Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Circulação desta revista, outubro. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

QUALIDADE INTERNACIONAL

Sou leitor desde o primeiro número da revista SET, que considero excelente, no nível das melhores da Europa. Por isso, sugiro que a SET passe a incluir uma coluna com os endereços das mais famosas personagens do cinema.

Rui Vicente

(Porto — Portugal)

SET chegou e inovou. Deu uma guinada geral em tudo que se havia feito sobre cinema na imprensa brasileira. Especialmente as edições 7, 8, 12 e 13 estão incríveis. Cotação 5 estrelas.

Albimar Garrido Sales

(São Luís — MA)

Quero parabenizar SET pelo bom nível das matérias, o excelente visual e a crítica sem sensacionalismo dos filmes e fitas de vídeo, que me auxiliam a optar com mais clareza pelos melhores. Na minha cidade, embora haja um bom número de videolocadoras, ainda encontro dificuldades em conseguir as fitas recém-lançadas.

Laeuza Lúcia S. Farias

(Maceió — AL)

BOLSA POLÊMICA

Repudio esta nova seção *Bolsa de Cinema e Vídeo SET*. Acredito que muitos não viram nem metade dos filmes citados, votando assim mesmo. Daí a razão de um filme como o sensível e amargo *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen, uma pequena obra-prima, apresentar 14% entre regular e ruim. Enquanto isso, lixos comerciais como *Três Solteiros e um Bebê* apresentam mais

de 70% entre ótimo e bom. Caros amigos cinéfilos, vamos analisar os filmes mais detalhadamente, para depois fazer nossos comentários, OK?

Hsu Chien

(Rio de Janeiro — RJ)

TROCANDO EM MIÚDOS

Gosto muitíssimo da SET, mas muitas vezes fica difícil o entendimento de alguns artigos quando nos deparamos com muitas expressões e palavras técnicas do cinema. O que são *cult movies*, por exemplo? Aproveito para sugerir que a revista lance um glossário com palavras e expressões próprias do cinema.

Daumir Aparecido das Neves

(São José dos Campos — SP)

A ideia de um glossário, ou algo parecido, está sendo cogitada pela redação. Quanto à expressão *cult movie*, que parece ter virado moda ultimamente, refere-se a um filme que, por algum motivo, tornou-se objeto de culto por parte de grupos mais ou menos numerosos de espectadores. O qualificativo *cult* acabou se estendendo também a atores, diretores etc., preservando o mesmo sentido.

ESCOLHA DAS FICHAS

SET é a mais completa revista de cinema do Brasil, mas tenho uma crítica. Não se justifica a inclusão, entre as fichas de cine e vídeo, de filmes como *Projeto Secreto* — *Macacos*, *Joga a Mamãe do Trem* ou *Tocaia*. São filmes de consumo rápido, que não ficam sequer um mês em cartaz e logo ninguém se lembra mais. Ponham obras clássicas, de

conteúdo, ou que marcaram época.

Yuri Kramer

(São Paulo — SP)

CINEMAS APRESSADINHOS

Gostaria de fazer uma reclamação contra os cinemas do centro de São Paulo, que deixam tão pouco tempo em cartaz bons filmes como *Namorada de Aluguel*, *Tal Pai, Tal Filho* e *O Rei da Paquera*.

Alessandro B. de Souza

(São Paulo — SP)

CORREIO ENTRE OS LEITORES

Compro material sobre o grande astro Michael J. Fox. Endereço: Rua Olegário Maciel, 543, apto. 602, Uberlândia — MG. CEP: 38400.

Rossani Vilela S. Filho

Quero me corresponder com pessoas interessadas em cinema em geral. Endereço: Travessa Florival Oliveira, 1737, Itabaiana — SE. CEP: 49500.

Arnô Gois dos Santos

Troco fotos e reportagens sobre os atores Arnold Schwarzenegger, Sylvester Stallone, Harrison Ford, e muitos outros, por fotos das atrizes Marilyn Monroe, Judy Garland, Jane Russell, Grace Kelly, Ingrid Bergman etc., ou letras de canções famosas de grandes filmes. Endereço: Av. Sapopemba, 11184, Parque Santa Madalena, São Paulo — SP. CEP: 03924.

Sandro Mekáru

Comunicamos a fundação do fã-clubê Stallone's Star Club. Queremos nos corresponder com fãs de Stallone, de Schwarzenegger e de filmes de terror. Endere-

ço: Rua Tapajós, 115, Centro, Anápolis — GO. CEP: 77100.

Simplemente uma simpatia a entrevista com Harrison Ford (SET n.º 8, ano 2). Quero muito mais! Tudo que possa transmitir o talento, o charme e o bom astral deste herói. Tenho uma tonelada de material nacional e estrangeiro sobre atores, desde os da década de 40 até os atuais, para vender, trocar ou barganhar. Endereço: Av. Senador Lacerda Franco, 757, Itabira — SP. CEP: 13250.

Ana Lúcia Polessi

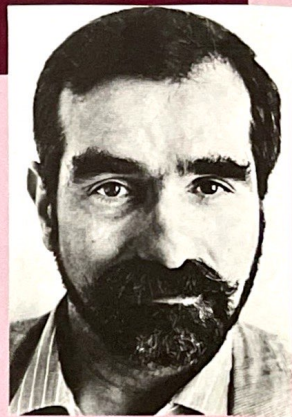
ERRAMOS

Na ficha do filme *Império do Sol* (SET n.º 7, ano 2), há dois erros, ambos apontados por Jandyr Ferreira dos Santos Jr. (Curitiba — PR): o ano de produção de *Tubarão* é 1975, e não 1985, e o de *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* é 1977, e não 1970. No mesmo número da revista, na crítica do vídeo *Chamas de Vingança*, está escrito que *A Fúria*, de Brian De Palma, é baseado numa obra de Stephen King. Na verdade, o filme é inspirado no livro homônimo de John Farris, como notaram diversos "palmaníacos". Ainda na mesma edição, no expediente da revista, faltou creditar entre os colaboradores Patrícia Barcellos, que deu as informações para a nota "Aventura na Amazônia", publicada em *Takes*.

Cartas para: Editor da SET, Av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP: 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

MARTIN SCORSESE

Nascido a 17 de novembro de 1942 em Nova York.



1963: WHAT'S A NICE GIRL LIKE YOU DOING IN A PLACE LIKE THIS? (curta-metragem) ■ 1964: IT'S NOT JUST YOU, MURRAY (curta) ■ 1967: THE BIG SHAVE (curta) ■ 1968: WHO'S THAT KNOCKING AT MY DOOR? ■ 1970: STREET SCENES (documentário de média-metragem) ■ 1972: SEXY E MARGINAL (*Mean Streets*) ■ 1974: ALICE NÃO MORA MAIS AQUI (*Alice Doesn't Live Here Anymore*) ■ 1974/75: ITALIANAMERICAN (curta) ■ 1976: TAXI DRIVER — MOTORISTA DE TÁXI (*Taxi Driver*) ■ 1977: NEW YORK, NEW YORK (*New York, New York*) ■ 1978: O ÚLTIMO CONCERTO DE ROCK (*The Last Waltz*, documentário); AMERICAN BOY: A PROFILE OF STEVEN PRINCE (curta) ■ 1980: TOURO INDOMÁVEL (*Raging Bull*) ■ 1983: O REI DA COMÉDIA (*The King of Comedy*) ■ 1985: DEPOIS DE HORAS (*After Hours*) ■ 1986: A COR DO DINHEIRO (*The Color of Money*); MIRROR, MIRROR (episódio da série de TV *Amazing Stories*) ■ 1988: A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO (*The Last Temptation of Christ*).

MARLENE DIETRICH

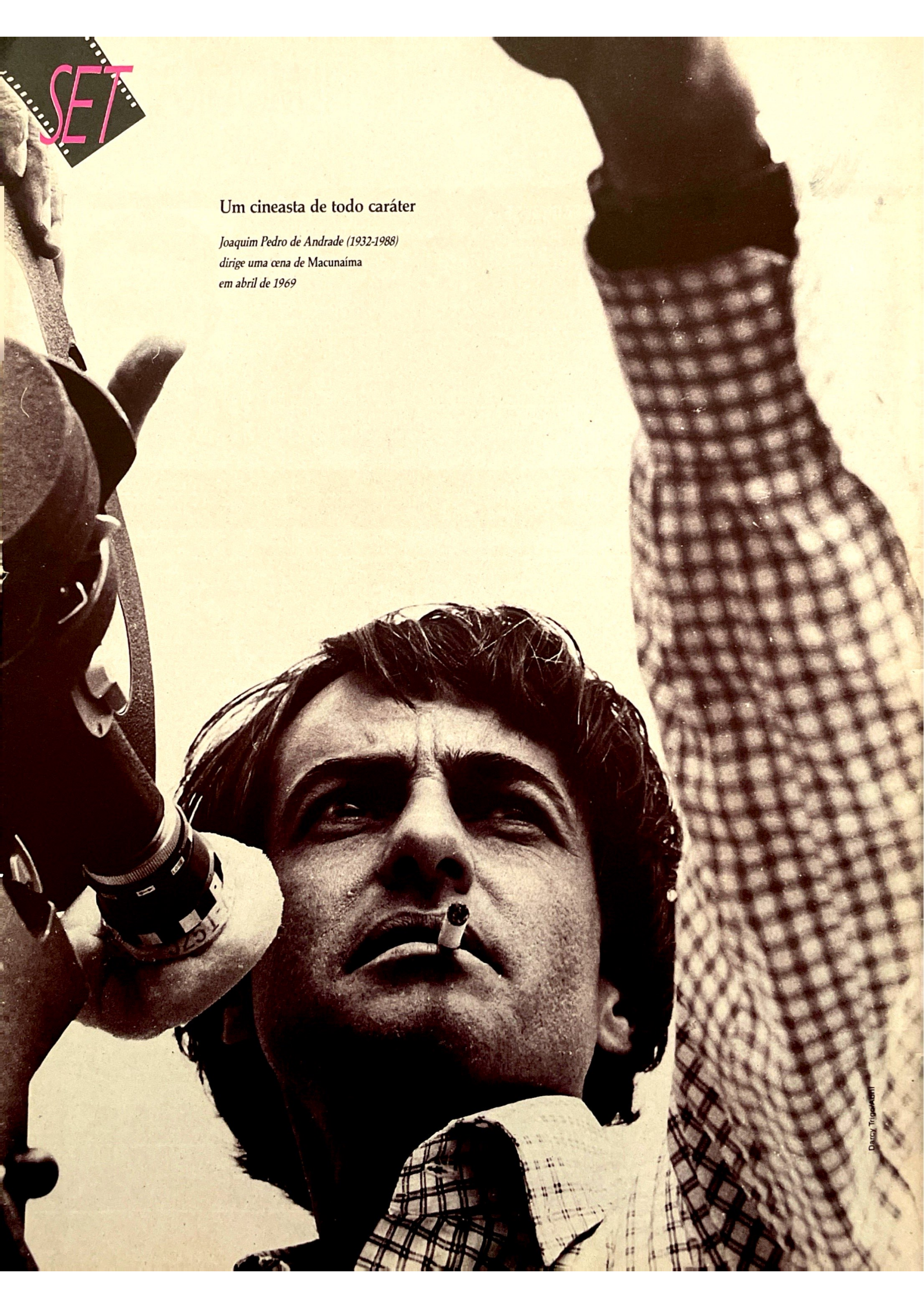
Nascida Maria Magdalene Dietrich von Losch a 27 de dezembro de 1901 em Berlim.

1922: DER KLEINE NAPOLEON ou SO SIND DIE MÄNNER (de Georg Jacoby) ■ 1923: TRAGÖDIE DER LIEBE (de Joe May); DER MENSCH AM WEGE (de Wilhelm Dieterle); DER SPRUNG INS LEBEN (de Johannes Guter) ■ 1925: RUA DAS LÁGRIMAS (*Die Freudlose Gasse*, de Georg W. Pabst) ■ 1926: MANON LESCAUT (*Manon Lescaut*, de Arthur Robinson); A MODERNA DU BARRY (*Eine Du Barry von Heute*, de Alexander Korda); A MADAME NÃO QUER FILHOS (*Madame Wünscht Keine Kinder*, de Alexander Korda); KOPF HOCH, CHARLY! (de Willi Wolff) ■ 1927: O BARÃO IMAGINÁRIO (*Der Juxbaron*, de Willi Wolff); SEINE GRÖSSTER BLUFF ou DER ODER ICH (de Harry Piel); CAFE ELECTRIC ou WENN EIN WEIB DEN WEG VERLIERT (de Gustav Ucicky) ■ 1928: A ARTE DO AMOR (*Prinzessin Olala*, de Robert Land); DIE GLÜCKLICHE MUTTER (documentário de Rudolf Sieber) ■ 1929: O FAVORITO DAS DAMAS (*Ich Küsse Ihre Hand, Madame*, de Robert Land); FLOR DE PAIXÃO (*Die Frau, nach der man sich sehnt*, de Kurt Bernhardt); HOMENS SEM LEI (*Das Schiff der Verlorenen Menschen*, de Maurice Tourneur); NOITES DE AMOR (*Liebesnächte*, de Fred Sauer) ■ 1930: O ANJO AZUL* (*Der Blaue Engel*, de Josef von Sternberg); MARROCOS (*Morocco*, de Josef von Sternberg) ■ 1931: DESONRADA (*Dishonored*, de Josef von Sternberg) ■ 1932: O EXPRESSO DE XANGAI (*Shanghai Express*, de Josef von Sternberg); A VÊNUS LOIRA (*Blonde Venus*, de Josef von Sternberg) ■ 1933: O CÂNTICO DOS CÂNTICOS (*The Song of Songs*, de Rouben Mamoulian) ■ 1934: A IMPERATRIZ GALANTE (*The Scarlet Empress* ou *Her Regiment of Lovers*, de Josef von Sternberg) ■ 1935: MULHER SATÂNICA (*The Devil Is a Woman*, de Josef von Sternberg) ■ 1936: DESEJO (*Desire*, de Frank Borzage); I LOVED A SOLDIER ou HOTEL IMPERIAL (inacabado, de Henry Hathaway); O JARDIM DE ALÁ (*the Garden of Allah*, de Richard Boleslawski) ■ 1937: O AMOR NASCEU DO ÓDIO (*Knight without Armour*, de Jacques Feyder); ANJO (*Angel*, de Ernst Lubitsch) ■ 1939: ATIRE A PRIMEIRA PEDRA (*Destry Rides Again*, de George Marshall) ■ 1940: A PECADORA (*Seven Sinners*, de Tay Garnett) ■ 1941: PAIXÃO FATAL (*The Flame of New Orleans*, de René Clair); AQUELA MULHER (*Manpower*, de Raoul Walsh) ■ 1942: A MÃE SOLTEIRA (*The Lady Is Willing*, de Mitchell Leisen); A INDOMÁVEL (*The Spoilers*, de Ray Enright); ÓDIO E PAIXÃO (*Pittsburgh*, de Lewis Seiler) ■ 1944: EPOPEIA DA ALEGRIA (*Follow the Boys*, de Eddie Sutherland); KISMET (*Kismet*, de William Dieterle) ■ 1946: MULHER PERVERSA (*Martin Roumagnac*, de Georges Lacombe) ■ 1947: CIGANA FEITICEIRA (*Golden Earrings*, de Mitchell Leisen) ■ 1948: A MUNDANA (*A Foreign Affair*, de Billy Wilder) ■ 1949: QUEBRA-CABEÇA (*Jigsaw*, de Fletcher Markle) ■ 1950: PAVOR NOS BASTIDORES (*Stage Fright*, de Alfred Hitchcock) ■ 1951: NA ESTRADA DO CÉU (*No Highway in the Sky*, de Henry Koster) ■ 1952: O DIABO FEITO MULHER (*Rancho Notorious*, de Fritz Lang) ■ 1956: A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS (*Around the World in 80 Days*, de Michael Anderson); ACONTECEU EM MONTE CARLO (*The Monte Carlo Story*, documentário de Samuel A. Taylor) ■ 1958: TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO (*Witness for the Prosecution*, de Billy Wilder); A MARCA DA MALDADE (*Touch of Evil*, de Orson Welles) ■ 1961: JULGAMENTO EM NUREMBERG (*Judgement at Nuremberg*, de Stanley Kramer) ■ 1962: A RAPOSA NEGRA (*The Black Fox*, documentário de Louis Clyde Stoumen, como narradora) ■ 1964: PARIS QUANDO ALUCINA (*Paris When It Sizzles*, de Richard Quine) ■ 1978: APENAS UM GIGOLÔ* (*Just a Gigolo*, de David Hammons) ■ 1984: MARLENE (documentário de Maximilian Schell).



Universal

* Disponível em vídeo.



SET

Um cineasta de todo caráter

*Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988)
dirige uma cena de Macunaíma
em abril de 1969*

**MOMENTOS ESPECIAIS
PEDEM A MACIEZ DE BLENDERS PRIDE.**

Um homem, uma mulher, um lugar especial.
O momento perfeito para a maciez de Blenders Pride.
Blenders Pride é whisky produzido artesanalmente com
malte envelhecido 12 anos em centenária destilaria.
A arte dos blenders em combinar este malte com o melhor
grain whisky resulta na rara maciez de Blenders Pride. Uma
combinação tão especial que é o verdadeiro orgulho
dos blenders. Blenders Pride, uma perfeição que transforma
momentos especiais em horas de inesquecível prazer.

BLENDERS PRIDE
O tempo amaciou para você

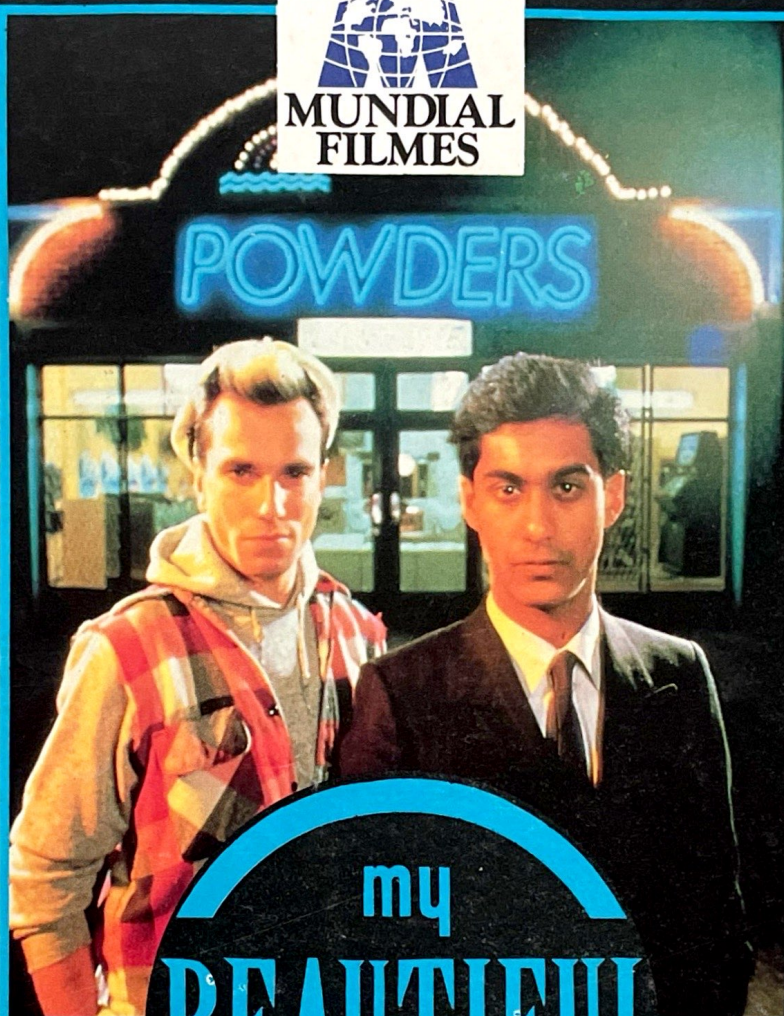


**Qualidade Superior
Seagram**

MUNDIAL
FILMES

Apresenta:

MUNDIAL
FILMES



my
BEAUTIFUL
laundrette



Estrelando
SAEED JAFFREY - ROSHAN SETH - DANIEL DAY LEWIS
GORDON WARNECKE & SHIRLEY ANNE FIELD
Diretor
STEPHEN FREARS

LEGENDAS ELETRÔNICAS EM PORTUGUÊS

REF.: 727 MF

EM CARTAZ NA SUA SALA DE VISITAS